

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO COMUNICAÇÃO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LETRAS
NÍVEL DE MESTRADO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE**

ÊXODO E MISÉRIA: UMA LEITURA DE *VINHAS DA IRA*, *VIDAS SECAS* E *O QUINZE*

**Cascavel – PR
2010**

SAMUEL CARLOS WIEDEMANN

ÊXODO E MISÉRIA: UMA LEITURA DE *VINHAS DA IRA*, *VIDAS SECAS* E *O QUINZE*

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, na área de concentração “Linguagem e Sociedade” e linha de pesquisa “Linguagem Literária e Interfaces Sociais: estudos comparados”.

Orientadora: Professora Doutora Clarice Lottermann.

CASCADEL - PR

2010

Ficha catalográfica
Elaborada pela Biblioteca Central do Campus de Cascavel – Unioeste

W638e Wiedemann, Samuel Carlos

Êxodo e miséria: uma leitura de *Vinhas da Ira*, *Vidas Secas* e *O Quinze*. / Samuel Carlos Wiedemann.— Cascavel, PR: UNIOESTE, 2010.

132 f. ; 30 cm

Orientadora: Profa. Dra. Clarice Lottermann
Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

Bibliografia.

1. Êxodo. 2. Miséria. 3. *Vidas Secas*. 4. *Vinhas da Ira*. 5. *O Vinho*.
I. Lottermann, Clarice. II. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. III. Título.

CDD 21ed. 401.41

Bibliotecária: Jeanine da Silva Barros CRB-9/1362

Dedico este trabalho à minha amada esposa,
Ângela Paloma Zelli Wiedemann.

Agradeço à minha orientadora, Clarice Lottermann, por sua orientação pertinente.

Agradeço também à Rita das Graças Felix Fortes, por me apoiar com paciência e persistência.

Agradeço à Universidade Estadual do Oeste do Paraná, especificamente ao Curso de Mestrado em Letras, seus professores e funcionários.

Agradeço à minha esposa, Ângela Paloma Zelli Wiedemann, que sempre me auxiliou quando precisei, e à minha filha, Luísa Wiedemann.

Agradeço à minha família, em especial, aos meus pais, Guilherme Luiz Wiedemann e Iris Wiedemann, por me darem apoio e incentivo sempre que necessitei. Agradeço, também, aos meus irmãos, Daniel Cristiano Wiedemann e Levi Wiedemann, por sempre acreditarem em mim.

RESUMO

WIEDEMANN, Samuel Carlos. **Êxodo e Miséria: uma leitura de *Vinhas da Ira*, *Vidas Secas* e *O Quinze***. 2010, p.131. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Cascavel, 2010.

Orientadora: Prof. Dra. Clarice Lottermann

A presente dissertação, “Êxodo e Miséria: uma leitura de *Vinhas da Ira*, *Vidas Secas* e *O Quinze*”, tem por objetivo analisar as temáticas da miséria e do êxodo nos romances *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos, *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz e *Vinhas da Ira* (1939), do escritor norte-americano John Steinbeck, buscando aproximações e/ou contraposições no que se refere ao êxodo e à miséria nas referidas obras; conceituando o nomadismo e o que isso implica na organização familiar; percebendo as consequências do êxodo na postura das personagens masculinas, femininas e infantis nas obras supracitadas. Também será analisada a atitude das personagens – seja de conformismo, seja de relutância – a partir das suas concepções religiosas. Esse trabalho de pesquisa está dividido em três capítulos: o primeiro, intitulado “Estrangeiro em sua Terra: o nomadismo em *Vinhas da Ira*, em *Vidas Secas* e em *O Quinze*”, conceitua nomadismo e verifica as implicações deste na história das personagens das obras em análise. Destacam-se como base teórica as obras: *Sobre o Nomadismo: vagabundagens pós-modernas* de Michel Maffessoli (2001); *O Sagrado e o Profano*, de Mircea Eliade (1992); *Céu, Inferno: ensaio de crítica literária e ideológica*, de Alfredo Bosi (2003); *John Steinbeck*, de Warren French (1966) e *Graciliano Ramos*, organizado pela Sônia Brayner (1977). O segundo capítulo, intitulado “A Condição e a Postura Feminina no Caos do Êxodo”, tem por objetivo analisar a postura e a condição feminina frente às adversidades advindas da situação de nomadismo nos romances em análise, tomando como base teórica os livros *Sobrados e Mucambos*, de Gilberto Freyre (1951), *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir (1960), *Um Amor Conquistado: o mito do amor materno*, de Elisabeth Badinter (1980) e *The Brazilian Family* de Antonio Candido (1951). Por fim, no terceiro capítulo, intitulado “O Homem, o Êxodo e o Sentido Religioso”, objetiva-se analisar três aspectos: a postura masculina frente às adversidades resultantes do êxodo e sua relação com a sua imemorial *imago mundi*; o simbolismo religioso presente nos romances em análise – o catolicismo brasileiro e o protestantismo puritano norte-americano –, considerando como a visão religiosa implica uma diferente postura frente às situações de pobreza e miséria e uma breve análise sobre o comportamento e sobre a função social da criança dentro desses romances durante o êxodo. Para esta análise, a base teórica é formada pelos livros *O Catolicismo Popular e a Igreja: conflitos e interações* de Ricardo Luiz de Souza (2008), *A Espiritualidade Norte-Americana na perspectiva de Paul Tillich*, de Carlos Jeremias Klein (2004) e as obras supracitadas de Eliade (1992), Badinter (1980) e Bosi (2003).

ABSTRACT

WIEDEMANN, Samuel Carlos. **Êxodo e Miséria: uma leitura de *Vinhas da ira, Vidas Secas* e *O quinze***. 2010, p. 131. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Cascavel, 2010.

Orientador: Prof. Dra. Clarice Lottermann

This work, "Exodus and Misery: a reading of *Grapes of Wrath*, *Vidas Secas* and *O Quinze*", has the objective of analyzing the issues related to the misery and exodus in the books *Vidas Secas* (1938), by Graciliano Ramos, *O Quinze* (1930), by Rachel de Queiroz and *Grapes of Wrath* (1939), by the American writer John Steinbeck, looking for approaches and/or divergences regarding the exodus and the misery in those works; characterizing the nomadism and what it means to the familiar organization; noticing how the consequences of the exodus influence the posture of female, male and infantile characters in the mentioned books. It is also going to be analyzed the characters attitude – conformism or reluctance – based on their religious conceptions. This research work is divided into three chapters: the first, entitled "Foreigner in his own land: the nomadism in *Grapes of Wrath*, *Vidas Secas* and *O Quinze*", characterize nomadism and verifies its implications to the character histories in the books analyzed. The main works used as the theoretical base are: *Du nomadisme*, by Michel Maffessoli (2001); *The sacred and the profane*, by Mircea Eliade (1992); *Céu, Inferno: ensaio de crítica literária e ideológica*, by Alfredo Bosi (2003); *John Steinbeck*, by Warren French (1966) and *Graciliano Ramos*, organized by Sônia Brayner (1977). The second chapter, titled "The Female Condition and Posture in the Chaos of the Exodus", intend to analyze the women position and condition dealing with the adversities motivated by the nomadism situation in the books analyzed, taking as base the theoretical books *Sobrados e Mucambos*, by Gilberto Freyre (1951), *The second sex*, by Simone de Beauvoir (1960), *The myth of motherhood: An Historical View of the Maternal Instinct*, by Elisabeth Badinter (1980) and *The Brazilian Family* by Antonio Candido (1951). At last, in the third chapter, entitled "The Man, the Exodus and the Religious Sense", has the objective of analyzing three aspects: the male posture in front of the adversity motivated by the exodus and its relationship with its immemorial *imago mundi*; the religious symbolism in the books analyzed – the Brazilian Catholicism and North American Puritan Protestantism –, considering how the religious vision implies in a different posture to situations of poverty and misery; a short analysis about the social function and behavior of the child within those books during the exodus. For this analysis, the theoretical basis is formed by the books *O Catolicismo Popular e a Igreja: conflitos e interações* by Ricardo Luiz de Souza (2008), *A Espiritualidade Norte-Americana na perspectiva de Paul Tillich*, by Carlos Jeremiah Klein (2004) and the aforementioned works of Eliade (1992), Badinter (1980) and Bosi (2003).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....

1 - ESTRANGEIROS EM SUA TERRA: O NOMADISMO EM VINHAS DA IRA, EM VIDAS SECAS E EM O QUINZE.....

1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....

1.2 O NOMADISMO E IDENTIDADE: CONCEITOS.....

1.3 O ROMANCE DE 1930 NO BRASIL.....

1.4 A LITERATURA DOS ANOS 1930 NOS ESTADOS UNIDOS.....

1.5 NOMADISMO E IDENTIDADE EM O QUINZE E EM VIDAS SECAS.....

1.6 NOMADISMO E IDENTIDADE EM VINHAS DA IRA.....

2 – A CONDIÇÃO E A POSTURA FEMININA NO CAOS DO ÊXODO.....

2.1. MULHER: MÃE E ESPOSA.....

2.2. ENTRE A TRADIÇÃO E O NOVO – O CASO DE CONCEIÇÃO.....

2.3. OS DESENCONTROS DE ROSENHARDT E MOCINHA.....

3 – O ÊXODO, O HOMEM E O SENTIDO RELIGIOSO.....

3.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....

3.2 A IMAGU MUNDI ESFACELADA E A CRISE EXISTENCIAL DE FABIANO, DE CHICO BENTO E DO SR. JOAD.....

3.3 CONFORMISMO VERSUS RELUTÂNCIA: O CASO BRASILEIRO E O CASO NORTE-AMERICANO.....

3.4 A QUESTÃO DO INFERNO: UMA REFLEXÃO SOBRE AS CONDIÇÕES DAS CRIANÇAS.....

CONCLUSÃO.....

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....

INTRODUÇÃO

Este trabalho constitui-se em uma pesquisa bibliográfica cujo objetivo é contrapor a temática da miséria e do êxodo nos romances *Vidas Secas* (1938) -- de Graciliano Ramos, *O Quinze* (1930) -- de Rachel de Queiroz e *Vinhas da Ira*¹ (1939) --- do escritor norte-americano John Steinbeck, buscando aproximações e/ou contraposições no que se refere ao êxodo e à miséria nas referidas obras. Para essa análise, é necessário, primeiramente, conceituar nomadismo e o que isso implica na organização familiar, percebendo as consequências do êxodo na postura das personagens masculinas e femininas nas obras supracitadas. Também será analisada a atitude das personagens a partir das suas concepções religiosas, percebendo um sentimento de relutância ou de conformismo.

Embora esses romances tenham sido escritos em contextos diferentes, é possível identificar semelhanças, tais como: as obras retratam o sofrimento familiar devido a fenômenos históricos, meteorológicos ou a aspectos fisiográficos; as obras se atêm à temática do êxodo e da busca do sonho de um futuro melhor. De perspectivas diferentes, a despeito das adversidades, há, na migração, o sonho das personagens de encontrarem um lugar no mundo no qual a vida seja mais viável.

No romance norte-americano *Vinhas da Ira* é relatada a história da família Joad, que, como consequência da quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, em 1929, perdeu suas terras e, conseqüentemente, sua fonte de sobrevivência. Já no contexto brasileiro, o romance *Vidas Secas* se atêm à história da família nordestina de Fabiano, que vive na miséria devido aos fatores climáticos e históricos. Sempre

1 O título *Vinhas da Ira* faz referência à seguinte passagem bíblica de Apocalipse 14:19: “e o anjo meteu a sua foice à terra, e vidimou as uvas da vinha da terra, e lançou no grande lagar da ira de Deus”. Para esse trabalho foi usada a versão da BÍBLIA REVISTA E ATUALIZADA, traduzida por João Ferreira de Almeida, Editora SBB, São Paulo, 1969.

sofrendo com os períodos de secas, a família não consegue se firmar em local algum. Isso demonstra que a situação da família de Fabiano só pode se alterar por meio da migração, já que as condições climáticas e as contingências sociais permanecem imemorialmente as mesmas no contexto do semiárido nordestino. Situação semelhante é tratada em *O Quinze*, cujo foco principal é Chico Bento e sua família – esposa, cunhada e cinco filhos – que, devido à grande seca que ocorreu em 1915, tiveram de migrar em busca da sobrevivência.

No primeiro capítulo desta dissertação – intitulado “Estrangeiro em sua Terra: o nomadismo em *Vinhas da Ira*, em *Vidas Secas* e em *O Quinze*” – serão analisados esses romances sob a perspectiva do nomadismo.

Os conceitos do nomadismo serão abordados, principalmente, a partir das considerações de Mafessoli (2001), na obra *Sobre o Nomadismo: vagabundagens pós-modernas*, o qual afirma que, a propósito do êxodo, a sociedade perde a confiança nos valores estabelecidos e conseqüentemente, a consciência de si mesma. Mafessoli discute o nomadismo contrapondo as culturas sedentárias às nômades. A partir do momento em que um grupo se fixa em algum lugar, então cria para si uma espécie de prisão moral, consolidada através da educação, da identidade e da profissão. Contrariamente a isso, contudo, o movimento, o nomadismo, para os grupos sedentários, implica um questionamento desses valores estabelecidos, gerando, assim, uma crise existencial. Esse conflito de identidades é percebido nas obras *Vidas Secas*, *Vinhas da Ira* e *O Quinze*.

Ainda referente ao nomadismo, na obra *Travessias e Cruzamentos Culturais*, Rodrigues e Kohler (2008) postulam que o êxodo não é somente uma prática de migração geográfica, mas também um processo que interfere na identidade humana. Isso significa que uma família, ao migrar, sofrerá modificações

em sua identidade e em sua posição social.

O livro *O Sagrado e o Profano*, de Mircea Eliade (1992), no que tange aos elementos simbólicos, é usado como suporte teórico para a análise das obras *Vidas Secas*, *O Quinze* e *Vinhas da Ira* no que se refere à importância de perceber traços da herança imemorial do homem religioso no homem moderno – profano. Um desses traços é o fato de que, em muitas sociedades tradicionais, o homem, sempre, buscou viver o mais próximo daquele espaço considerado por ele o Centro do Mundo, sendo que o “nosso mundo” se situa no meio dele. Sob essa perspectiva, o homem, ao perder esse espaço que representa sua *imago mundi*, perde também uma referência simbólica quanto à sua identidade individual e familiar. É necessário ressaltar que, a despeito da distância do homem religioso em relação ao homem atual, este ainda é herdeiro daquele, portanto, mantém, mesmo que inconscientemente, traços simbólicos e religiosos herdados de seus antepassados imemoriais. Como postula Eliade (1992, p. 98), “[...] queira ou não, [o homem atual] conserva ainda os vestígios do comportamento do homem religioso, mas esvaziados do significado. Faça o que fizer, é um herdeiro”.

Já Alfredo Bosi, em *Céu, Inferno: ensaio de crítica literária e ideológica*, (2003), contribui na leitura das obras supracitadas com uma análise acerca dos ciclos climáticos e como eles afetam o homem sertanejo, deixando-o sem perspectivas futuras, restando a ele somente a crença de que algo bom pode acontecer, já que ele não é capaz de compreender a realidade. Bosi também discute a situação da família de Fabiano, destacando a frieza do sistema capitalista que explora o trabalhador, tirando a sua dignidade, a ponto de Fabiano, mesmo tendo afirmado em certo momento que era homem, concluir que ele não o é, mas, sim, um bicho a serviço dos patrões.

No livro *Graciliano Ramos*, organizado pela Sônia Brayner (1977), há uma compilação de alguns dos principais textos analíticos escritos sobre a obra de Graciliano Ramos como um todo. Com relação a *Vidas Secas*, Brayner destaca que a luta pela sobrevivência de Fabiano se pauta no instinto de sobrevivência, já que ele, por não ter um lugar fixo, fica à mercê dos ciclos da seca. A migração para o sul do Brasil é, para Fabiano, uma possibilidade de “[...] realizar objetivamente os valores mínimos a que se propõe” (BRAYNER, 1977, p. 110).

O teórico Warren French (1966), na obra *John Steinbeck*, servirá como suporte teórico para a análise do romance norte-americano *Vinhas da Ira*. Ele argumenta que John Steinbeck, ao escrever *Vinhas da Ira*, não está preocupado somente em criticar o sistema capitalista, que levou a família Joad à miséria, mas em repensar a situação dos migrantes frente aos fazendeiros, que faziam o possível para manter seu *status* de poderosos. Segundo Warren French (1966, p. 105), o grande aprendizado nesse romance norte-americano é saber “olhar para fora”, para o outro, num ato de solidariedade e de altruísmo. Numa leitura profunda da obra, percebe-se que a crítica é para que o homem use do altruísmo para transformar a sociedade e não somente em ideais pautados no egocentrismo.

O segundo capítulo, intitulado “A Condição e a Postura Feminina no Caos do Êxodo”, tem por objetivo analisar a postura e a condição feminina frente às adversidades advindas da situação de nomadismo nos romances em análise. Primeiramente, serão analisadas as personagens casadas e mães – Sinhá Vitória, Cordulina e sra. Joad – observando-se a relação delas para com os maridos e os filhos frente à situação de pobreza e miséria provocadas pelo êxodo. Num segundo momento, o estudo se aterá à condição da personagem Conceição, visto que ela, de certa forma, transita entre a tradição da sociedade patriarcal e uma nova maneira de

se posicionar frente à sociedade enquanto mulher. Por fim serão discutidos os casos de Mocinha e de Rosenhardt, que são mulheres pobres e jovens que, devido à sua condição de miséria, se tornam presas fáceis para os homens, sendo, portanto, exploradas.

O suporte teórico para a análise do segundo capítulo se aterá à obra *Sobrados e Mucambos*, de Gilberto Freyre (1951), na qual o autor discute sobre como a sociedade brasileira foi constituída a partir da dupla moral patriarcal, condicionando a mulher ao ambiente doméstico, enquanto o homem goza de muito mais liberdade. Semelhante postura é verificada no contexto norte-americano. No texto *Happy [?]- wife-and-Motherdom*, de Nellie Y. McKay (2008), a autora afirma que, no sistema patriarcal, as mulheres organizam a família internamente, aparentando grande poder, mas que, externamente, somente o homem tem autoridade. McKay continua o argumento afirmando a existência de uma visão darwiniana da evolução dos gêneros, isto é, uma crença de que as diferenças em relação aos papéis sociais adviria da estrutura biológica de cada sexo. Nesse modelo, acreditava-se que o homem havia evoluído para assumir certas funções públicas e ligadas ao pensamento abstrato, enquanto a evolução da mulher estaria direcionada às atividades práticas relacionadas ao cuidado da casa e dos filhos.

Ainda sobre a moral patriarcal, a teórica Simone de Beauvoir, no livro *O Segundo Sexo* (1960), discorre sobre a situação da mulher, que tem no lar a expressão do seu valor social e, para essa sociedade, a maternidade só tinha valor para mulher casada, pois ser mãe solteira era um objeto de escândalo.

Elisabeth Badinter (1980), em *Um Amor Conquistado: o mito do amor materno*, também discute sobre a condição da mulher, relatando o tímido início da emancipação feminina na França a partir do século XVII, quando algumas mulheres,

que buscavam o saber, negavam a maternidade e o casamento: atitude que, dada a sua inovação, era recriminada. Além da discussão do papel feminino, Badinter também discute, a propósito do sentimento do amor materno, que a criança, no período medieval, tinha pouca importância na família, pois naquele contexto ela poderia significar um transtorno. Isso mostra que a ideia de amor materno contemporâneo não é imemorial, mas que foi construído ao longo do último século. Os vestígios dessa arcaica perspectiva de infância serão abordados na obra em análise.

Antonio Candido (1951), em *The Brazilian Family*, discorre sobre a organização das famílias pobres que, de uma situação caótica e dissoluta, passam a se organizar baseando-se nos valores morais a partir do contato que tiveram com as famílias burguesas. Tendo em vista que predominava o modelo da dupla moral patriarcal, as famílias mais pobres assimilaram-na ao se organizarem em torno dela e este será um dos temas discutidos no presente estudo. A moral patriarcal, tão rígida em relação às mulheres e às moças solteiras, pode ser percebida em relação à personagem Mocinha, em *O Quinze*, que se torna uma presa fácil para os homens que, de alguma forma, a exploram. Dada sua condição de miséria e abandono, ela tem um filho sozinha e passa a pesar sobre ela a pecha de mãe solteira, muito mal vista socialmente.

No terceiro capítulo, cujo título é “O Homem, o Êxodo e o Sentido Religioso”, objetiva analisar três aspectos. Primeiramente será discutido o comportamento de Fabiano, de Chico Bento e do sr. Joad face às adversidades resultantes do êxodo e sua relação com a sua *imago mundi*. O segundo aspecto analisado é o simbolismo religioso presente nos romances em análise – o catolicismo brasileiro e o protestantismo puritano norte-americano –, considerando como a visão religiosa

implica uma diferente postura frente às situações de pobreza e miséria. Observa-se que, no catolicismo, há uma postura fatalista, enquanto, para o protestantismo puritano, há um inconformismo frente à adversidade. Por fim, será feita uma breve análise sobre o comportamento e sobre a função social da criança dentro desses romances durante o êxodo.

A base teórica para o terceiro capítulo pauta-se na discussão de Mircea Eliade (1992), em *O Sagrado e o Profano*, sobre a relação do homem com a sua *imago mundi*, destacando que a perda desta, mesmo enquanto uma herança imemorial, acarreta uma crise existencial que leva o homem a questionar sobre o seu mundo e sobre qual é o seu lugar na sociedade.

Para a discussão religiosa, destaca-se Souza (2008), no texto *O Catolicismo Popular e a Igreja: conflitos e interações*, no qual o autor descreve, com clareza, o cenário religioso brasileiro, verificando a existência de dois tipos de catolicismo: um voltado para as elites e outro popular. Para a análise das obras desta pesquisa, a descrição do catolicismo popular é relevante, já que as famílias de Fabiano e de Chico Bento pertencem ao contexto religioso no qual as credices fazem parte do cotidiano e estas, muitas vezes, não se pautam nos dogmas religiosos do catolicismo. Destaca-se, ainda, no catolicismo popular, uma postura fatalista frente às adversidades.

Em contraposição ao catolicismo brasileiro, o protestantismo puritano norte-americano – descrito por Klein (2004) na obra *A Espiritualidade Norte-Americana na perspectiva de Paul Tillich* – tem como assertiva religiosa o fato de que as bênçãos de Deus são vistas como conquistas espirituais e materiais. Isso faz com que os puritanos norte-americanos, entre os quais os Joads se enquadram, tenham uma postura de relutância frente às situações de pobreza e miséria, diferentemente do

que ocorre com as personagens dos romances brasileiros, inseridas no fatalismo católico, especialmente no que se refere às credices populares em relação às práticas religiosas.

As discussões de Elisabeth Badinter (1980), em *Um Amor Conquistado*, servem de base teórica para a compreensão da função social da criança para a sociedade brasileira e para a norte-americana no primeiro quartel do século XX. Percebe-se, no contexto dos romances em análise, que ainda predominam fortes traços do modelo de infância que perdurou da Idade Média ao século XIX. Esse modelo, além de pautar-se em uma maneira fria e dura de educar a criança, demonstra que a perda de um filho não se caracteriza como um grande fardo, já que, nesse imaginário, um filho pode ser substituído por outro. Isso não significa que os pais não se importassem com seus filhos, mas que o modelo de infância é diferente do que existe na contemporaneidade. Há, nas obras em análise, traços do modelo arcaico, ainda herdado do período medieval, e prenúncios da nova concepção de infância, que impera na família contemporânea.

A propósito do romance *Vidas Secas*, Alfredo Bosi (2003), na obra *Céu, Inferno: ensaio de crítica literária e ideológica*, afirma que os capítulos sobre os meninos “[...] narram a frustração da criança perante o universo adulto nas condições precisas da vida sertaneja” (BOSI, 2003, p. 26). Isso significa que a criança, naquele ambiente, cresce em meio às frustrações, sendo, por isso, desde cedo, condicionada a viver mediocrementemente da mesma maneira que seus pais.

Ainda no contexto brasileiro, Renato Pinto Venâncio (1997), em *Maternidade Negada*, descreve que, durante o segundo e terceiro século de colonização, o abandono das crianças no Brasil chegou a ter um aspecto “selvagem”, já que elas chegavam a ser abandonadas em ruas, em praias ou em terrenos baldios, expostas

a qualquer tipo de adversidades.

Este trabalho de pesquisa tem, portanto, o objetivo de, a partir das condições de miséria e pobreza advinda do nomadismo, analisar os romances *Vidas Secas*, *Vinhas da Ira* e *O Quinze*, levando em consideração os papéis masculinos, femininos e das crianças e sua relação com o ideário religioso nos contextos brasileiro e norte-americano.

1 - ESTRANGEIROS EM SUA TERRA: O NOMADISMO EM *VINHAS DA IRA*, EM *VIDAS SECAS* E EM *O QUINZE*

1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Objetiva-se, neste primeiro capítulo desta dissertação, analisar o tema do nomadismo nos romances *O Quinze* e *Vidas Secas*, dos escritores brasileiros Rachel de Quieroz e Graciliano Ramos, e o romance *Vinhas da Ira* (“The Grapes of Wrath”), do escritor norte-americano John Steinbeck.

A seleção das obras supracitadas se deu a partir da recorrência do tema do nomadismo, isto é, elas mostram o êxodo das famílias: Joad, em *Vinhas da Ira*, de Fabiano, em *Vidas Secas* e a família de Chico Bento, em *O Quinze*. Considerando a afirmação de Maffesoli (2001, p. 34) ,de que a “[...] errância pode ser considerada uma constante antropológica que, sempre e mais uma vez, não pára de penetrar em cada indivíduo e no corpo social em seu conjunto [...]”, objetiva-se, neste capítulo, analisar o imemorial tema do nomadismo nas obras supracitadas.

Destaca-se que foi o tema do nomadismo que norteou a presente proposta de analisar comparativamente *O Quinze* e *Vidas Secas*, cujo contexto é o sertão nordestino, e *Vinhas da Ira*, cujo contexto situa-se em Oklahoma – Estado ao leste norte-americano – para Califórnia – Estado ao oeste. Destaca-se, ainda, que os três romances foram escritos na década de 1930 e que a fome e a miséria permeiam as três narrativas.

Embora a motivação que levou ao êxodo as famílias dos Joad, de Fabiano e de Chico Bento tenha razões econômicas e climáticas distintas no romance norte-

americano e nos brasileiros, os trágicos resultados do êxodo acabam se assemelhando, já que implicam mais miséria, fome, morte e desagregação.

Enquanto, no contexto brasileiro, as condições climáticas resultantes dos ciclos de chuva e seca motivam o êxodo das famílias de Fabiano e Chico Bento, no contexto norte-americano há um fator específico da economia – o *crack* da Bolsa de Valores de Nova Iorque, que implicou a Grande Depressão – que motiva o êxodo da família Joad.

Para a análise das obras sob o prisma do nomadismo, serão trabalhados, neste capítulo, os seguintes aspectos: os conceitos do nomadismo; o contexto das obras a serem analisadas, isto é, o cenário político-ideológico da década de 1930 e, por fim, em que situações podem ser identificadas as características do nomadismo nas obras *O Quinze*, *Vidas Secas* e *Vinhas da Ira*.

1.2 O NOMADISMO E IDENTIDADE: CONCEITOS

É recorrente, na história humana, a errância e a busca pelo novo, subjacentes ao nomadismo. Ao refletir sobre o concreto, o estável, o nacional, faz-se necessário ater-se, também, à sua contrapartida, isto é, ao abstrato, ao movimento, ao estrangeiro. Esses dois lados da balança são imprescindíveis para manter o equilíbrio social. Ou seja, a errância e a estabilidade são recorrentes em muitas sociedades. A busca do equilíbrio social requer a presença de duas forças concomitantes: a do errante e a do estabilizado.

É, contudo, preciso destacar que essas duas forças coexistem, sendo que – dependendo de várias situações históricas, econômicas, sociais, climáticas, etc. –, de forma geral, uma se sobressai à outra, gerando períodos em que a “[...] confiança

nos valores estabelecidos desaparece, e desde então a sociedade não tem mais consciência de si mesma” (MAFESSOLI, 2001, p. 59).

No plano simbólico, Gilbert Durand, em *As Estruturas Antropológicas do Imaginário* (1997), afirma que não há luz sem trevas, ou seja, o regime diurno, ao contrário do regime noturno que tem uma existência autônoma, é um regime de antítese, com uma dupla polarização das suas imagens, trabalhando dentro de uma antítese luz-trevas. É esse dualismo que estrutura toda a literatura do Ocidente, irremediavelmente platônica (ausência-presença, ordem-desordem, etc.).

Buscando uma definição filosófica de nomadismo, Rodrigues e Kohler (2008, p.13) afirmam que: “[...] o nomadismo (mobilidade para Deleuze) refere-se a uma prática geográfica de migração, mas também a alguma coisa irreduzível na identidade humana”. Em outras palavras, o nomadismo, por um lado, remete à migração de um lugar para outro, por outro, leva à discussão de identidade. Mafessoli, ao se ater ao nomadismo judaico, argumenta que a cultura judaica só tem tal longevidade pelo fato de passar por vários exílios e, em função disso, ter aprendido a “[...] armazenar elementos novos e a partir daí evoluir” (MAFESSOLI, 2001, p. 47). Nesse processo, dentre os valores adquiridos por esses judeus, se destacam: “[...] a solidariedade tribal, a ‘salvaguarda pessoal’, o sentimento de comunidade econômica, a proteção ao indivíduo, todas essas coisas estão intrinsecamente ligadas à itinerância das tribos judaicas primitivas” (MAFESSOLI, 2001, p. 47).

O êxodo bíblico é um bom exemplo desse processo de emigração e constituição da identidade de um povo, pois foi ao atravessar o deserto de Sur e, posteriormente, o do Sinai, que o povo hebreu se constituiu como um grupo coeso e com uma identidade étnica e cultural comum. Foi ao longo da travessia que suas leis

foram criadas e sua identidade firmada. Foi no processo de exílio e de contato com outros povos que eles incorporaram elementos fora de sua cultura, mas que, ao mesmo tempo, consolidaram sua identidade judaica.

Os povos com os quais os judeus estabeleceram contato tinham um comandante e, ao perceber a importância desse líder para a coesão do grupo, os judeus passaram a idealizar para si o conceito de uma monarquia. Quando o povo judaico se identifica como sendo um grupo, com elementos religiosos e culturais em comum, surge a necessidade de se escolher um líder. Nesse momento Salomão é escolhido como rei do povo judeu e, posteriormente, Davi -- um dos principais ícones bíblicos no que concerne aos valores judaicos. A partir de Davi surgiu o messianismo, isto é, um descendente do rei Davi viria para libertar o seu povo. Em outras palavras, foi a partir do êxodo bíblico que toda uma tradição cultural foi estabelecida, dando origem a duas importantes concepções religiosas do mundo ocidental: o judaísmo e o cristianismo.

Para os judeus, o processo de migração consolidou os traços de identidades, fazendo com que o pertencer a um lugar físico, concreto, fosse substituído pela pertença simbólica a um povo. Esse processo de nomadismo, ou “desterritorialização”, citado por Rodrigues e Kohler ao discorrer sobre Deleuze, significa: “[...] descentrar-se continuamente em relação à norma, ousar encarar um novo esquema identitário e recusar o pensamento em um fechamento único. Trata-se, portanto, de uma desterritorialização interior, geográfica, social ou cultural” (RODRIGUES e KOHLER, 2008, p. 14).

Essa reflexão sobre o conceito de nomadismo, ou seja, sobre a trajetória dos judeus e de sua consolidação enquanto povo, é um pré-texto temático para a análise das obras pelo fato de a estrutura de *Vinhas da Ira* retomar, de uma

perspectiva moderna, o êxodo bíblico. Já no que se refere a *O Quinze* e a *Vidas Secas*, as características do nomadismo estão implícitas ao êxodo das famílias retratadas nos romances. É, contudo, antes da análise em si, necessário contextualizar as obras, vinculando-as ao momento histórico e social no qual estão inseridas. É relevante destacar os fatores econômicos, políticos, ideológicos e geográficos subjacentes às obras em análise.

1.3 O ROMANCE DE 1930 NO BRASIL

As décadas de 1920 e 1930 foram marcantes para o Brasil devido a diversas mudanças no cenário econômico, dentre as quais, a crise da economia cafeeira, visto que, ao longo dos anos 1920, o café perdeu cinquenta por cento do seu valor de mercado (WEBER, 1990). Isso ocorreu devido à formação de estoques excessivos, mas também à crise mundial, cujo marco histórico foi a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque em 1929. Se, por um lado, ocorria a crise dos cafeicultores, por outro, a indústria supera os obstáculos com certa facilidade. De forma resumida, assiste-se, na década de 1930, à “[...] superação do valor da atividade agrícola pelo da atividade industrial” (WEBER, 1990, p. 98). Ainda sobre essa mudança no Brasil, Carbonel e Palermo afirmam que:

Com isso, acentua-se a centralização do poder econômico na região Sudeste, bem como a desigualdade social das demais regiões. A seca, a miséria e a “retirância” (nomadismo bastante particular do Nordeste brasileiro) acentuam o contraste entre duas faces opostas do Brasil, já evidenciado por Euclides da Cunha em *Os Sertões* (1902). O somatório de diferentes fatores, de diferentes ordens – mudança do paradigma exclusivamente agrícola para a nova realidade industrial; mudanças no plano político; fortalecimento de ideologias de oposição ao poder vigente (fundação do Partido Comunista do Brasil em 1922) – impõe um também novo posicionamento diante de problemas que, apesar de aparentemente antigos (como é o caso da miséria no sertão), não podiam ser

recebidos pelo prisma cultural do mesmo modo de antes (o Regionalismo artístico até o final do século XIX, visível, por exemplo, na obra de Taunay ou de Alencar). (PALERMO e CARBONEL, 2008, p. 4).

Devido a esses fatores, o grupo dos industriários assume o poder, buscando uma forma de reordenação do país através de um plano de institucionalização, ou seja, eles impunham a “[...] racionalidade através da centralização político-administrativa do país” (WEBER, 1990, p. 100).

No que se refere à produção literária dos anos 1930, os autores buscavam na literatura essa ordenação lógica, proveniente das mudanças ocorridas no país e, portanto, “[...] cabia-lhes desvendar o mundo, dentro da visão lógico-racional que o capitalismo brasileiro lhes propiciava e as novas relações de poder que lhes impunham” (WEBER, 1990, p. 100). No que tange ao romance de trinta, Albuquerque Jr. destaca:

O “romance de trinta” opera pela elaboração de personagens típicos, de tipos que falam do que consideram experiências sociais fundamentais, que constituíam identidades típicas do regional. São personagens que devem promover a própria identificação do leitor com seus comportamentos, valores, formas de pensar e falar. São personagens que pretendem ser reveladores de uma essência do ser regional ou de lugares sociais bem definidos. (apud HAIDUKE, 2008, p. 37).

De acordo com Dacanal (1986), as principais características do romance de trinta são: (1) a verossimilhança, seguindo a tradição da ficção realista/naturalista europeia e brasileira; (2) a linearidade; (3) a linguagem filtrada pelo chamado “código culto” urbano; (4) a fixação direta de estruturas históricas perfeitamente identificáveis por suas características econômicas e sociais; (5) as estruturas históricas sociais agrárias; (6) uma perspectiva crítica dos autores em relação às características políticas, sociais e econômicas das estruturas históricas; por fim, (7) otimismo que,

segundo Dacanal, pode ser qualificado de “ingênuo”. Dessas características, as três primeiras seriam de natureza técnica e as demais de natureza temática.

Em sintonia com a tendência do romance de trinta, os romances brasileiros em análise – *Vidas Secas* e *O Quinze* – se atêm a personagens que revelam a realidade da região semiárida brasileira das primeiras décadas do século XX. Isto é, as obras buscam o regional, o peculiar – no caso dos romances citados – do “ser nordestino” do semiárido, com suas peculiaridades, mas, ao mesmo tempo, revelam valores universais, pois o romance de 30, como destaca Albuquerque Jr., promove a identificação do leitor com os personagens. Dessa forma, percebe-se o valor universal das obras, subjacente à tônica regionalista que lhes é característica. Chiappini destaca, sobre os romances de 30, que:

[...] o regional seria uma referência para o nacional; a literatura seria uma expressão espontânea da terra e a crítica literária atuaria no sentido “de legitimar a vinculação da produção literária a espaços que seriam naturais e fixos, a-históricos”. (CHIAPPINI, 2002, p. 163).

Chiappini ainda destaca a existência de dois Nordeste: um rico – da área canavieira – e outro pobre – da área pecuária. Segundo a autora:

Rachel de Queiroz tem consciência de dois nordestes: um da riqueza maior, encarada criticamente por ela, do nordeste rico e da forma como os fazendeiros tratam seus escravos, idealizando as relações amenas entre escravos domésticos e fazendeiros do nordeste pobre, sem contudo escamotear as contradições e dominação [...] a releitura de Rachel, aqui proposta, considera a relação que eles estabelecem entre o Nordeste e o centro do País e entre os pobres e ricos confrontados com a seca ou entre os ricos, confrontados entre eles mesmos e com seus subordinados na disputa por terra, ouro e poder. (CHIAPPINI, 2002, p. 161-162).

Dentre os/as autores/as que se destacam na chamada Geração de Trinta, Graciliano Ramos é um dos mais relevantes: “[...] um mestre do seu ofício de romancista. Um mestre da arte de escrever” (LINS, 1974, p. 18) ou, como afirma

Chaves, ele “[...] foi o criador dum mundo fictício – o romance e suas personagens – no qual a literatura brasileira atingiu um dos pontos mais altos” (CHAVES, 1988, p. 48). Segundo Lins, dentre as características de Graciliano Ramos se destaca que ele foi:

[...] um homem do seu meio físico e social, ao mesmo tempo um romancista voltado para introspecção, a análise, os motivos psicológicos [e] representa o estranho fenômeno de um romancista introspectivo, interiorista, analítico, sem que leve em conta no homem outra condição que não seja a materialística. (LINS, 1974, p. 11).

Tanto Graciliano Ramos quanto Rachel de Queiroz tinham uma postura crítica frente à realidade, buscando retratar a miséria da região do semiárido. Rachel de Queiroz pertencia ao Partido Comunista, tanto que ela se classifica comunista e afirma que “[...] chamavam a revolução de 30 de ‘golpe dos tenentes’” (QUEIROZ e QUEIROZ, 1998, p. 28). Graciliano Ramos chegou a ser preso, sob o governo ditatorial de Getúlio Vargas, sem ao menos saber o motivo. A esse respeito, Gorender afirma:

Homem culto, ateu, Graciliano, como afirma em resposta aos já mencionados quesitos, odiava a burguesia e o capitalismo. Mas não participava de ações políticas práticas. Sua prisão foi inteiramente arbitrária, própria do ambiente da época, imediatamente posterior ao esmagamento dos levantes da Aliança Nacional Libertadora de novembro de 1935 [...] Em 1945, o partido comunista ganhou estatuto legal e Graciliano filiou-se a ele. (GORENDER, 1995, p. 325).

John Steinbeck também sofreu esse tipo de perseguição. Isso retrata o clima político vivido na época, devido à crise do capitalismo – intensificado com a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque – e com a consolidação do regime socialista, em vigor na Rússia, iniciado em 1917 e consolidado em 1922. Robert DeMott afirma que Steinbeck angariou a aceitação popular, mas que a academia não foi receptiva

à obra:

[The Grapes of Wrath] has also been attacked by academic scholars as sentimental, unconvincing, and inartistic, banned repeatedly by school boards and libraries for its rebellious theme and frank language [...] Oklahoma Congressman Lyle Boren, typical of book's early detractors, called it "a lie, a black, infernal creation of a twisted, distorted mind." A Jesuit priest, Arthur D. Spearman, called it "an embodiment of the Marxist Soviet propaganda."² (ROBERT DeMOTT, 2000, p. 37).

Por outro lado, além da aceitação popular, Steinbeck angariou também a simpatia de muitos intelectuais, artistas e escritores em todo o Ocidente, sendo o romance *Vinhas da Ira* considerado, por alguns críticos, como "[...] a grande novela Americana" (DEMOTT, 2000, p. 36). Essa valorização se deve ao seu valor histórico ao relatar a luta de classes entre os patrões e o proletariado.

Tem-se, portanto, semelhanças entre essas obras do Romance de Trinta tanto no contexto brasileiro quanto no norte-americanos (se bem que a expressão Romance de Trinta abranja somente a literatura brasileira), sendo que, no contexto brasileiro, este "[...] é produto e reflexo dos primórdios do Brasil moderno, que se sobrepunha ao Brasil arcaico/agrário da costa e de suas mediações" (DACANAL, 1986, p. 17). Entenda-se por "moderno", as marcas das "[...] estruturas urbano-industriais de um capitalismo cujos centros situavam-se e situam-se no exterior" (DACANAL, 1986, p. 17)

1.4 A LITERATURA DOS ANOS 1930 NOS ESTADOS UNIDOS

Nos Estados Unidos da América, a década de 1930 foi marcada pela Grande

2 [Vinhas da Ira] foi também atacado por acadêmicos como sentimental, não convincente e não artístico, banido repetidamente pela crítica acadêmica e por bibliotecas pelo seu tema rebelde e linguagem franca [...] Um congressista de Oklahoma, Lyle Boren, um dos primeiros críticos, chamou o livro de "uma mentira, uma criação negra e infernal de uma mente distorcida e cruel". Um sacerdote jesuíta, Arthur D. Sperman, o chamou de "uma corporação da propaganda marxista soviética". (Tradução nossa).

Depressão, que grassou o país naquele período e se espalhou por todo o Ocidente naqueles anos, depois da quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque em 1929. Devido a esse cenário econômico, o desemprego aumentou, principalmente no campo onde, além da grave recessão econômica, a mecanização provocou desemprego em massa, já que as máquinas substituíram grande parte da mão de obra humana. Os pequenos proprietários, por não terem condições de modernizar seu sistema de produção, não conseguiam mais concorrer com a mecanização e houve, ainda, uma grande elevação das taxas de juros dos empréstimos bancários. Esse aspecto é enfatizado por Nasso, ao afirmar que “[...] the advent of mechanized farming made thousands of farm workers dispensable to the farm owner”³ (NASSO, 2008, p. 10).

Esse foi um dos motivos – além da crise em geral – pelos quais milhares de trabalhadores saíram de Oklahoma, Estado que, naquele período, tinha sessenta por cento da população trabalhando nas zonas rurais. A maioria dessas pessoas migrou em direção oeste, para o Estado de Califórnia, pois, também nesse período, essa região estava passando por um surto de progresso, possibilitando um crescimento pessoal e familiar que, em Oklahoma, seria inacessível a esses trabalhadores. Esse surto desenvolvimentista do Estado californiano é confirmado, tanto que, pouco antes da Segunda Guerra Mundial, “[...] eighty-three percent of adult males were fully employed, a quarter in white-collar jobs”⁴ (WINDSHUTTLE, 2008, p. 126).

Assim como a literatura brasileira dos Anos Trinta tendeu a uma retomada realística, no mesmo período, nos Estados Unidos da América, ela foi influenciada

3 O advento da mecanização do campo fez com que milhares de trabalhadores rurais fossem dispensados por fazendeiros. (Tradução nossa).

4 Oitenta e três por cento dos homens adultos foram empregados, um quarto deles em trabalhos de *colarinho branco*. (Tradução nossa).

pela grande depressão causada pela quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque em 1929, levando intelectuais e artistas a discutirem o porquê da situação da miséria em determinadas regiões.

Se, na década de 1920, os Estados Unidos viviam num clima de otimismo, devido ao crescimento econômico alavancado pelo otimismo resultante do final da Primeira Guerra Mundial, em 1928, no final da década de 1920, houve um período de profundo pessimismo, resultante do colapso do sistema capitalista, bem como pelo temor de um possível conflito mundial, temor que se confirmou com o início da Segunda Guerra Mundial, em 1939.

Dessa forma, “[...] no princípio da década de 1930, a novela da depressão com um preconceito esquerdista, foi rapidamente criada para adaptar-se ao estado de espírito da época” (THORP, 1965, p. 135). Nessa década – assim como no Brasil –, devido à frustração causada pela crise do capitalismo, o pensamento esquerdista comunista começa a se disseminar com certa força entre os escritores norte-americanos. Sobre essa tendência, Thorp destaca:

Os Estados Unidos acabam de sair da maior crise econômica que jamais conhecera, mas, no momento, as possibilidades do completo restabelecimento do capitalismo ainda pareciam remotas para muitos escritores esquerdistas. Talvez aquele fosse realmente o “momento revolucionário”. (THORP, 1965, p. 136).

Em sintonia com esse espírito revolucionário, muitos romancistas daquela época assumiram uma “preocupação social” e um “naturalismo engajado” (BRADBURY, 1991, p. 109). Por esse motivo muitos escritores norte-americanos, imbuídos do espírito revolucionário, buscavam retratar a realidade do povo.

John Steinbeck foi um autor fascinado pela classe operária e, em função do tom revolucionário de suas obras, foi alvo de investigação do FBI, já que ele era

visto como “um perigoso revolucionário”. Por isso, “a Associação de Fazendeiros queria ‘pegá-lo’ de qualquer jeito” (PARINI, 1994, p. 254), e ele era classificado ideologicamente como comunista. No mesmo período, no Brasil, o romancista Graciliano Ramos, além de ser investigado, foi preso sem ter nenhuma acusação formal contra ele.

Apesar dessas perseguições, Warren French, (1966), em análise sobre as obras de John Steinbeck, destaca que o autor norte-americano não estava preocupado em criticar os poderosos e/ou os conformados com o sistema capitalista que explorava os miseráveis, mas sim com aqueles que: “[...] não apenas não se satisfazem com o *status quo* e são, portanto, medíocres, mas são também capazes de destruir outras pessoas para preservá-lo” (FRENCH, 1966, p. 43). Tal condição de exploração é tratada, por exemplo, na família Joad, em *Vinhas da Ira*. Os Joad, ao longo da migração, passam por um processo de aprendizado, ao longo do qual aprendem a “olhar para fora” e não somente para si mesmas, em função da destruição de outros. Esse aprendizado é revelado ao final do romance. French chega à conclusão de que Steinbeck, em *Vinhas da Ira*, quer uma “única reforma significativa e duradoura que tem origem no coração do homem” (FRENCH, 1966, p. 105).

Esse aspecto é importante pelo fato de que o seu livro foi considerado, por muitos políticos, uma apologia ao comunismo e um ataque ao capitalismo. Percebe-se, contudo, numa leitura profunda da obra, que o autor defende a ideia de que o homem, através de uma postura altruísta, possa transformar a sociedade e não somente se ater em ideais pautados no egocentrismo como, por exemplo, o tradicional individualismo norte-americano.

Esse questionamento sobre a individualidade norte-americana é resultante

do período de crise que o Estado vivia. Dickstein destaca esse aspecto ao afirmar que “[...] the conditions of the Depression were so overpowering that they brought traditional American individualism into question”⁵ (DICKSTEIN, 2008, p. 147).

Sendo assim, pode-se dizer que, em *Vinhas da Ira*, há uma preocupação em demonstrar, através do desespero dos *okies* – assim eram chamados os migrantes que saíam de Oklahoma para a Califórnia –, uma “[...] indignação política em relação ao modo pelo qual o fracasso e a decadência geram uma colheita de ira” (BRADBURY, 1991, p. 122). Sob essa ótica, a obra passa a ter um tom otimista, tendo em vista que John Steinbeck não encerra as personagens dentro de um círculo vicioso sem solução. Ao contrário, ele aponta para a possibilidade de a desagregação implicar uma reavaliação dos valores sociais e tal reavaliação pode transformar a sociedade, tornando-a mais justa e inclusiva.

1.5 NOMADISMO E IDENTIDADE EM O QUINZE E EM VIDAS SECAS

1.5.1 Chico Bento: de vaqueiro a retirante

O romance *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, remete à grande seca de 1915 na região semiárida do nordeste brasileiro. Comentando sobre essa estiagem, Bastide (1979, p. 94) afirma que a seca naquele período provocou “30.000 mortos, 42.000 imigrantes e o desaparecimento de 68.000 bois, mais de 2 milhões de cabras e carneiros.” É nesse contexto que Rachel de Queiroz situa a história do fazendeiro

5 As condições da Depressão foram tão intensas que levaram ao questionamento do tradicional individualismo americano. (Tradução nossa).

Vicente e sua luta para manter seu gado vivo; de Conceição e seu engajamento com a causa dos retirantes e, principalmente, a trágica migração da família de Chico Bento.

Neste contexto, há posturas diferentes das personagens frente às adversidades resultantes da seca. Vicente é um fazendeiro que faz o possível para manter o gado vivo e a fazenda funcionando durante o período de seca. O, seu principal objetivo é conseguir manter os trabalhadores, evitando, dessa forma, que eles engrossem a massa de famélicos que vagam pela caatinga tentando sobreviver. D. Maroca, outra fazendeira da região, ao contrário, dispensou os funcionários e soltou o gado, condenando os empregados às adversidades implícitas à migração. Conceição é uma professora que vive em Fortaleza e dedica seu tempo livre a ajudar os retirantes.

Chico Bento, depois de ser dispensado do trabalho na propriedade de Dona Maroca, uma fazendeira da região de Quixadá, fica sem emprego, portanto, sem meios de sobreviver com sua família – mulher, cunhada e cinco filhos – e, por isso, decide migrar para Fortaleza em busca da ajuda oficial do governo. Ele, porém, também tem como objetivo posterior migrar para a região amazônica para fugir definitivamente da seca e, quem sabe, melhorar as condições de sobrevivência.

A seca e as condições de miséria que ela provoca **são** o principal fator da migração no nordeste brasileiro. Referindo-se a isso, Carleial (2002, p. 6) afirma que: “[...] em textos de outras naturezas, os técnicos e científicos, desde a década de 50, vem sendo reforçada a idéia de que a seca é causa da pobreza no Nordeste e motivadora das migrações”. O êxodo, portanto, torna-se uma das únicas soluções possíveis para fugir do ciclo climático que afetava a região onde Chico Bento vivia e é uma personagem símbolo das adversidades climáticas.

Chico Bento, seguindo o mesmo caminho de milhares de retirantes, tenta conseguir uma passagem de trem para Fortaleza, de onde tenciona partir para a Amazônia, sempre na esperança de conseguir emprego. Como não conseguiu as passagens, teve que fazer a viagem a pé com sua esposa, Cordulina, seus cinco filhos e sua cunhada.

Logo no início da viagem, quando acaba a comida, Josias, um dos filhos do Chico Bento, come mandioca crua e acaba adoecendo e morrendo. Isso abala muito a família, especialmente Cordulina. Após esse episódio, o filho mais velho do casal foge, portanto, a família vai se desintegrando ao longo da viagem. Depois de passar vários dias viajando, esmolando, passando fome, Chico Bento encontrou um velho conhecido e seu compadre, delegado da cidade de Acarape, que lhe arranhou umas passagens de trem para Fortaleza.

Embora a família de Chico Bento saia de sua terra na esperança de um futuro melhor, nada de positivo ocorre com eles. A relação de Chico Bento com a terra pode ser vista pela perspectiva simbólica como uma herança imemorial do homem religioso. Mircea Eliade discute o fato de que, em muitas sociedades tradicionais, o homem sempre busca viver o mais próximo do Centro do Mundo, sendo que o “nosso mundo” situa-se no meio dele. Em outras palavras, “[...] acreditava-se que as habitações situavam-se de fato no Centro do Mundo e reproduziam, em escala microcós mica, o Universo” (ELIADE, 1992, p. 27). Sobre esse aspecto, Eliade ainda destaca que, já no século XX, entre

[...] os europeus de nossos dias sobrevive o sentimento obscuro de uma solidariedade mística com a Terra natal. É a experiência religiosa da autoctonia: as pessoas sentem-se gente do lugar. E este sentimento de estrutura cósmica ultrapassa em muito a solidariedade familiar e ancestral. (ELIADE, 1992, p. 70).

Sob essa perspectiva, a saída de Chico Bento de sua terra provoca na

personagem e em sua família um profundo abalo advindo do desenraizamento em relação ao espaço que a família conhece e em que se situa. É por meio da migração que a desintegração de sua família ocorre, seja por morte ou fuga. De uma família constituída de oito pessoas, apenas quatro deles de fato vão para São Paulo e não para a região amazônica, conforme Chico havia cogitado. Além de Josias e de Pedro (o filho mais velho), também Mocinha (cunhada de Chico Bento) abandona o grupo, pois conseguiu emprego na cidade de Castro.

Pode-se perceber, em Mocinha, como as adversidades vão influenciando na postura dos personagens frente ao futuro incerto. Mocinha, quando começou a caminhada em direção à Fortaleza, não considerava a viagem como um êxodo, mas um passeio “[...] de vestido engomado, também levava sua trouxa debaixo do braço, e na mão, os chinelos vermelhos de ir à missa” (QUEIROZ, 2005, p. 40), contudo, após três dias de caminhada, ao perceber que não se tratava de um passeio, Mocinha tinha o vestido “[...] amarrotado, sujo, já não parecia *toilette* de missa. As chinelas baianas dormiam no fundo da trouxa, sem mais saracoteios nos dedos da dona” (QUEIROZ, 2005, p. 43). Mocinha, após conseguir emprego em Castro, passou a ser tratada como um objeto que passou de mão em mão e, no final do romance, ela encontra sua madrinha, dona Inácia, avó de Conceição, que criara a neta desde que sua mãe morrera. Ela tinha ido para Fortaleza fugindo da seca e morou a contragosto na casa da neta. Na volta para sua casa no sertão, após o início do período de chuva, ela encontra Mocinha, esta lhe diz:

Desgraça da vida, minha Madrinha! O Chico Bento tinha-me deixado em Castro, em casa numa mulher que tem uma venda na Estação. Mas eu não aturei muito lá e vim vindo de mão em mão, cada dia pior, até que fiquei nesta desgraça, e ainda por cima, com um filho no peito... O pobrezinho ainda não tem um mês... Não sei como não morri, por aí, aos emboléus, sofrendo tudo quanto é precisão. (QUEIROZ, 2005, p. 147).

Mocinha, portanto, por causa da condição de retirante, teve sua vida desintegrada, sendo tratada com indiferença por onde passava e, para piorar sua situação, tem um filho que só aumenta ainda mais sua situação miserável.

Sob a perspectiva do discurso sobre o migrante, Carleial (2002), em estudo sobre a cultura migratória, afirma que existem pelo menos três falas sobre o tema: “[...] uma fala de expulsão [...], um discurso de insatisfação [...] e um argumento de retorno” (CARLEIAL, 2002, p. 01). Em Chico Bento observam-se pelo menos duas dessas falas: uma fala de expulsão, claramente representada pelo momento em que Dona Maroca, sua patroa, lhe envia um bilhete, através do qual dispensa o funcionário, dizendo que Chico Bento poderia tomar seu rumo. Por meio do seu sobrinho, Dona Maroca manda o bilhete e o seguinte recado:

[...] minha tia resolveu que não chovendo até o dia de São José, você abra as porteiras e solte o gado. É melhor sofrer logo o prejuízo do que andar gastando dinheiro à toa em rama e caroço, pra não ter resultado. Você pode tomar um rumo ou, se quiser, fique nas Aroeiras, mas sem serviço da fazenda. (QUEIROZ, 2005, p. 25).

Esse bilhete, para Chico Bento, “parecia coisa amaldiçoada” (QUEIROZ, 2005, p. 26); a outra fala, o discurso de insatisfação, é percebida quando Chico Bento, já em Fortaleza, decidiu ir para São Paulo e “[...] olhava o cenário habitual, mas já com o desinteresse, o desprendimento de um estrangeiro” (QUEIROZ, 2005, p. 116). Esse desprendimento em relação ao espaço que será deixado para trás, que demonstra a insatisfação da personagem para com sua atual situação espacial, também revela sua esperança na migração para o outro lugar: inicialmente o Amazonas seria seu destino, mas, dadas as condições adversas e seguindo a tendência que vigorou no Nordeste ao longo do século XX, decidiu migrar para São Paulo.

A migração de Chico Bento, a exemplo do êxodo bíblico, tem três elementos

que se destacam: a expulsão de sua própria terra; a migração e sua miséria e, por fim, a esperança de um futuro melhor.

A viagem, para Chico Bento, foi um processo de aprendizagem sobre si e sua terra. Há a lembrança dos “bons tempos”, quando ele e sua família estavam estabelecidos e bem adaptados à fazenda na qual trabalhava. Isto é, estavam socialmente estabilizados. Mafessoli descreve a situação da pessoa estabelecida da seguinte maneira:

[...] o indivíduo – e sua extensão, a família nuclear – se torna uma espécie de prisão moral, uma espécie de pequena instituição de segurança, uma fortaleza na qual, pelo viés da educação, da carreira profissional, de uma identidade tipificada, a pessoa se fecha longamente. E isso em detrimento das múltiplas potencialidades oferecidas no quadro da realização total de si. (MAFESSOLI, 2001, p. 81).

A migração foi, para Chico Bento, a única forma de manter sua sobrevivência. Percebe-se que, no processo do êxodo, o que rege o homem é, *a priori*, o instinto de sobrevivência. O deslocamento de Chico Bento e sua família faz com que eles deixem de lado certas regras sociais e morais que prezavam. Em vez disso, as suas atitudes passam a ser direcionadas, preferencialmente, para a sobrevivência. Esse aspecto pode ser percebido no episódio em que Chico Bento, desesperado de fome, vê uma cabra e, instintivamente, a mata e começa a arrancar-lhe o couro. Nesse meio tempo aparece o dono do animal, que requisita a carcaça do animal que lhe pertencia. Nisso, Chico Bento suplica pela carne, mas ganha somente as tripas. O embate entre Chico Bento e o dono da cabra ocorre da seguinte forma:

Mas Pedro fitava a estrada, o interrompeu: - Olha, pai! Um homem de mescla azul vinha para eles em grandes passadas. Agitava os braços em fúria, aos berros: - Cachorro! Ladrão! Matar minha cabrinha! Desgraçado! Chico Bento, tonto, desnorreado, deixou a faca cair e, ainda de cócoras, tartamudeava explicações confusas.

[...] caindo de joelhos, com os olhos vermelhos cheios de lágrimas que lhe corriam pela face áspera, suplicou, de mãos juntas: - Meu senhor, pelo amor de Deus! [...] - Não dou nada! Ladrão! Sem-vergonha! Cabra sem-vergonha! [...] arrancando as tripas da criação e atirando-as para o vaqueiro. (QUEIROZ, 2005, p. 71-72).

Nesse episódio destaca-se o fato do Chico Bento agir de uma forma que, em circunstâncias normais, ele jamais agiria. Ou seja, ele toma uma atitude que, enquanto vaqueiro em Quixadá, condenaria veementemente, pois ele, em situações normais, desprezaria quem agisse assim. Mafessoli aponta que o errante “[...] vai revestir-se de uma aparência, depois assumir uma outra aparência para desempenhar um outro papel na vasta teatralidade social” (MAFESSOLI, 2001, p. 90). Chico Bento, enquanto vaqueiro, trabalhador da fazenda da Dona Maroca, não tomaria uma atitude semelhante, mas, devido ao êxodo, ele se transveste de retirante, agora não mais vaqueiro e nessa nova condição se vê obrigado a transgredir as regras sociais e seus próprios valores morais. Isso gera um conflito psicológico no personagem, tanto que, sempre que lembra desse episódio, sente-se constrangido e envergonhado: “[...] aquele caso da cabra – Deus me perdoe! – pela primeira vez tinha botado a mão em cima do alheio...” (QUEIROZ, 2005, p. 102). Situações extremas de miséria, como a provocada pela migração, levam ao questionamento e ao intercruzamento de identidades, como ilustra a citação acima. Sobre isso, Mafessoli (2001, p. 118) destaca que: “[...] a vida errante é uma vida de identidades múltiplas e às vezes contraditórias”.

Chico Bento, além das privações materiais e dos conflitos morais que enfrentava por causa do êxodo, também sofreu perdas em sua família: um dos filhos comeu mandioca crua e morreu, o outro fugiu e um terceiro filho, o mais novo, foi dado à Conceição, como se fosse um cachorrinho, para que ela cuidasse. O ato de dar o filho foi questionado por Chico Bento ao perguntar à Cordulina se ela tinha “[...]

pena de dar seus filhos, que nem gato e cachorro?” (QUEIROZ, 2005, p. 108). O êxodo, mesmo quando une e fortalece o grupo, como no caso do povo judeu, sempre implica perdas. No êxodo bíblico, toda uma geração morreu no deserto antes de entrar em Canaã – com exceção de Josué e Calebe – para, então, desfrutar de uma nova vida. Assim também acontece com Chico Bento, que, antes de migrar para São Paulo, sente-se abalado pela desintegração da família.

Enquanto Chico Bento, tangido pela patroa, migrava para tentar sobreviver, Vicente cuidava do gado, fazendo o que podia para manter sua fazenda funcionando. Ele evita o êxodo de seus funcionários e, portanto, nele encontramos uma contraposição à Dona Maroca, que não levou seus subordinados em consideração. Chiappini (2002), em discussão sobre as diferenças de enfrentamento entre empregados e patrões nos períodos de seca, afirma que:

Para a classe proprietária, a seca, embora cause alguns transtornos, não tem a mesma dramaticidade que para os retirantes, e a vida prossegue quase normalmente. Assim, apesar do enquadramento de uma ideologia patriarcal que reconhece na obra, esta, “ao contrapor ricos e pobres, evidenciando a miséria gerada pela seca, [...] acaba induzindo a um questionamento acerca da realidade rural nordestina”. (CHIAPPINI, 2002, p. 171).

Conceição, apesar de ser professora em Fortaleza, foi criada no sertão. Ela ajuda, após o trabalho docente, como voluntária num campo de retirantes, deixando transparecer a necessidade de solidariedade para com aqueles que estão em situação de miséria. A solidariedade de Conceição se estende à sua avó, Dona Inácia, pois a mesma vive com ela para fugir da seca. Para Dona Inácia, se comparada a Chico Bento, a seca, apesar do desconforto, representa apenas algumas perdas econômicas. Para Chico Bento, porém, a seca representa degradação moral e familiar. A exemplo do que ocorre em *Vinhas da Ira*, bem como no êxodo bíblico, a solidariedade provocada pelo nomadismo é demonstrada em

meio à miséria provocada pelo êxodo. Esse exemplo de solidariedade pode ser visto em Conceição.

Apesar de não ter participado efetivamente do êxodo, Conceição sofre com os danos causados pela migração. Diariamente ela encontra novos retirantes – inclusive a família de Chico Bento – e acabou adotando o seu afilhado Manuel – filho de Chico Bento –, que, depois de um longo tempo de privações materiais, encontrava-se semimorto.

Quando encontrou a família de Chico Bento, Conceição teve pena de seu afilhado. Embora Cordulina já sofresse com a perda de dois filhos e de sua irmã, acabou deixando o Manuel com Conceição, pois ela sabia que talvez fosse a única maneira de ele sobreviver. Embora o ato de Conceição fosse de solidariedade para com o menino, Chico Bento questionava Cordulina sobre a necessidade de dar seu filho como se fosse um animal doméstico, isto é, Chico Bento, pela situação de miséria em que se encontrava, questionava se ele não estava sendo tratado como um animal qualquer.

No romance *O Quinze*, portanto, pode ser analisado como o êxodo, a exemplo do que ocorreu no êxodo bíblico, provoca a desintegração familiar. Ocorre que é também nessas situações trágicas que se evidenciam tanto a indiferença humana quanto a solidariedade. A solidariedade em meio à miséria provocada pelo nomadismo pode também ser identificada em *Vinhas da Ira*, contudo, em *Vidas Secas*, por narrar o fim de um período de migração e o início de outro, a questão da solidariedade nascida no processo de migração não é evidenciada, já que a obra não relata a migração em si.

1.5.2 A cruenta “realidade”

Vidas Secas conta a história da família de Fabiano, que, fugindo de um período seca, encontra uma fazenda abandonada na qual a família se estabelece por um período de tempo, isto é, até a próxima seca, quando ela será, novamente, atingida pela adversidade climática. Enquanto estão ali, Fabiano trabalha como vaqueiro e é explorado pelo dono da fazenda.

O romance *Vidas Secas* é constituído por capítulos justapostos e, segundo Malard (1972, p. 82), “[...] sua ordem poderia ser alterada e nada impede de afirmar que, consoante a combinação que se fizer, há uma realização acional simultânea e não sucessiva”. Isso é possível pelo fato de o tempo do romance ser referenciado no espaço, isto é “[...] o tempo do romance é considerado em termos de fenômeno meteorológico e de condicionamento fisiográfico” (MALARD, 1972, p. 84). A importância do espaço na obra revela-se no desejo de Fabiano em ter um lugar para se fixar sem sucumbir à seca e à fome que ela provoca. Isto é, ter um lugar fixo, onde possa sobreviver, é a esperança que norteia Fabiano e sua família.

Em *Vidas Secas* “[...] convergem, num espírito de síntese e depuramento artístico, elementos afluídos nas obras anteriores, e que aqui ganham relevo e consistência estética inigualáveis” (MALDARD, 1972, p. 65). Assim como em *O Quinze*, *Vidas Secas* se atém à trajetória de uma família que foge da seca em busca de um lugar onde possa sobreviver. Após um período de pausa, representado pelos anos de chuvas normais, a família volta a ser atingida pela seca, ou seja, há um retorno circular a um ponto muito semelhante ao do início do livro. Tanto é assim que o primeiro capítulo é denominado “Mudança” e o último “Fuga”.

Graciliano Ramos se atém aos aspectos mais cruéis do homem numa perspectiva “de baixo para cima”, isto é, ele parte da realidade dura do sertanejo para discutir os paradoxos que compõem esse contexto – da seca, miséria,

exploração do fazendeiro, do soldado amarelo –, ou seja, ao retratar Fabiano e sua família, Graciliano expõe, através dos espaços, dos capítulos, a fragmentação da vida de Fabiano e sua falta de capacidade de compreender o mundo em sua volta. Por esse motivo, cada episódio pode ser considerado de forma isolada. Essa fragmentação ocorreu pelo fato de os capítulos de *Vidas Secas* terem sido publicados separadamente, em jornais da época, isto é, “[...] os capítulos foram surgindo, publicados em avulso na imprensa do país e do exterior”. (MALARD, 1972, p. 65). Para Lins (1974, p. 11), o meio físico “não aparece muito objetivamente no romance, mas somente em função do personagem” e a paisagem exterior “torna-se uma projeção do homem”.

Vidas Secas demonstra que o espaço em que vive a família de Fabiano é, sempre, provisório, isto é, eles sempre estão em busca do estabelecer-se em tempos de chuva e fugir da seca em tempos de estiagem. O fato de não ser de lugar algum, estar sempre em movimento, implica socialmente negar às personagens o direito ao seu lugar no mundo. Já, simbolicamente, o nomadismo desconstrói a herança imemorial entre o homem e a fundação de um espaço, cujas raízes remetem à herança advinda, ainda, do homem religioso. A propósito desse valor simbólico, Mircea Eliade afirma, em relação ao espaço, que:

Instalar-se num território equivale, em última instância, a consagrá-lo: quando a instalação já não é provisória, como nos nômades, mas permanente, como é o caso dos sedentários, implica uma decisão vital que compromete a existência de toda a comunidade. “Situá-lo” num lugar, organizá-lo, habitá-lo – são ações que pressupõem uma escolha existencial: a escolha do Universo que se está pronto a assumir ao “criá-lo”. Ora, esse “Universo” é sempre a réplica do Universo exemplar criado e habitado pelos deuses: participa, portanto, da santidade da obra dos deuses. (ELIADE, 1992, p. 23).

Fabiano – assim como a família de Chico Bento e os Joad – não é mais o homem religioso ao qual Eliade se refere – visto que este viveu há milhares de anos

– mas, apenas, herdeiro desse homem religioso. Entretanto, podemos perceber nele traços dessa necessidade de organizar o espaço à sua volta e de atribuir ao seu lugar no mundo um valor de dimensões tanto físicas quanto simbólicas.

No que diz respeito ao nomadismo, percebe-se em *Vidas Secas* que a obra está totalmente voltada, inclusive no que se refere à organização formal do livro, para a constante sensação de que tudo no contexto da família é provisório, dependendo, sempre, do ciclo chuva e seca. Bosi afirma que:

Narrar a necessidade é perfazer a forma do ciclo. Entre a consciência narradora, que sustém a história, e a matéria narrável, sertaneja, opera um pensamento desencantado, que figura o cotidiano do pobre em um ritmo pendular: da chuva à seca, da folga à carência, do bem-estar à depressão, voltando sempre do último estado ao primeiro. (BOSI, 2003, p. 20).

Há, portanto, em *Vidas Secas*, espaços provisórios que aliviam a miséria por um curto período de tempo, sem que, contudo, haja uma resolução do problema em que se encontram as personagens. Fabiano se relaciona, sempre, provisoriamente com seu espaço. Ou seja, se houver chuva e a vida brotar, ele poderá continuar como vaqueiro da fazenda, vivendo onde está. Se, porém, a chuva não vier, ele será obrigado a continuar o êxodo.

O nomadismo de Fabiano decorre dos seguintes fatores:

De um fenômeno natural, da seca: ele se liga, em primeira instância, ao fato de não ser Fabiano um proprietário, o que o impede de vincular-se definitivamente à terra [...] a problemática de Fabiano decorre diretamente do caráter retrógrado e improdutivo da nossa estrutura agrária. (BRAYNER, 1977, p. 106).

A falta de tecnologia no campo, o fato de não possuir terra e a ausência de incentivo do governo fazem com que Fabiano viva num ciclo de miséria causado pelos ciclos climáticos. Fabiano tem a necessidade de “[...] garantir as condições mínimas que possibilitem a manutenção de uma vida humana [e a necessidade de

algo] que aponte para fora daquele universo de miséria morte” (BRAYNER, 1977, p. 107). Por isso, na busca do essencial para manter-se vivo, Fabiano segue seu instinto mais primitivo: o instinto de sobrevivência e age com o objetivo de mudar sua realidade, garantindo sua sobrevivência. Como não é possível mudar os períodos de seca e chuva, a migração ao sul do país é, para Fabiano, uma possibilidade de “[...] realizar objetivamente os valores mínimos a que se propõe. E por isso, em *Vidas Secas*, seu futuro é um futuro aberto, contendo a possibilidade de realização ou de fracasso” (BRAYNER, 1977, p. 110).

Alfredo Bosi, ao falar sobre o sertanejo, destaca que: “[...] o acaso, o imprevisto, o universo semântico do ‘de repente’, entram no meio dos episódios e operam mudanças qualitativas no destino do personagem” (BOSI, 2003, p. 37). Isso significa que Fabiano “não é absolutamente dono do seu futuro” (BOSI, 2003, p. 37), pois tudo para ele ocorre de forma aleatória, desconexa. Nesse cenário de incertezas, sobra a Fabiano crer num destino e almejar que o futuro, embora incerto, seja melhor. Sobre essa condição do sertanejo, Bosi ainda destaca:

O sertanejo crê no Destino, na sorte e no azar, e a sua crença é tanto mais sólida e justificada quanto menor seu raio de ação consciente sobre o que lhe há de suceder. Quando toda grande modificação vem de fora, o ‘dentro’ não precisa desenvolver nenhuma razão de previsibilidade de longo alcance, nenhum projeto que amarre fins e meios, a não ser que cabem no dia-a-dia da sobrevivência. (BOSI, 2003, p. 37).

Fabiano é esse homem de crença. Seu raio de ação consciente é pequeno. O narrador revela esse aspecto ao dizer sobre Fabiano, que este “[...] tinha muque e substância, mas pensava pouco, desejava pouco e obedecia” (RAMOS, 1974, p. 63). O sonho de Fabiano restringia-se a ter um lugar para morar no período entre secas, tendo suas ações voltadas para a sobrevivência.

Fabiano é um personagem diferente dos demais personagens de Graciliano

Ramos, pois nele “[...] não há o desejo de ferir, que aparece constantemente nas outras personagens gracilianas” (BRAYNER, 1997, p. 68). Esse aspecto pode ser visto quando ele está frente a frente com o soldado amarelo. Naquela situação, ele poderia facilmente matar o soldado, contudo, não o faz. A família de Fabiano é um “grupo humano em que não há egoísmo” (BRAYNER, 1997, p. 68) e ele, apesar de “bruto” e apartado da sociedade – na busca de sobrevivência durante o êxodo imposto pelas condições climáticas –, é um homem “[...] unido ao outro apenas pela implacável contingência de enfrentar ao meio natural hostil” (BRAYNER, 1997, p. 68). Mesmo com essa passividade, Fabiano nutre, contudo, um sentimento de desconfiança em relação às autoridades. Bosi afirma que, em *Vidas Secas*, o narrador onisciente e a mente de Fabiano têm em comum a “[...] desconfiança que ambos nutrem em relação à palavra dos poderosos; logo, o que os avizinha é um espírito de negação voltado contra a fala do opressor” (BOSI, 2003, p. 36).

Atendo-se a essa consideração, a família de Fabiano, a exemplo do que também ocorre com a família Joad, em *Vinhas da Ira*, e também com Chico Bento, em *O Quinze*, aprende, a partir do êxodo, a cultivar o espírito de solidariedade e união, pois: “[...] frente ao desastre que o ameaça, o Homem procura o Outro” (BRAYNER, 1997, p. 69). A união da família e o espírito solidário, oriundos do nomadismo, podem ser percebidos no êxodo bíblico, em *Vidas Secas*, em *O Quinze* e no romance norte-americano *Vinhas da Ira*.

Sinhá Vitória, nesse processo de migração e fixação temporária, sintetiza os esforços da família e a mantém unida. É por meio dela que as decisões são tomadas e a família se mantém como tal. Carbonel e Palermo destacam que:

É ela quem cuida dos interesses de todos, quem gerencia (com sua matemática rústica de gravetos e pedras) os ganhos de Fabiano e que funciona como eixo articulador da existência das demais personagens – em termos mais simples, Sinhá Vitória é uma mulher

forte porque seu senso prático, derivado de sua própria condição de retirante, de mãe, de esposa, a torna assim. (PALERMO e CARBONEL, 2008, p. 13).

Sinhá Vitória, na luta contra a miséria, assume um papel importante, quando decide ir embora. Também nos períodos de chuva é ela quem organiza minimamente as contas da família, administra a casa, e, ainda, ajuda Fabiano nos seus afazeres. Em outro contexto que não o do nomadismo, Sinhá Vitória teria outro papel na estrutura familiar e tenderia a ser mais subordinada ao marido. Nessa situação, ela assume um papel mais autoritário. Essa contradição de identidades pode ser percebida em *Vinhas da Ira*, em que a Senhora Joad, depois de ter saído de sua terra, da mesma forma assume o papel de chefe da casa e unificadora da família.

1.6 NOMADISMO E IDENTIDADE EM *VINHAS DA IRA*

Em *Vinhas da Ira*, de John Steinbeck, é narrada a história de uma família de trabalhadores rurais migrando do Estado de Oklahoma para a Califórnia. Ele descreve a desesperança gerada pela Grande Depressão americana instaurada em 1929. A respeito desse romance, Olmi destaca:

O caráter realista e os aspectos simbólicos constituem um binômio de difícil convivência, um equilíbrio delicadíssimo, uma façanha literária que John Steinbeck consegue levar a cabo com extraordinária habilidade e sensibilidade nessa obra marcante. As constantes dicotomias que perpassam o romance dão espaço para o realismo mais cruel aliado a um sopro continuado de poesia, que nasce do contraste feito símbolo, um *leitmotiv* que acompanha a narrativa fazendo-lhe o contraponto. (OLMI, 2004)

Devido à perda das suas terras para o banco, a família Joad necessita migrar para Califórnia em busca de emprego. Ao longo da viagem, alguns membros

da família morrem e um filho foge. Chegando à Califórnia, a família não encontra a “terra prometida”, como havia sonhado, mas uma grave situação socioeconômica, salários baixos e desemprego, o que acentua sua já desesperadora situação.

O romance *Vinhas da Ira* não foi bem recebido pelos norte-americanos, pois o país, apesar de ser considerado a “terra das oportunidades”, no período histórico e econômico abarcado pelo livro não confirmava esse ditado. A obra foi publicada em 1939, período econômico e social conhecido como Grande Depressão, que sucedeu a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque em 1929. Esses acontecimentos se configuraram num dos maiores golpes já sofridos pelo capitalismo.

O título *Vinhas da Ira* remete a pelo menos duas situações: ao versículo bíblico de Apocalipse 14:19, “e o anjo meteu a sua foice à terra, e vidimou as uvas da vinha da terra, e lançou no grande lagar da ira de Deus” e ao hino da república dos Estados Unidos, “he is trampling out the vintage where the grapes of wrath are stored⁶”. Sendo assim, o título aponta para dois aspectos importantes: a relação da obra com a bíblia e o tom nacionalista da obra. *Vinhas* remete à ideia de abundância e *ira* à renhida luta humana pela sobrevivência, que faz com que os homens se estranhem e se enfrentem. Olmi (2004), discorrendo sobre o título, diz: “Vinhas são o verde vale da Califórnia, presentificando a fartura, o alimento, o trabalho e o bem-estar que delas deverão advir”, mas, ao mesmo tempo, “a ira conota uma busca dolorosamente frustrada”.

Sob o aspecto do nomadismo e do êxodo bíblico, *Vinhas da Ira* é considerada pelos críticos uma parábola do êxodo bíblico. Fontenrose aponta que:

The Grapes of Wrath suggests a biblical allegory. The novel's three basic divisions – drought, travel to California, and settlement in a new land – replicate the mythical model of the Hebrew exodus from Egypt to a “land of milk and honey”.⁷ (FONTEROSE, 2008, p. 90).

6 “Ele está marchando onde as vinhas da ira estão guardadas” (Tradução nossa).

7 *Vinhas da Ira* sugerem um paralelo bíblico. O romance tem três divisões básicas – a seca, a

O sobrenome da família, Joad, remete aos Judeus – Judea, Judah – e são doze membros da família que fazem a viagem, ou êxodo, a exemplo das doze tribos de Israel. Assim, Tom Joad, segundo Fonterose, pode ser relacionado a Moisés, pois ele se torna líder da revolução e, da mesma forma que Moisés matou um soldado egípcio e fugiu, Tom Joad também matou um policial e fugiu. Depois, Tom assume a liderança de sua classe após a morte de Jim Casy – também identificado como Jesus Cristo por Fonterose, como evidenciam as iniciais do seu nome – JC. Os opressores, assim como os egípcios, seriam tanto os bancos quanto os fazendeiros, que maltratam os migrantes de Oklahoma, também chamados de *okies*.

Em comparação com os romances brasileiros em análise neste trabalho, percebem-se algumas características em comum: nos três romances há uma abertura para a esperança proporcionada pelo êxodo, bem como, em maior ou menor grau, há o instinto de ir adiante: pulsão migratória com o objetivo de achar uma terra “que mana leite e mel” (Êxodo 3.8).

Em *Vinhas da Ira*, à semelhança do que ocorreu em *O Quinze*, há uma mudança de identidade por parte de seus personagens. Vemos que, como Chico Bento teve de abnegar de seu papel de vaqueiro para assumir o de retirante, chegando, inclusive, à humilhante condição de mendigar, também em *Vinhas da Ira* há uma profunda mudança na estrutura familiar provocada pelo movimento do êxodo.

De uma família patriarcalmente estruturada, os Joad convertem-se em uma família matriarcal, já que a Sra. Joad assume o papel de líder da família quando seu marido, que sempre fora o líder, abnegou do papel devido às condições de miséria.

viagem à Califórnia e a fixação na nova terra – réplica do modelo mítico do êxodo hebreu do Egito para uma “terra de leite e mel” (Tradução nossa).

John Joad, ou sr. Joad – que, no início do romance, tem postura austera e segura, pouco a pouco é tomado pela insegurança e já não tem uma postura certa frente aos problemas que enfrenta. Chico Bento, Fabiano e sr. Joad tiveram de aceitar e assumir um papel diferente daquele que, até então exerciam, devido às condições de nomadismo.

Sob a perspectiva do nomadismo, a família Joad, em *Vinhas da Ira*, passa por um processo de desintegração. São doze pessoas ao começar o êxodo, sendo que, logo no início, os avós – os pais da sra Joad – morrem. Pouco à frente, Connie, marido de Rosenharn, foge. O irmão mais velho de Tom foge para viver como andarilho e o irmão mais novo decide morar com a namorada. Tom, ao matar um policial, tem de fugir e se esconder para não ser preso. Enfim, a família, que inicia a viagem com doze membros, ao final do romance se restringe a apenas seis membros. Casey, um pregador de Oklahoma e amigo de Tom Joad, que teve a oportunidade de viajar com a família, após liderar um grupo de migrantes rebeldes, é morto pela polícia.

Ao começar o êxodo, havia a esperança de um futuro melhor, contudo, ao chegar à “terra prometida”, houve um desencantamento. A situação era a de muitos trabalhadores para poucos empregos. Isso fez com que os proprietários de terra usassem da condição para baixar os salários, pois sempre haveria quem trabalhasse, mesmo com o salário baixo.

Os proprietários de terra tinham uma postura de ressalva em relação aos “estrangeiros”, isto é, eles buscavam isolar os *okies* não permitindo que fizessem parte da sociedade californiana. Mafessoli destaca esse aspecto entre os estabilizados e os errantes ao afirmar:

Há um empenho inicial para estabelecer um cerco em torno do

errante, daquele que se desvia, do marginal, do estrangeiro, depois para domesticar, para estabelecer em residência o homem sem condição de nobreza, assim privado de aventuras. (MAFESSOLI, 2001, p. 82).

Os migrantes eram, portanto, relegados à margem da sociedade, sobrando para eles os piores empregos e as piores condições de moradia. Por outro lado, contudo, essa situação de miséria e de preconceito leva o grupo de migrantes a buscar uma identificação comum. Casey, personificação de Jesus Cristo, segundo Fonterose (2008), é quem desempenha um papel importante ao agregar o povo e ensiná-los a trabalhar juntos. É a partir desse ponto que a solidariedade passa a ser assimilada pelos personagens – especialmente a família Joad – em detrimento do individualismo tradicional que cultivavam. Mafessoli destaca, a propósito do nomadismo, que

[...] as diversas formas de solidariedade, a multiplicação das expressões da compaixão, o desenvolvimento das manifestações caritativas, tudo isso é *incompatível com um suposto individualismo* que [...] era, essencialmente, a expressão de um burguesismo um tanto mesquinho e de qualquer maneira muito utilitário. (MAFESSOLI, 2001, p. 150, grifo nosso).

Sendo assim, os migrantes de *Vinhas da Ira*, no momento em que tomam consciência de sua situação e de que há outros nessa mesma miséria, têm de superar o individualismo para se irmanarem e, assim, tentarem superar as adversidades.

Destaca-se, no romance norte-americano, como também nos brasileiros, o fato de o instinto de sobrevivência sobressair no momento do êxodo, isto é, o que rege a vida dessas famílias é a mais primária necessidade de viver. Em *Vinhas da Ira*, essa necessidade acaba se tornando uma ação conjunta, que leva os membros da família a aprenderem que, para sobreviverem, devem saber viver em

comunidade, em conjunto, ou seja, na contramão do decantado individualismo norte-americano. No final do livro, as atitudes da irmã de Tom Joad, Rosenharn, revelam, de forma drástica, o aprendizado que tiveram com o êxodo: “They have transcended familial prejudices”⁸ (ALLEGRETTI, 2008, p. 80). Ou seja, depois que seu filho nasceu morto, Rosenharn, ao invés de lamentar-se, dedicou-se a ajudar o próximo. Ela amamentou um idoso que estava morrendo de fome.

John Steinbeck deixou a conclusão da história em aberto: os migrantes conseguiriam ou não resolver esse problema de disputas? Olhando para a história norte-americana, o problema de desemprego foi resolvido com a Segunda Guerra Mundial, pois, como Fonterose destaca a esse respeito, “[...] in 1940 America began to prepare for war and was in it before the end of 1941. This meant an end of unemployment”⁹. (FONTEROSE, 2008, p. 101).

Conclui-se, portanto, que, a exemplo do que acontece com os romances brasileiros – *Vidas Secas* e *O Quinze* –, em *Vinhas da Ira* ocorre: uma união familiar proporcionada pela condição de miséria, efeito do nomadismo; o processo do êxodo leva ao questionamento de identidades. Assim, portanto, o aspecto principal que permeia a obra é: “a impermanência das coisas, das pessoas e das relações” que “também revela o acre sabor do nada” (MAFESSOLI, 2001, p. 116).

Este capítulo, portanto, teve por objetivo analisar as obras *O Quinze*, *Vidas Secas* e *Vinhas da Ira* sob a perspectiva do nomadismo subjacente aos romances. As obras brasileiras situam-se no contexto do semiárido nordestino, onde, devido a fatores fisiográficos – os ciclos de seca e chuva –, muitas famílias são obrigadas a migrar. Em *O Quinze*, ao longo da migração, a família de Chico Bento se desintegra, levando a um processo dolorido de perda de alguns de seus membros, seja por

8 “Eles transcenderam os preconceitos familiares” (Tradução nossa).

9 “[...] em 1940, a América começou a se preparar para a guerra e estava nela antes do final de 1941. Isso significou um fim ao desemprego” (Tradução nossa).

morte, seja por fuga ou por adoção. Mesmo nesse cenário de miséria, o nomadismo leva a atos de solidariedade, que podem ser percebidos através da personagem Conceição. Chico Bento teve de transvestir sua identidade de vaqueiro para a de migrante, tendo, por isso, que reformular seus valores morais, éticos e sociais.

Vidas Secas retrata a família de Fabiano no período entre o final de uma migração e o início de outra. Assim como em *O Quinze* e em *Vinhas da Ira*, ele é movido pelo instinto de sobrevivência, isto é, Fabiano age para manter-se vivo e manter a integridade de sua família.

Em *Vinhas da Ira* ocorre a migração de uma família motivada por condições econômicas, e não por razões climáticas como nos romances brasileiros. Embora as condições de migração no romance norte-americano sejam diversas se comparadas às das obras brasileiras, algumas características subjacentes ao nomadismo se assemelham, tais como: tanto em *O Quinze* quanto em *Vinhas da Ira* o processo de migração motiva uma abertura para uma atitude solidária frente ao outro; da mesma forma que Chico Bento teve conflitos em relação aos seus valores morais ao longo da dolorosa viagem pelo agreste, sr. Joad e sra. Joad também passam por conflitos semelhantes, bem como por uma mudança de papéis sociais, alterando a estrutura familiar, isto é, sr. Joad deixa de ser o líder da família, tarefa assumida por sua mulher. O romance norte-americano pode, ainda, ser cotejado com o próprio êxodo bíblico, pois este, em sua estrutura, remete a elementos do episódio bíblico, tais como: Joad remeter aos Judeus; são doze membros da família que fazem a viagem, a exemplo das doze tribos de Israel e, por fim, Tom Joad pode ser relacionado a Moisés.

O que mais de destaca, porém, nos três romances em análise, é que o êxodo implica um trágico redimensionamento entre o homem e seu espaço físico e

simbólico e, ao longo da caminhada, há, sempre, grandes alterações familiares e crises de valores. Também como no êxodo bíblico, não se chega, nunca, “aos vales onde jorram o leite e o mel” (Êxodo 3.8), mas a lugares adversos, que implicam ainda mais lutas e adversidades.

2 – A CONDIÇÃO E A POSTURA FEMININA NO CAOS DO ÊXODO

Objetiva-se, neste capítulo, analisar a postura e a condição feminina frente às adversidades advindas da situação de nomadismo nos romances *Vidas Secas*, *O Quinze* e *Vinhas da Ira*. Analisar-se-á, primeiramente, as personagens casadas e mães – Sinhá Vitória, Cordulina e sra. Joad –, observando como se dá sua relação com o marido e os filhos frente à situação de pobreza e miséria provocadas pelo êxodo. Posteriormente, será destacada a condição da personagem Conceição, que, de certa forma, dialoga com a tradição da sociedade patriarcal, mas também aponta para uma nova maneira de se posicionar frente à sociedade enquanto mulher. Por fim, discutir-se-á sobre a condição das mulheres pobres e sozinhas – Mocinha e Rosenhardt –, que, devido à sua condição de miséria, se tornam presas fáceis para os homens, sendo, portanto, exploradas.

É relevante observar como a sra Joad, em *Vinhas da Ira*, e Sinhá Vitória, em *Vidas Secas*, se comportam face ao caos advindo do êxodo. A sra Joad, em função do êxodo, assumiu o papel de líder do clã, tomando as decisões mais importantes e mantendo a família unida. Em certos momentos, Sinhá Vitória também, devido à desordem provocada pelo êxodo, toma algumas decisões importantes, como, por exemplo, comer o papagaio, e, no final do romance, será ela quem, de certa forma, anima o marido quando tem início o próximo ciclo de seca e, novamente, eles são tangidos de onde trabalharam no período de chuva. Com relação ao romance *O Quinze*, Cordulina não influencia nas decisões da família com exceção da iniciativa de deixar seu filho caçula com Conceição. Mesmo sendo questionada por seu marido, que sentiu que estava dando seu filho como se este fosse um cachorrinho, o filho foi dado e sua decisão mantida em nome da possível sobrevivência da criança.

Certamente, sua atitude advém do caos devido à sua situação de nomadismo.

Para a análise das personagens femininas das obras *Vinhas da Ira*, *Vidas Secas* e *O Quinze* é necessário contextualizar a condição feminina na sociedade brasileira e norte-americana. Para isso serão utilizados, como base teórica, os autores Gilberto Freyre (1951), Elisabeth Badinter (1980), Mary Del-Priore (1997) e Nellie Y. McKAY (2008). Tomando como base a condição feminina abordada por esses autores, serão analisadas as personagens sra. Joad, Sinhá Vitória, Cordulina e Conceição.

2.1. MULHER: MÃE E ESPOSA

Se atendo, apenas, à condição feminina na Era Moderna do século XVI às primeiras décadas do século XX – período no qual se situam os romances em análise –, as mulheres tinham sua posição social, sempre, em segundo plano. McKay, ao discutir sobre o papel da mulher na sociedade ocidental, especificamente nos Estados Unidos da América, afirma que:

[...] our society is organized around male-dominated sex-gender systems that admit two genders, that privilege heterosexual relationships, and that embrace a sexual division of labor in which wife and mother are the primary function of women.¹⁰ (McKAY, 2008, p. 33).

Isso significa que, no sistema patriarcal instaurado no Ocidente, a mulher estava destinada ao ambiente da casa, tendo por função ser uma boa esposa e mãe. A propósito do contexto brasileiro, Antônio Candido, ao discorrer sobre a família brasileira, afirma que as classes sociais mais pobres do meio rural, por terem tido contato com os fazendeiros, incorporaram a divisão de papéis sociais do homem

10 “Nossa sociedade é organizada por meio de sistemas de dominação masculinos que admitem dois gêneros, que privilegiam os relacionamentos heterossexuais, e que abraçam a divisão sexual do trabalho no qual ser esposa e mãe são as funções primárias da mulher” (Tradução nossa).

e da mulher, segundo o modelo patriarcal.

Among the native rural population and lower classes [...] we may also observe the preservation of aspects from the old system organization [...] preserve traits acquired at the time when their contact with the latifundian patriarchal family motivated a certain transmission of values¹¹. (CANDIDO, 1951, p. 307).

No meio rural brasileiro, ao qual se reportam os romances *Vidas Secas* e *O Quinze*, houve, portanto, uma incorporação dos valores do sistema patriarcal em função do contato social da população pobre com fazendeiros que adotavam esse comportamento social. Antônio Candido afirma, ainda, que a imigração “[...] frequently contributes to the maintenance of the old patterns, not only because the immigrations adopt semi patriarchal traits through cultural contact, but because in many cases they themselves are the carriers of analogous traits¹²” (CANDIDO, 1951, p. 306).

Quanto ao papel de mãe, Elisabeth Badinter (1980, p. 23) destaca que a mãe é “[...] relativa e tridimensional, relativa porque ela só se concebe em relação ao pai e ao filho [...] e tridimensional pelo fato de além dessa dupla relação, a mãe também é uma mulher”. Badinter continua o argumento afirmando que, nessa relação, a criança assume um papel importante, pois aquele que a domina – isto é, o pai ou a mãe – “[...] pode esperar levar a melhor quando isso convém à sociedade” (BADINTER, 1980, p. 24). Em outras palavras, se o filho estiver sob a autoridade paterna, sobrarão à mulher um papel secundário, contudo, se o filho estiver sob influência da mãe, esta pode exercer domínio, pelo menos no contexto da casa.

11 “Entre a população nativa rural e de classe baixa [...] nós podemos também observar a preservação de aspectos de um sistema antigo de organização [...] eles preservam comportamento do tempo quando estavam em contato com a família patriarcal de latifundiários que motivou uma certa transmissão de valores” (Tradução nossa).

12 “[A imigração] freqüentemente contribui para a manutenção de padrões antigos, não somente pelo fato dos imigrantes adotarem o comportamento semipatriarcal através do contato cultural, mas porque, em muitos casos, eles mesmos carregam comportamentos similares” (Tradução nossa).

No contexto brasileiro, a mulher burguesa – que, concernente à análise proposta por esta pesquisa, se aplica somente à Conceição, sua avó e às mulheres da família do Vicente, pois as demais personagens de *O Quinze* e *Sinhá Vitória*, em *Vidas Secas* não são burguesas, mas proletárias – vivia enclausurada na casa e no rígido código imposto pelo sistema patriarcal. Tal estrutura perdurou desde o início da colonização até a metade do século XX, abrangendo o período em que os romances *O Quinze* e *Vidas Secas* foram escritos.

O patriarcalismo norte-americano não se diferencia muito do brasileiro no que diz respeito aos papéis associados ao homem e à mulher. Nellie Y. McKay, em estudo sobre o papel social da mulher no romance *Vinhas da Ira*, descreve a sociedade patriarcal, subjacente às obras de John Steinbeck, da seguinte forma:

The image of woman/wife/mother with children as the “core of domestic organization is implicit in patriarchal sex-gender systems”. Traditionally, men perform in the public sphere, while women’s place is in the home, where they loom large and powerful, although, in the larger world, they remain under the control of husbands and fathers¹³. (McKAY, 2008, p. 34).

McKay continua o argumento afirmando a existência de uma crença de que as diferenças em relação aos papéis sociais adviriam da estrutura biológica de cada sexo. Isto é, segundo uma visão darwiniana da evolução – formulada milênios após o início da estrutura patriarcal judaica –, acreditava-se que o homem havia evoluído para assumir certas funções públicas, ligadas ao pensamento abstrato, enquanto a evolução da mulher estaria direcionada às atividades práticas relacionadas ao cuidado da casa e dos filhos.

Essa teoria da evolução dos sexos pode ser considerada uma imposição

13 “A imagem da mulher/esposa/mãe com filhos como o ‘núcleo de organização interna está implícito em sistemas patriarcais baseadas no sexo’. Tradicionalmente, homens atuam na esfera pública, enquanto o lugar da mulher é em casa, onde elas aparentam ser grandes e poderosas, embora, no mundo maior, elas permanecem sob o controle de maridos e pais” (Tradução nossa).

masculina. Elisabeth Badinter, ao discutir sobre o tímido início da emancipação feminina na França no século XVII, descreve mulheres que negavam seu papel de mãe e esposa em busca do saber, sendo que estas eram recriminadas. Badinter parafraseia Fénelon, que estabeleceu o seguinte programa para a educação das mulheres:

Fénelon, no começo dos séculos das Luzes, é ainda mais severo e restritivo [...] ele recusa ao sexo feminino as poucas liberalidades que lhe havia concedido o burguês Molière, e compara a curiosidade científica a um impudor próximo do delito sexual: “Conservai seu espírito, tanto quanto puderdes, nas normas comuns e ensinai a elas que deve haver em seu sexo um *pudor em relação à ciência quase tão delicado quanto o pudor que inspira o horror ao vício*” [...] em nome disso Fénelon estabelece um programa mínimo para a educação das moças, compreendendo um pouco de matemática (ciência abstrata, portanto viril por definição) e de literatura clássica e religiosa. Proibi-lhes, porém, o direito, o espanhol e o italiano... E não lhes permite mais que rudimentos de latim e de história quando isso é realmente necessário para a Moral e Religião. (BADINTER, 1980, p. 95).

Percebe-se, na visão de Fénelon, a intenção da manutenção de uma sociedade regida pelo sexo masculino, com o estreitamento do campo de saber das mulheres, impedindo-lhes o acesso à educação formal e, conseqüentemente, ao crescimento pessoal e intelectual. Dessa forma, ao restringir o conhecimento científico à mulher, o homem condicionava a esfera de ação da mulher ao ambiente doméstico, impedindo-a de ter voz ativa para além da esfera doméstica.

No contexto brasileiro, Gilberto Freyre, ao analisar os aspectos que diferenciam sexos, cita uma pesquisa do professor Alexander Goldenweiser, na qual ele afirma que: “[...] a mulher distingue-se nas criações mais concretas, mais ricas do elemento humano e mais exigentes de perfeição técnica” (FREYRE, 1951, p. 274), enquanto o homem teria mais habilidades e talentos em relação aos elementos abstratos¹⁴, ou seja, o homem estaria mais apto para as atividades abstratas que

14 Essa visão do professor Goldweber à qual Gilberto Freyre se refere é um dos pontos mais polêmicos da obra *Sobrados e Mucambos*. Isso fez com que muitos intelectuais, ao longo da segunda metade do século XX, vissem com tanta ressalva a obra do Gilberto Freyre a ponto de

englobariam a composição musical, filosofia, etc.

Vale destacar que, no sistema patriarcal, a ênfase dada à natureza prática da mulher funcionou como uma imposição que procurava respaldar-se em embasamentos científicos, o que fazia da condição de submissão feminina um fator científico, advindo de sua predisposição biológica.

Esse tipo arcaico de pensamento é importante, pois pode ser visto nas obras em análise no que se refere à sobrevivência das famílias frente ao caos. Paradoxalmente, aquilo que seria um elemento limitador feminino converte-se em fator primordial de sobrevivência familiar ao longo do êxodo. Em *Vinhas da Ira*, a sra Joad, sempre dedicada ao lar, aos cuidados da casa e dos filhos, é a única que não perde o referencial do seu lugar na família. O sr. Joad tem sua posição e seu poder enfraquecidos ao perder o seu trabalho, isto é, a sua função dentro do sistema patriarcal, contudo a sra Joad, mesmo nas condições de nomadismo, continua sendo a mãe e a esposa que busca formas de alimentar a família, manter a higiene e, na medida do possível, manter certa unidade familiar. Enfim, mesmo como um arremedo, a sra. Joad continua consciente de qual é seu lugar e o seu papel na família e tenta manter certos vínculos familiares e certa ordem, mesmo depois de desalojada do seu espaço no mundo. É por esse motivo que ela acaba se tornando o centro das atividades frente ao caos do êxodo.

Essa postura da sra. Joad reside no fato de que a família, para ela, representa – a despeito da distância em relação ao homem religioso – uma espécie de herança imemorial da *axis mundi*¹⁵, que é “[...] a imagem de uma coluna

desconsiderar a pertinência e a relevância da obra como um todo. A despeito desse equívoco, *Sobrados e Mucambos* e *Casa Grande e Senzala* são leituras relevantes da formação da sociedade brasileira e independe da condição social e de alguns equívocos de Gilberto Freyre.

15 O *axis mundi*, segundo Mircea Eliade (1992, p. 24), “[...] que se vê no Céu, sob a forma da Via Láctea, tornou-se presente na casa cultural sob a forma de um poste sagrado. É um tronco de cedro de dez a doze metros de comprimento, do qual mais da metade sai pelo telhado da casa cultural. Esse pilar desempenha um papel capital nas cerimônias: é ele que confere uma estrutura cósmica à casa. Nas canções rituais, a casa é chamada de ‘nosso mundo’, e os candidatos à

universal que liga e sustenta o Céu e a Terra” (ELIADE, 1992, p. 24). É aqui que reside a diferença entre o sr. e sra. Joad, pois, para ele, a terra perdida também remete à herança imemorial da *imago mundi*¹⁶, isto é, o centro do seu mundo, enquanto que para a sra. Joad, tendo a família como sua *axis mundi*, onde estiver sua família, em certa medida, aí passará a ser o seu lugar no mundo. Por isso, durante a viagem para a Califórnia, o sr. Joad sente-se perdido sobre qual é a sua função em relação à família, enquanto que a sra. Joad não se sente abalada nesse aspecto, assumindo a função de liderança durante esse período de nomadismo.

Essa contraposição entre a sra Joad, que não perdeu o seu referencial frente ao êxodo, e seu marido, o sr. Joad, pode ser analisada sob a perspectiva da escolha existencial. Mesmo não sendo o homem religioso, como aquele do qual trata Mircea Eliade (1992), podem ser encontrados no homem moderno vestígios daquele homem que se perdeu ao longo do tempo. Para melhor compreensão entre a predisposição existencial entre o sr. Joad e a sra Joad, é interessante analisarmos duas condições discutidas por Mircea Eliade (1992, p. 23-24), ao se ater a dois tipos de tribos: as nômades e as sedentárias. A tribo nômade Arunta, em função da necessidade de sacralizar o espaço e ter um referencial no mundo, criou um ritual a partir de um poste sagrado, cuja função era lhes permitir tanto a comunicação com o céu quando lhes indicar o caminho a ser seguido na terra. Sendo assim, o poste, mesmo numa situação de contínuo movimento, lhes permitia sempre estar em “seu mundo”. Já a tribo sedentária tem no lugar em que escolhem para viver a réplica do mundo ideal e é a partir desse espaço que é construída a existência da comunidade.

iniciação, que habitam nela, proclamam: ‘Estou no Centro do Mundo...’ ‘Estou perto do pilar do mundo’, etc.– a mesma assimilação do pilar cósmico ao poste sagrado, e da casa cultural ao Universo, entre os Nad’a de Flores. O poste de sacrifício chama-se ‘Poste do Céu’, e acredita-se que o Céu seja sustentado por ele”.

16 A *imago mundi* é o centro do universo do homem religioso, que pode ser representado pelo templo, pela casa ou terra. Esta relação do sr. Joad com sua terra será analisada no terceiro capítulo.

É indiscutível que os Joads não são mais como o homem religioso, ao qual se atém Eliade, mas, ainda, possuem vestígios daquele, podendo-se considerar o seguinte: o sr. Joad estava atrelado ao espaço em que vivia, espécie esmaecida de *imago mundi* -- portanto seu referencial existencial sempre foi a terra que seus antepassados conquistaram e na qual ele e sua família sempre viveram. Ao perder esse espaço físico, o sr. Joad sentiu-se perdido e espoliado de qualquer outra referência simbólica de sustentação. Já a sra. Joad – da mesma forma que a tribo sedentária Arunta, cujo poste lhe permitia ter um lugar ao mundo – tinha seu referencial não no espaço em que morava, mas, sim, na sua família. Essa capacidade de colocar a família como sua *imago mundi*, independentemente de onde esta se encontrasse, a despeito das grandes adversidades e da perda do seu espaço físico, permitiu que ela mantivesse suas mais importantes referências e, para não perdê-las, ela cresce enquanto personagem, comportando-se como uma verdadeira matriarca. Isto é, manteve-se forte frente ao caos do êxodo advindo à sua família, pois era sua função mantê-la unida.

Simone de Beauvoir, no livro *O Segundo Sexo*, ao discorrer sobre a mulher casada, tece o seguinte argumento:

O lar [para a mulher casada] torna-se o centro do mundo e até sua única verdade; como observa muito bem Bachelard, é “uma espécie de contra-universo ou um universo do contra”; refúgio, retiro, gruta, ventre, ele abriga contra todas as ameaças de fora: é essa confusa exterioridade que se torna irreal [...] o lar é, portanto, para ela o quinhão que lhe cabe na terra, a expressão de seu valor social, de sua mais íntima verdade. Como ela não *faz* nada, ela se procura avidamente no que tem. (BEAUVOIR, 1960, p. 196, 197).

Nessa perspectiva, verifica-se que, historicamente, em relação à constituição dos papéis sociais dentro da família, o universo do homem seria externo, isto é, o de provedor e mantenedor, enquanto o da mulher estaria restrito ao ambiente da casa.

Essa privação da sra Joad no ambiente do lar fez com que a família se tornasse o seu refúgio e o centro de vida e, a despeito das grandes adversidades vivenciadas ao longo do êxodo, ela se mantém centrada na família e busca a sobrevivência e a estabilidade futura.

Nellie Y. MacKay, ao analisar as consequências que o êxodo trouxe, tanto para os homens quanto para as mulheres, afirma que: “[...] as conditions worsen and the men further internalize impotence, the women know they will be responsible for making crucial decisions to lead their families through the adjustment period ahead¹⁷” (MACKAY, 2008, p. 40). Já o crítico literário Joan Hedrick afirma, a propósito de *Vinhas da Ira*, que, enquanto os homens perdiam sua força de produção e sua posição social, as mulheres sabiam exatamente o que fazer:

Though there are no crops to harvested, there are clothes to mend, cornmeal to stir, side-meat to cut up for dinner. In a time of unemployment, women embody continuity, not out of some mythic identity as the Great Mother, but simply because their work, being in the private sphere of the family, has not been taken away¹⁸. (Hedrick apud MACKAY, 2008, p. 40).

A primeira situação em que a sra Joad assume um papel de liderança dentro da família antecede o início da viagem, o que prenuncia que ela, em tempos de crise, mudará de comportamento. Essa mudança é exemplificada quando ela, contra a vontade do marido, opina que o pastor Casey deve seguir junto com a família, a despeito das dificuldades em se alimentar mais uma pessoa no grupo. Jim Casey, pregador em Oklahoma, vendo seus fiéis deixarem as terras para migrarem para a

17 “Assim que as condições pioravam e os homens cada vez mais internalizavam a impotência, as mulheres sabiam que elas seriam responsáveis por tomarem as decisões cruciais para levarem as famílias para frente nesse período de ajustes” (Tradução nossa).

18 Embora não haja plantações para serem colhidas, há roupas para serem remendadas, farinha de milho para ser misturada, carne para ser cortada para o jantar. Em um tempo de desemprego, as mulheres incorporaram continuidade, não de uma forma mítica de a Grande Mãe, mas simplesmente porque seu trabalho, estando na esfera privada da família, não lhes foi tirado” (Tradução nossa).

Califórnia, encontra-se em crise vocacional. Ele vê, na possibilidade de estar junto à família Joad, uma maneira de reencontrar sua função social. A sra Joad foi sua grande defensora, alegando que a presença de um pastor sempre é bem-vinda, pois ter um guia espiritual pode ser interpretado como um sinal de que Deus está abençoando a viagem. Isso vai de encontro direto ao fato de os Estados Unidos terem sido colonizados por imigrantes cuja orientação religiosa é o protestantismo, mas, principalmente, que o início da colonização puritana deu-se, sempre, sob a égide do princípio religioso. Essa questão tem implicações diretas na maneira como a família Joad lida com as adversidades ao longo da viagem. Dentro do protestantismo, diferentemente do catolicismo – predominante no Brasil –, existe o fato de que o êxito na vida é uma demonstração da benção de Deus. Sendo assim, a necessidade de ter boas condições de vida e ser visto por isso é um grande sinal da benção de Deus e tal visibilidade econômica e social adviria, sempre, do trabalho. Em *Vinhas da Ira*, devido à miséria provocada pelas condições econômicas do país, há um questionamento sobre a atuação de Deus na vida dessas pessoas. A miséria e a decadência adviriam de um castigo divino, contudo, para os Joads, o fato de um pregador estar com eles poderia ser um sinal da benção de Deus. Por isso, a sra Joad afirma que é possível levá-lo junto, havendo a vontade da família:

[...] E se podemos dar comida para mais uma pessoa [...] Será que podemos, Mãe?

- A questão não é saber se podemos; a questão é saber se queremos – disse com firmeza – Quanto a *poder*, acho que não podemos; mas quanto a *querer*, a gente querendo faz o que pode¹⁹. (STEINBECK, 1978, p. 114).

A partir dessa argumentação da sra Joad foi decidido que o pregador viajaria

19 A versão em original traz a resposta da sra Joad da seguinte forma: “It ain’t kin we? It’s will we?... As far as ‘kin’, we can’t do nothin’, not go to California or nothin’; but as far as ‘will’, why, we’ll do what we will”. Tradução nossa: “A questão não é podemos? É queremos?... enquanto for ‘poder’, nós não podemos nada, nem ir para Califórnia ou nada; mas enquanto for ‘queremos’, porque, nós faremos o que queremos”.

junto com os Joads. Desde então ela passou a ter mais autoridade dentro da família e a exercer tal liderança. Essa mudança de postura gerou certo ressentimento no sr. Joad, o que fez com que ele se fechasse e fosse perdendo gradativamente o papel de líder central da família, mas há passagens nas quais, quando o casal se confronta, prevalece a opinião do marido. Há, entretanto, também vários exemplos de confrontos diretos entre a sra Joad e seu marido, em que prevalece a opinião da mulher. O primeiro desses exemplos é quando o caminhão quebra na estrada e ele quer separar o grupo para buscar assistência. Ela rejeita a ideia e faz o possível para convencer o marido de que o grupo deve permanecer unido e sua obstinação se torna contundente quando ela chega a pegar o macaco, que estavam usando para consertar o carro:

– Eu não vou – disse; – Como não ,vem? Que história é esta, agora? Tu tem que vir! A gente precisa de ti. Quem vai olhar pela família? – Pai estava se zangando.
Mãe sentou-se no assento traseiro do carro de turismo. Pegou o macaco e ficou a brandi-lo levemente – Não vou – repetiu; – E eu digo que tu vem! Isso já está decidido.
E, agora, endureceram os lábios de Mãe numa linha de inflexibilidade. Ela disse em voz surda: – Só saio daqui arrastada [...] Se tu me toca um só dedo, eu juro que eu espero até tu sentar ou deitar pra te arrumar com um balde na cabeça. Juro por tudo que é sagrado!
Pai olhou, desconcertado, o grupo.
– Ela tá maluca – falou – Nunca vi ela assim. – Ruthie riu à socapa.
O macaco girou firmemente nas mãos da Mãe. – Vem pra tu ver...
(STEINBECK, 1978, p. 194).

Nesse episódio nota-se a atitude de confrontação da sra Joad em relação ao marido, que se vê desconcertado frente a tal situação, pois isso nunca havia acontecido antes. Da mesma forma que os homens, ao perderem a terra para o banco, se desesperam, como exemplifica a atitude do avô que, descontrolado, decide atirar contra o trator que está em sua propriedade – fato que ocorre no início do romance –, já que o trator simboliza o fim do sua *imago mundi*, a sra Joad

também o faz, não para defender um espaço já perdido, mas para manter a família unida. Ela toma tal atitude por compreender que a família é a única coisa que lhe resta e que, sem a família, perderá totalmente suas últimas referências no mundo. É desse desespero que advém, no episódio supracitado, o seguinte argumento: “Que é que nos resta na vida? Nada, a não ser nossa família. Mal a gente deixou nossa terra, e Avô morreu. E agora... agora tu quer que a gente se separe também” (STEINBECK, 1978, p. 195). Nota-se que o Avô, ao sair de sua terra, morre, já que estava na terra o sentido de sua vida e a constituição de sua identidade, pois fora ali o lugar de seus avôs, pais, e que ele, ao morrer, deveria ligar aos filhos. O avô não aguentou a perda de sua *imago mundi* e morreu. De certa forma, a sra Joad, percebendo o que acontecera com o Avô, e sabendo que a família era a única coisa que lhe poderia manter o sentido de sua existência, luta com todas as suas forças para não perdê-la, pois preferia “rachar a minha própria cabeça” (STEINBECK, 1978, p. 195) a ter sua família desunida.

O segundo embate se dá quando o sr Joad não encontra trabalho por semanas e desanima. Nesse momento ela diz que ele não tem o direito de ficar envergonhado e desanimado, que ele não está fazendo as coisas certas, pois o sr Joad ainda compara, no presente, a vida com aquela anterior à perda de suas terras, quando ele ainda era dono delas, de sua casa e o centro da família. Nesse momento, a sra Joad procura mostrar ao marido que não existe mais essa situação e que eles já não podem viver e pensar como quando estavam em Oklahoma e que, na situação presente eles precisam, inclusive, de uma nova casa. Ela diz que está a toda hora pensando na casa que tinham, na rotina, mas conclui que “[...] era melhor a gente não pensar mais em casa – disse Mãe – A gente não pode dizer mais ‘em casa’. Precisamos esquecer de tudo isso e de Noah” (STEINBECK, 1978, p. 383).

Nessa fala percebe-se a luta do sr. e da sra. Joad para enfrentarem a perda, tanto de um lugar específico – que afetou ainda mais ao sr Joad –, como a perda de um membro da família, o Noah, filho mais velho do casal, filho que, assim que a família chegou à Califórnia, decidiu fugir, seguindo o curso de um rio e isso ocorreu pouco depois de Connie, o marido de Rosenhard, também ter fugido e abandonado a mulher à própria sorte.

A sra Joad percebeu que o sofrimento maior do marido não advinha do fato de ele não achar emprego, mas de a vida não ser mais como antes, quando ele trabalhava na própria terra e vivia a rotina herdada da família. A nova situação social, familiar e econômica faz com que ele não se empenhe para se ajustar às novas condições. A sra Joad o exorta a deixar tudo isso para trás e pensar no futuro, no que irão construir e no que virão a ter, pois enquanto estão vivos existe a esperança de um futuro melhor.

A atitude da sra Joad, nesse ponto, se assemelha à de Sinhá Vitória, em *Vidas Secas*. Também ela, no final do romance, quando tem início outro ciclo de seca e a retomada do êxodo interrompido com o período de chuva, sonha com a possibilidade de uma mudança efetiva de vida que adviria da migração para o Sul. Sinhá Vitória, da mesma forma que a sra. Joad, busca animar Fabiano, que se encontra novamente migrando com sua família. É nesse momento de fuga para um lugar desconhecido que Fabiano começa a resmungar e falar palavras incompreensíveis. Sinhá Vitória, então, vendo a tristeza e desesperança do marido, “[...] tentou sossegá-lo dizendo que ele poderia entregar-se a outras ocupações [no sul brasileiro], e Fabiano estremeceu-se” (RAMOS, 1974, p. 165). Sinhá Vitória foi tão importante nesse momento que “[...] agora, Fabiano estava meio otimista” (RAMOS, 1974, p.166). Fabiano, devido à constante migração, sentia-se inseguro,

e, por isso, necessitava da aprovação da mulher para manter as esperanças. Ao ser estimulado pela mulher, Fabiano retoma seu papel de líder da família e, assim como fizera Sinhá Vitória, passa a fantasiar uma vida melhor, como forma de alento para o desespero de ter que, novamente, estar vagando pela caatinga à mercê da inclemência da seca.

Era um bebedouro, não era? Sinhá Vitória estirou o beijo, indecisa, e Fabiano afirmou o que havia perguntado. Então ele não conhecia aquelas paragens? Estava a falar variedades? Se a mulher tivesse concordado, Fabiano arrefeceria, pois lhe faltava convicção; como Sinhá Vitória tinha dúvidas, Fabiano exaltava-se, procurava incutir-lhe coragem. Inventava o bebedouro, descrevia-o, mentia sem saber que estava mentindo. E Sinhá Vitória excitava-se, transmitia-lhe esperanças. (RAMOS, 1974, p. 169).

No final do romance é evidente a iniciativa de Sinhá Vitória em se animar com as afirmações do marido, mesmo mentirosas, para que esse ficasse motivado e não perdesse as esperanças. Sinhá Vitória, aqui, desempenha um papel muito importante para a família, mantendo Fabiano motivado, a despeito das dificuldades provocadas pela seca e que motivaram ao êxodo. Sendo assim, há uma aproximação entre Sinhá Vitória e a sra Joad, pois ambas exercem um papel importante dentro da família, mantendo os maridos motivados para que não perecessem frente ao caos do êxodo.

Também havia sido Sinhá Vitória que – no final da primeira fuga, no início do romance – mantivera a família unida, evitando que Fabiano, em um momento de desespero, abandonasse o filho à própria sorte, assim como é ela quem decide matar o papagaio, único alimento ainda disponível, apesar de o papagaio ser considerado parte da família.

Já a sra Joad, ao centrar seus esforços para manter a família unida, acreditava ser esta a única forma de vencer as adversidades e antever alguma

possibilidade futura. Quando seus filhos tomaram rumos diferentes, seus pais morreram, o marido da Rosenhardt fugiu e seu neto nasceu morto. Ela também sofreu muito, pois estava perdendo o controle do que ocorria com sua família.

Esse mesmo tipo de sofrimento é o que aproxima a sra. Joad de Cordulina, em *O Quinze*, pois as duas sofrem com as desgraças que a migração provocou em suas famílias. As semelhanças se restringem, contudo, a essa questão, pois, diferentemente da sra Joad, Cordulina não assumiu um papel de autoridade dentro da família, tampouco questionou a autoridade do marido, tendo somente, em alguns momentos, influenciado nas decisões, como no caso de doar o filho à Conceição para que ele tenha alguma chance de sobrevivência.

Para Cordulina, a perda de um filho por morte e outro por fuga fez com que ela se tornasse desesperadamente apática ou, então, insegura e aflita:

Cordulina já o esperava meio inquieta. Desde que Josias morrera e o Pedrinho fugira, vivia cheia desses terrores de morte e abandono. Bastava Chico Bento demorasse um nada, para que ela andasse aflita, ansiosa, tremendo por qualquer nova desgraça a que chegasse sem se saber como. (QUEIROZ, 2005, p. 107).

Foi nesse instável estado de espírito que Cordulina teve coragem de conversar com o marido sobre Duquinha, o filho mais novo, dizendo que Conceição o havia pedido para cuidar, ao que ele indaga:

- E o que é que você disse?
- Que por mim não tinha dúvida. Dependia do pai...
- E tu não tem pena de dar teus filhos que nem gato ou cachorro?
A mulher justificou amargamente:
- Que é que se é de fazer? O menino cada dia é mais doente... A madrinha quer carregar pra tratar, botar ele bom, fazer dele gente... Se nós pegamos nesta besteira de não dar o mais que se arranja é ver morrer, como o outro... (QUEIROZ, 2005, p. 108).

Nota-se que a decisão de Cordulina de dar o filho é motivada pela

preservação da vida dele. Ela sabe que não terá o filho perto, mas também sabe que não tem condições de garantir sua sobrevivência. Mesmo consciente disso, ela deixa a responsabilidade da decisão para o marido. Chico Bento, indeciso, devido à insistência da mulher, acaba decidindo “É... dê... Se é da gente deixar morrer, pra entregar aos urubus, antes botar nas mãos da madrinha, que ao menos faz o enterro...” (QUEIROZ, 2005, p.108). Nessa resposta fica evidenciado o pessimismo do marido frente à decisão tomada, pois, para ele, o filho morrerá, só que, com a madrinha, terá condições de um enterro digno, “como gente”, isto é, dentro daquilo considerado civilizado e humano, e não entregue aos urubus como um animal qualquer.

Cordulina, não de maneira direta como a sra Joad, influencia as decisões do marido, embora ela não o enfrente diretamente, mas use o choro como um instrumento de convencimento. Também será essa sua estratégia quando Chico Bento planeja migrar para a Amazônia e, dados os lamentos da mulher, ele pede opinião à Conceição, que o demove de tal intento e sugere que ele migre para São Paulo.

- Minha comadre, quando eu saí do meu canto era determinado a me embarcar para o Norte. Com a morte do Josias e a fuga do outro, a mulher desanimou e pegou numa choradeira todo dia, com medo de perder o resto... Eu queria primeiro que a senhora desse uns conselhos a ela [...] esse negócio de morrer menino é besteira... Morre quando é dia, ou quando Deus Nosso Senhor é servido de tirar...

[...] E ficaram os três indecisos, calados. [...] Subitamente, Conceição teve uma idéia:

- Por que vocês não vão para São Paulo? Diz que lá é muito bom... Trabalho por toda a parte, clima sadio... Podem até enriquecer.

O vaqueiro levantou os olhos, e concordou. (QUEIROZ, 2005, p. 112-114).

Cordulina resistiu o quanto pôde, pois não queria ir para o Amazonas, dada a dificuldade da viagem, mas também em função das doenças que atacavam

aqueles que para lá haviam migrado. Essa atitude de Cordulina é uma tentativa de manter a família unida, de não perder mais filhos por causa do êxodo. Essa postura de Cordulina se assemelha à atitude de sra Joad no que se refere à motivação de preservar a família. Elas, contudo, se diferenciam na forma como tentam demover seus maridos de determinada postura e a adotar outra, que elas acham mais adequada à manutenção de todos vivos e unidos. Enquanto a sra Joad enfrenta seu marido, chegando a pegar um macaco para intimidá-lo, Cordulina usa do choro, uma maneira indireta de influenciar o marido, que, na questão da viagem para o Amazonas, foi eficiente.

Conclui-se, portanto, que a postura das personagens sra Joad, Sinhá Vitória e Cordulina frente ao caos do êxodo se assemelham em alguns aspectos. Um deles é o fato de que as três personagens instintivamente protegem sua família para que sobreviva a despeito das adversidades advindas do êxodo. Outro ponto em comum é o fato de que, mesmo sendo o marido a figura principal da família, principalmente quando estão estabelecidos, a mulher, frente ao caos do êxodo, assume uma postura importante dentro da família, sendo que, no romance norte-americano, *Vinhas da Ira*, a sra. Joad, de uma maneira muito explícita, toma as decisões no que concerne aos assuntos familiares. Já nos romances brasileiros, isso se dá de forma indireta, com Sinhá Vitória, em *Vidas Secas*, fazendo as contas para o marido, decidindo matar o papagaio ou dando esperança a Fabiano quando este se encontra desesperado. Cordulina também o faz, quando quer dar Duquinha à Conceição e quando chora para não viajar para o Amazonas, influenciando, assim as decisões de Chico Bento.

2.2. ENTRE A TRADIÇÃO E O NOVO – O CASO DE CONCEIÇÃO

No subitem anterior foi discutido o comportamento das mulheres casadas dentro do contexto patriarcal brasileiro e norte-americano, considerando-se a manutenção e/ou o questionamento dos seus papéis sociais a partir do caos provocado pelo êxodo, seja por motivos econômicos ou climáticos. Já no que concerne ao papel da mulher sozinha, a escritora Rachel de Queiroz, em *O Quinze*, ao criar a personagem Conceição, perpassa uma imagem feminina dissonante do ideário social da época, considerando-se sua posição social e o contexto do sertão nordestino do primeiro quartel do século XX. O fato de Conceição pertencer a uma classe social abastada, que lhe deu acesso à educação formal, lhe propiciou extrapolar os limites da fazenda e da família sertaneja, aos quais estava historicamente destinada. A decadência do rigor do sistema patriarcal abriu os horizontes para além do universo familiar. Conforme Beauvoir,

[...] para a mulher também é preciso que a vida harmônica do lar seja ultrapassada em direção a determinados fins: o homem é que servirá de intermediário entre a individualidade da mulher e o universo, ele é que revestirá de um valor humano a contingente facticidade dela [...] que ela lhe entregará nas mãos a existência e ele lhe dará um sentido. (BEAUVOIR, 1960, p. 195).

Levando em conta esse ideário vigente na decadente sociedade patriarcal, a mulher só encontraria sentido a partir do homem, entregando-lhe, via casamento, seu destino. A personagem Conceição, ainda que timidamente, prenuncia um novo tipo de mulher que se firmará socialmente ao longo do século XX e sua ousadia está em construir seu lar sem a presença do homem, buscando um emprego de professora. Embora o ofício de professora – dentre outros como secretária – tenha sido dos mais tradicionais, portanto, pouco ousado, ele propiciou à mulher burguesa a inclusão no mercado de trabalho. Conceição vai, porém, mais longe ao engajar-se em uma causa social sem *glamour* e pouco recomendável às “moças de família”,

que é a dos retirantes. Conceição, na contramão das sinhazinhas de fazendas, optou por estudar ao invés de ter o casamento e a maternidade como programa de vida. Para a mulher burguesa, inserida no sistema patriarcal, o casamento seria aquilo que daria sentido à sua existência, isto é, o exercício da função de esposa e mãe. Caso ela ficasse solteira, seria socialmente marginalizada. Como destaca Gilberto Freyre, isso fez com que “[...] as solteironas (...) fossem pouco mais que escravas na economia dos sobrados” (FREYRE, 1951, p. 309). Conceição, passando da idade de casar, passará a ser uma solteirona aos olhos da sociedade patriarcal, independentemente de sua profissão e de sua autonomia econômica. Entretanto, mesmo que timidamente, ela já não se ajusta a esse trágico estereótipo, tanto que, sem que fiquem claros os motivos, ela não investe no relacionamento com Vicente, seu pretendente.

Nessa perspectiva de um novo comportamento feminino, cabe, ainda, destacar que essa nova mulher percebe o mundo para além dos limites da própria família e, ao fazê-lo, engaja-se nas causas sociais. Quanto à profissão, esta é, simultaneamente, um avanço, mas, de ousadia limitada, visto que ser professora foi um dos caminhos mais tradicionais de inclusão da mulher no mercado de trabalho. Aí vale, porém, destacar que Conceição reluta em ser a clássica “professorinha”, cuja profissão seria quase um “passatempo”, do qual adviria uma pequena renda para seus gastos pessoais, pejorativamente classificados de “alfinetes”, como se dizia à época. Embora esses “alfinetes” fossem uma pequena renda, eles acabariam se tornando uma relevante fonte de renda para a família.

Embora Conceição viesse de uma família tradicional, com determinados valores correspondentes aos da mulher patriarcal, ainda presa a uma família tradicional, ela optou por outro tipo de vida que prenuncia a independência feminina.

Ao colocar num mesmo ambiente Conceição e sua avó – quem a criou depois que seus pais morrerem –, Rachel de Queiroz estabelece um interessante diálogo entre o “antigo” e o “novo” em relação ao comportamento feminino. Isto é, entre a tradição enraizada nas famílias abastadas da região do sertão nordestino e o surgimento de um novo modelo de mulher, estudiosa e independente, mas sozinha. Esse conflito entre gerações pode ser visto logo no início do romance:

Conceição tinha 22 anos e não falava em casar [...] dizia alegremente que nascera solteirona. Ouvindo isso, a avó encolhia os ombros e sentenciava que mulher que não casa é aleijão.
- Essa menina tem umas idéias!
[...] Acostumada a pensar por si, a viver isolada, criara para o seu uso idéias e preconceitos próprios. (QUEIROZ, 2005, p. 14).

Chiappini (2002), discorrendo sobre as personagens femininas na obra de Rachel de Queiroz, afirma que o preço da liberação das personagens em relação ao ambiente doméstico e ao marido é a solidão. Isso ocorre em função do pensar e agir das personagens femininas face às contingências sociais e às mazelas do país. Pensando e agindo de forma diferente do que era esperado das mulheres da época, do que estava socialmente estabelecido, era previsível que ocorresse um certo isolamento dessa mulher, pois está dissonante daquilo que a sociedade patriarcal esperava dela. Isto é, quando a mulher age de forma diferente do que é esperado dela – ou seja, ser mãe e esposa, e estar submetida física e intelectualmente ao marido –, ela se encontra isolada. Lígia Chiappini (2002, p. 169-170), ao se ater à obra *Presence de la Femme dans L'œuvre Romanesque de Rachel de Queiroz*, da estudiosa Nicole Guenot Baranes, tece algumas considerações que dizem respeito à vida das heroínas fortes que “[...] parecem apontar para um misto de ruptura e de conservadorismo, no que diz respeito ao comportamento das mulheres de sua geração e origem social” (CHIAPPINI, 2002, p.170).

Conceição se ajusta a essa situação, pois ela não faz do casamento sua única possibilidade e se afasta dos padrões vigentes. A despeito, porém, de sua ousadia, ainda há nela muito da moça patriarcal e da sinhazinha, inclusive na sua relação com os pobres. Por outro lado, ela tem uma profissão, mas esta é a mais convencionalmente aceita para as mulheres. Já sua ousadia se vincula à aberta assistência social aos retirantes, à adoção do afilhado e à busca de mais conhecimentos intelectuais, que não apenas aqueles necessários ao magistério e que faziam parte do currículo das normalistas.

Na obra de Rachel de Queiroz como um todo há “[...] mulheres fortes, que buscam a liberdade, seja pelas letras seja pelas armas, ficam sozinhas, sem marido e [...] sem filhos” (CHIAPPINI, 2002, p. 170). Conceição, frente às suas escolhas, é uma mulher sozinha, já que seu “romance” com Vicente parece inviável, pois ela está inserida num contexto urbano, com uma profissão e objetivos definidos, nos quais parece que seu pretendente não se enquadra. O relacionamento entre Vicente e Conceição fica em aberto no final do romance, não podendo, portanto, ser analisado como findou a questão. Conceição, contudo, mesmo solteira, adotou um filho motivada pelas condições miseráveis dos retirantes, cujo melhor representante no romance é a família de Chico Bento. Tal decisão implica aceitar o papel de mãe sem o apoio nem a representação social de um marido. Sobre o casamento, na obra de Rachel de Queiroz, Courteau destaca que:

Nos romances *O Quinze* (1930), *Caminho de Pedras* (1937), e *João Miguel* (1932), Rachel desestabiliza o ideal de domesticidade borrando aquela imagem de mulher que foi desenvolvida com tanto cuidado no século XIX, mulher como o “anjo do lar”. Conceição, a heroína de *O Quinze*, ao não encontrar um homem que a merecesse, apesar do seu nome, rejeita o matrimônio e com este a conseguinte maternidade [...] Conceição torna-se mãe ao adotar Duquinha, filho dos retirantes da seca. (Courteau apud KETTNER, 2007, p. 749-750).

Sobre o estereótipo da mulher do século XIX, pode-se citar Dauphin (1991), que, no livro *História das Mulheres: o século XIX*, no capítulo “Mulheres Sós”, ao discutir sobre as mulheres sozinhas, destaca:

Uma mulher só! Não há qualquer coisa de plangente na associação destas duas palavras?”. Esta exclamação de uma jornalista inglesa em meados do século XIX faz coro com numerosos artigos que levantam o problema das mulheres “supérfluas”, ditas “mulheres redundantes”.[...] repartidas por toda a sociedade mas proporcionalmente mais numerosas nas classes médias e superiores, que têm de ganhar a vida elas próprias, em lugar de gerir e gastar dinheiro dos homens; que, não preenchendo os deveres e as tarefas naturais de esposa e mãe, têm de abrir um caminho artificial, e têm as maiores dificuldades em conseguir trabalho; que, em lugar de cumular, suavizar e embelezar a existência dos outros, são obrigadas a levar uma vida independente e incompleta pelos seus próprios meios. (DAUPHIN, 1991, p. 478).

A despeito de a citação acima referir-se à condição feminina no século XIX, o contexto rural brasileiro do início do século XX se aproximava muito desse ideal retratado por Dauphin. Conceição seria uma mulher incompleta, por não se casar nem assumir o papel “natural” de esposa e mãe. Além disso, a mulher que decide pelo celibato é pressionada economicamente para as vias matrimoniais.

Entre os camponeses a celibatária é um pária; fica sendo a serva do pai, dos irmãos e do cunhado [...] mesmo nos casos em que ela é mais emancipada, o privilégio econômico detido pelos homens incita-a a preferir o casamento a um ofício. (BEAUVIOR, 1960, p. 170).

Conceição não pensa, contudo, em se casar. Mantém-se como professora – vivendo numa situação econômica inferior à que teria se casando com um fazendeiro – e consegue desvincular-se da associação entre casamento e filhos ao adotar Duquinha, filho de Cordulina e Chico Bento.

Em relação à mulher sozinha, merece destaque, ainda, em *O Quinze*, a contraposição entre Mocinha e Conceição. Ambas terminam com um filho, sendo

que a primeira o tem fruto de sua condição de miséria, provocada pelo caos do êxodo, sem planejamento de como criá-lo, ou seja, ele será mais um a aumentar a massa de miseráveis e a indigência. Embora o “filho” de Conceição também tenha como origem as mazelas advindas do êxodo, ela, diferentemente de Mocinha, opta por adotar um filho, movido pela compaixão, pelo desejo de querer salvá-lo, enquanto que o filho de Mocinha é fruto de sua condição de miséria, que fez dela uma presa fácil dos homens, devido à sua fragilidade, juventude e pobreza. Conceição adota um filho sabendo que tem as condições de lhe dar uma vida digna e que, sob seus cuidados, ele terá mais chances de sobrevivência, como, de fato, acontece.

As mulheres, na obra de Rachel de Queiroz, são sensíveis aos problemas sociais do país, “[...] não apenas da região do nordeste: seca, miséria da maioria, alcoolismo [...] com tudo isso elas se confrontam e por tudo isso são confrontadas a si próprias e à sua condição privilegiada” (CHIAPPINI, 2002, p. 170). A relação de Conceição com os retirantes – como o próprio nome lembra – é de defensora dos miseráveis. Nesse sentido, Kettner, afirma que:

Esta personagem quebra o estereótipo da mulher nordestina que está fadada ao casamento e aos afazeres domésticos. Conceição, ainda que absorva o estereótipo da Virgem Maria/ Nossa Senhora da Conceição em socorro dos retirantes nordestinos, é representada de maneira a exercer um papel ativo na sociedade e se destaca por sua inteligência. (KETTNER, 2009, p. 2).

Essa personagem inteligente, que se dedica a ajudar os retirantes, é um novo tipo de mulher que já não precisa ter como raio de atividade, apenas, a esfera doméstica, mas que já pode ter certo papel ativo na sociedade, para além do espaço doméstico. Entretanto, coerentemente com a época na qual se situa o romance, a independência de Conceição ainda é tímida e limita-se a relutar em ter, apenas, o

casamento como projeto de vida, em adotar um filho e a prover o próprio sustento.

Assumindo tal postura percebe-se que “[...] o preço da liberação dessa mulher [...] será a solidão. A liberdade de pensar, agir, trabalhar e viajar pede o sacrifício da maternidade e de uma vida em comum com um homem amado” (CHIAPPINI, 2002, p. 170). O caminho da mudança é um caminho solitário, pois questiona uma ordem preestabelecida e afasta a todos que a rodeiam. Por esse motivo, Kettner afirma que:

[...] encontra-se em *O quinze* o estereótipo de mulher independente inserida em um cenário de seca enleado por uma atmosfera platônica e romântica. A personagem Conceição encontra-se indecisa entre sua convicção de ser independente e sua vocação materna (resolvida mais tarde com a dissociação entre maternidade e casamento) e amor pelo sexo oposto. Conceição titubeia sobre o que as feministas lhe têm a dizer: “E a eterna escrava vive isolada no seu embuste. É tão complexo isso de ambiente... Afinal ...mas sei lá!...” (KETTNER, 2009, p. 10-11).

Essa tímida liberdade de Conceição ao negar casamento e adotar um filho gera consequências. Gilberto Freyre é enfático ao dizer que:

[A solteirona] é abusada não só pelos homens, como pelas mulheres casadas. Era ela quem nos dias comuns como nos de festa ficava em casa o tempo todo, meio governante, meio parente pobre... as solteironas, principalmente, fossem pouco mais que escravas da economia do sobrados. FREYRE, 1951, p. 309).

Conceição posiciona-se com certa ousadia em relação ao seu tempo e ao seu meio ao rejeitar o casamento, e buscar ser um tipo diferente de solteirona. Ao final do romance, Conceição afirma categoricamente: “Tenho certeza de que nasci para viver só” (QUEIROZ, 2005, p. 156). Ela deixa de ser um agregado na família, para buscar uma maneira de viver independente. A maternidade sem o casamento pode, também, apresentar um problema, pois Beauvoir (1960, p. 171) destaca que “[...] a maternidade, em particular, só é respeitada na mulher casada; a mãe solteira

permanece um objeto de escândalo”. Embora não se aplique, aqui, o escândalo sexual advindo do filho sem a legitimidade do casamento – já que a adoção exclui o intercuro sexual –, pode-se dizer que Conceição tem uma iniciativa avançada em relação ao seu tempo e ao seu meio, pois assume uma posição ousada ao ser mãe, mesmo que por adoção, e solteira. Entretanto, sua ousadia não ultrapassa a barreira sexual, uma vez que sua relação afetiva com Vicente fora, apenas, platônica, como convinha a uma moça solteira e de “boa família” e não há, no final do romance, o prenúncio de qualquer mudança em relação à sua condição celibatária.

2.3. OS DESENCONTROS DE ROSENHARDT E MOCINHA

No subitem anterior foi analisada a situação de Conceição, que busca ser um tipo de mulher diferente do estereótipo da “moça de família” da época na qual o romance se situa. Também se objetiva, contudo, no intuito de estabelecer uma relação comparativa entre os romances brasileiros e o romance norte-americano, comparar e/ou contrapor a postura e as atitudes de Mocinha à de Rosenhardt.

Para analisar melhor a posição social que tanto Mocinha quanto a de Rosenhardt assumem é necessário analisar qual era o comportamento imposto socialmente para essas mulheres e a que consequências isso levava. Os romances *Vinhas da Ira* e *O Quinze* não tratam especificamente da mulher burguesa, mas das mulheres pobres – embora, historicamente, a condição de Mocinha seja mais aviltante que a de Rosenhardt –, a despeito das adversidades da vida e da luta pela sobrevivência, também elas eram julgadas a partir dos padrões de honestidade e de moralidade burguesa.

Essa questão é evidente em relação à Mocinha, que, após “se perder”, passa a ser tratada como um objeto, “vindo de mão em mão” (QUEIROZ, 2005, p. 147), como ela mesma diz. Nahoum-Grappe (1991, p. 127), ao discorrer sobre a mulher bela, afirma que: “[...] para a rapariga pobre, ser bela é um risco a mais que expõe sua fragilidade aos olhares de todos [...] a penúria econômica faz da mulher bonita uma presa indefesa”. Mocinha, no início do romance – embora não seja descrita em detalhes fisicamente –, é uma ingênua e vaidosa adolescente, preocupada em causar boa impressão, conforme sua descrição no início da viagem.

Mocinha, de vestido engomado, também levava sua trouxa debaixo do braço, e na mão, os chinelos vermelhos de ir à missa [...] Só mocinha olhou a rês com indiferença, ajeitou na mão as chinelas, e continuou a andar no seu passo macio, tão rápido e leve que mal esmagava os torrões quebradiços do chão. (QUEIROZ, 2005, p. 40, 41).

Ao longo da fuga, ela deixa a família e torna-se uma presa fácil para qualquer sedutor, passando, então, de aventureiro em aventureiro e, em sua última presença na narrativa, ela já está desiludida, desgastada, sexualmente explorada e com um filho recém-nascido para criar.

Rosenhardt, em contrapartida, casa-se com Connie, um jovem que lhe promete um futuro brilhante. Connie, contudo, ao longo do êxodo, foge e abandona Rosenhardt grávida, tendo ela de encarar, por isso, o *status* de mãe sem marido e com um filho – “objeto de escândalo” (BEAUVOIR, 1960, p. 171) – no contexto puritano no qual a personagem está inserida. Isso significa que Rosenhardt e Mocinha, de certa forma, a despeito da pobreza, acentuada pela situação advinda do êxodo, continuam sujeitas aos julgamentos morais rigidamente constituídos pela moral protestante no caso norte-americano e pela rigidez do sistema patriarcal rural no caso brasileiro. Em *O Quinze*, Mocinha, ao fugir desses padrões, sabe que não

pode mais voltar para a fazenda, conforme lhe propõe sua madrinha, pois não seria mais bem aceita naquela comunidade. Antônio Candido afirma que:

Other traits, however, are vigorously preserved: tolerance for discreet adultery on the part of the male; intolerance of adultery on the part of the woman; and a violent taboo against loss of virginity on the part of the females, even in the most urbanized centers.²⁰ (CANDIDO, 1951, p. 309).

Para a moça solteira, portanto, a perda da virgindade, claramente visível pelo fato de já ter um filho, faz com que ela não possa regressar a Quixadá, tendo em vista que ela não mais será aceita segundo os valores morais daquela sociedade. Com relação à moral protestante e ao julgamento moral de Rosenhardt, ocorre um episódio num acampamento do governo em que uma mulher, a sra Sandry, conversa com Rosenhardt dizendo que o filho nasceria morto por causa dos seus pecados. A sra Joad vem em defesa da filha e a expulsa de lá, mas, depois disso, Rosenhardt disse: “Quando ela falou sobre essa coisa de arder... eu senti uma ardência” (STEINBECK, 1978, p. 381). A sra Sandri falava sobre arder no inferno e Rosenhardt sentiu essa ardência, de tão culpada que se sentia sobre sua situação. E essa culpa tomava como base o culto cristão protestante que havia no acampamento do governo, lugar onde estavam, e que considerava que a situação de miséria, na qual boa parte da população dos Estados Unidos se encontrava, adviria do castigo divino por seus pecados.

Já Mocinha, com um filho para criar, apesar de convidada por sua Madrinha a voltar para Quixadá, responde: “Pra que, minha Madrinha? Só pra passar mais vergonha? Quem é que vai ter pena de mim?” (QUEIROZ, 2005, p. 148). Aqui percebemos a vergonha que Mocinha sente por sua situação, mas ela sabe que é,

²⁰ Outras características, no entanto, são vigorosamente preservadas: o adultério discreto por parte do homem; intolerância para o adultério por parte da mulher; e um forte tabu contra a perda da virgindade por partes das moças, mesmo nos maiores centros urbanos.

ainda, mais vergonhoso voltar solteira, maltrapilha, com filho sem pai. Aqui vemos claramente como a sociedade, a partir de um padrão moral imposto pelo patriarcalismo, influencia no julgamento moral dos pobres. Antonio Candido (1951, p. 307), discutindo sobre a manutenção da moral patriarcal, afirma que, na sociedade brasileira, existia um certo tipo de solidariedade que “[...] it establishes between neighbor and neighbor a reciprocal control which is influential in the maintenance of certain patterns of domestic behavior²¹” e ele exemplifica como esse código se faz presente no folclore, no qual fica evidente a rigidez moral e o controle social.

Menina que entra em casa
Às quatro da madrugada,
Enquanto pela escada vai subindo
Na boca dos vizinhos vai caindo. (CANDIDO, 1951, p. 307).

Esse tipo de julgamento, de certa forma, se assemelha à condição das jovens defloradas, conforme analisa Martha Abreu (2000) no contexto do Rio de Janeiro e de Belém no final do século XIX e início do século XX. Segundo a autora, para que uma moça fosse considerada “ofendida”, deveria enfrentar estreitos paradigmas dos juristas: “[...] da mulher/mãe (a mulher preparada para as responsabilidades da maternidade e do casamento) e o seu inverso, a ‘maldita’ prostituta” (ABREU, 2000, p. 292). Martha Abreu conclui que a moça pobre, por ser alvo fácil para os homens, tem uma dificuldade maior em manter um padrão moral estipulado pela elite, sendo julgada por isso, enquanto a donzela rica dispõe de melhores condições para atender a tal moral. Nesse sentido, Mocinha, ao voltar para sua terra, e Rosenhardt frente aos seus pares, eram julgadas a partir desses padrões preestabelecidos por uma elite, seja de fazendeiros, no caso brasileiro, ou pelos descendentes dos puritanos, no caso norte-americano.

21 “Estabelece entre vizinhos um controle recíproco, o qual é influente na manutenção de certos padrões do comportamento doméstico”.

Embora as contingências econômicas, normalmente, implicassem um maior controle sobre as moças abastadas e de “boas famílias”, a rígida moral imposta a elas era a mesma imposta às moças pobres que, dadas as adversidades econômicas e a luta pela sobrevivência, sempre estiveram mais expostas aos homens de fora do seu círculo doméstico, como no caso de Mocinha, supracitado, em que a moça pobre se torna uma “presa fácil”.

O patriarcalismo serve de base para o julgamento moral da moça pobre, sendo que esse regime submete a mulher ao ambiente familiar, com a função de cuidar do marido, dos filhos e da casa, enquanto o homem goza de plena liberdade. Ele é considerado o “[...] *pater familias*, que detém o poder não somente sobre os escravos, empregados e agregados, como também sobre seus filhos e esposa” (ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 67). Mocinha não se enquadra nesse modelo, sendo, portanto, marginalizada por essa sociedade organizada em torno desse ideário. A mulher casada está sob o domínio masculino, condicionada a uma posição secundária, tendo seu valor somente na relação que ela mantinha com a casa e com os filhos, contudo a mulher pobre e solteira, como Mocinha, encontra-se numa situação pior, pois ela não tem nenhuma referência, ela somente sabe qual não é o seu lugar, isto é, que ela não pode voltar à sua terra.

Mocinha, dados os padrões morais pelos quais é julgada, é considerada uma mulher impura, pois, para uma mulher ser considerada “de família”, com moral ilibada, o objetivo na vida deveria ser um bom casamento, ser boa mãe e esposa respeitada e respeitável. As mulheres que mantivessem uma vida sexual ativa e não casassem eram consideradas levianas e imorais. Mesmo no caso de Rosenhardt, que se casou, mas o marido fugiu, existe o julgamento, pois o que importa é a imagem que transparece,

[...] uma vez que o objetivo máximo da vida da mulher da época era o casamento, esta deveria se manter virgem e casta, dócil e meiga, caso não quisesse ficar solteira ou ser incluída na classe das mulheres consideradas 'fáceis', feitas não para o casamento, mas sim para as brincadeiras, as farras e a satisfação sexual de seus companheiros do sexo masculino. (ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 108).

Mocinha, sendo pobre e graciosa em sua juvenildade, pode ser considerada a mulher, conforme Rocha-Coutinho afirma, para brincadeiras, farras e a satisfação sexual, pois é isso que se depreende quando ela diz: “passei de mão em mão”. Pensando em seus conhecidos em Quixadá e em como ela seria julgada por ter um filho e experiências sexuais sem a legitimidade do casamento, é que ela percebe que não há mais lugar para ela em sua antiga comunidade.

É relevante, ainda, destacar que o processo de migração que ocorreu no Brasil não mudou de forma direta esses valores morais, mas os fortaleceu. Antônio Candido afirma: “immigration frequently contributes to the maintenance of the old patterns”²² (CANDIDO, 1951, p. 306). Assim, portanto, esse movimento de êxodo fortaleceu os costumes e valores da sociedade patriarcal.

Para a mulher burguesa, cujo padrão de comportamento moral e sexual se estendia também às mulheres pobres, a principal opção é o matrimônio e, a partir dele, a maternidade: “ser mãe e negar insistentemente a sexualidade feminina não reprodutora” (WALKOWITZ, 1991, p. 404), isto é, ser “subserviente do prazer masculino, sem autonomia própria, uma pálida imitação do desejo erótico masculino” (WALKOWITZ, 1991, p. 404). Tanto Mocinha como Rosenhardt foram tratadas como objetos sexuais. Mocinha, como ela mesma diz, “[...] vim vindo de mão em mão, cada dia pior, até que fiquei nessa desgraça, e ainda por cima, com um filho no peito” (QUEIROZ, 2005, p. 147). Rosenhardt, embora tenha casado, foi iludida pelo marido, que lhe prometia um futuro promissor. Ele, contudo, quando podia, buscava

22 “A imigração frequentemente contribui para a manutenção de antigos padrões” (Tradução nossa).

ter relações sexuais com ela. Ao longo da viagem, fica evidente que, para Connie, além de se valer do casamento para migrar para a Califórnia, sua jovem e iludida mulher é, principalmente, um objeto sexual. Tanto é assim que ele a procura para ter relações sexuais sem se ater às conveniências e ao bom tom apregoado pela moral puritana, visto que, mesmo cercado pela família, ele a procura.

[...] na escuridão, estendeu a mão e apalpou-lhe a nádega. Ela disse: Não! Tu me deixa muito arretada [...] Connie puxou de um cobertor, lançou-o sobre si e Rosenhardt, e no calor eles se uniram apertados e retiveram a respiração. E pouquinho depois Connie jogou de lado o cobertor e o vento quente que peneirava pela fresta da lona armada acariciava-lhes os corpos molhados de suor. (STEINBECK, 1978, p. 261).

Logo após esse episódio Connie foge, abandonando Rosenhardt. Destaca-se, aqui, a ingenuidade da moça, que alimentava sonhos ao lado de seu marido, mas que, devido à miséria provocada pelo êxodo e à má fé do marido, é abandonada por ele e, com a perda do filho, sobra-lhe, apenas, o sentimento de solidariedade e a luta pela sobrevivência. Rosenhardt foi, para seu marido, um instrumento para que ele pudesse fugir para a Califórnia junto com os Joads. Para isso ele iludiu-a com falsas promessas num futuro melhor e com ótimas condições econômicas.

Com relação ao romance *O Quinze*, vale citar Antônio Candido (1951), que, ao discorrer sobre a família brasileira e sobre as mudanças que ocorrem no século XX, destaca o controle de nascimento, a participação das mulheres no sustento da casa, aumento do número de desquitados, contudo, alguns valores permanecem vigorosos, e, entre eles, “[...] a violent taboo against loss of virginity on the part of the females, even in the most urbanized centers”²³ (CANDIDO, 1951, p. 309). Com esse tabu, citado por Antonio Candido, é que Mocinha deveria conviver, pois, perdendo a

23 “... um violento tabu contra a perda da virgindade por parte da mulher, mesmo nos centros mais urbanizados” (Tradução nossa).

virgindade, e tendo um filho solteira, ela torna-se alvo certo do preconceito moral e social, pois seu comportamento se contrapõe ao das moças de família, a despeito de esse comportamento ser resultado da miséria e das contingências inerentes ao êxodo imposto pela seca. E, dentro desse contexto, Mocinha “[...] has only three alternatives: prostitution, discreet or, if she be poor, open; celibacy; or a marital arrangement.²⁴” (CANDIDO, 1951, p. 309). No caso de Mocinha, jovem, abandonada à própria sorte e pobre, a prostituição é uma das únicas opções.

Destaca-se, nas obras em análise, referente ao contexto brasileiro, que Cordulina, em *O Quinze*, e Sinhá Vitória, em *Vidas Secas*, assumem um papel de mãe e esposa, pois o sistema patriarcal pressupõe “[...] the secondary position of the women” (CANDIDO, 1951, p. 311), que as restringem ao ambiente doméstico. Entretanto, em virtude do caos advindo do êxodo, as funções sociais de ambas se alteram. No caso de Sinhá Vitória, essas alterações estão indicadas no primeiro capítulo de *Vidas Secas*. Cordulina, por sua vez, transita entre o desnorreamento e a tentativa de preservar aqueles que restaram na família. Sua função social dentro da família muda.

As personagens Mocinha e Rosenhardt não se enquadram, contudo, no padrão mãe/esposa. Mocinha acabou se tornando a mulher objeto, portanto, após “passar de mão em mão”, ela já não se ajusta mais aos padrões morais vigentes, por isso era marginalizada. Rosenhardt, apesar de ter se casado e, portanto, tido um filho de acordo com os padrões convencionais, é também uma representante daquele tipo de família de que fala Antonio Candido, a propósito do contexto brasileiro, isto é, “[...] the patriarchal organization of the family itself, which presented [...] a central nucleus, legalized, composed of the White couple and their legitimate

24 “Tem apenas três alternativas: prostituição, discreta ou, se for pobre, aberta; celibato; ou um acordo matrimonial” (Tradução nossa).

children”²⁵ (CANDIDO, 1951, p. 294). Contudo, ao ser abandonada por Connie, esse modelo é quebrado e com ele os seus sonhos. Custa a ela acreditar que ele tenha fugido, tanto que diz: “Pode ser que ele só tenha ido comprar livros pra estudar [...] pode ser que ele quisesse fazer uma surpresa à gente” (STEINBECK, 1978, p. 326). Desse momento em diante sua personalidade passa a ser moldada por sra Joad, que a ensina a olhar para a frente, encarar as dificuldades e a ajudar o próximo. Esses fatores na vida de Rosenhardt foram importantes para o seu amadurecimento e reflexão de sua função social, pois, diante da miséria advinda do êxodo, que a deixou sem marido e sem filho, ela, com a ajuda da mãe, tem uma das mais pungentes e trágicas atitudes do romance ao amamentar um velho famélico com o leite que seria destinado ao filho morto.

Por um minuto Rosenhardt permaneceu imóvel no centro do galpão, em cujo teto cochichava a chuva. Depois ergueu-se pesadamente, enrolando-se mais no cobertor. Lentamente, dirigiu-se ao canto escuro e ficou-se a olhar o rosto sofrido do desconhecido, lendo-lhe nos olhos arregalados e cheios de temor. Então, com vagar, dobrou os joelhos e deitou-se ao lado dele. O homem esboçou um movimento negativo com a cabeça, um movimento fraco e muito lento. Rosenhardt desfez-se do cobertor, deixando seus seios desnudos.

- Tem que ser – falou, aproximando-se mais dele, e puxando-lhe a cabeça a si. – Assim – disse. Apoiou-lhe a cabeça com a direita, e seus dedos sulcaram suavemente os cabelos. Ergueu os olhos e seu olhar percorreu o galpão escuro e seus lábios cerraram-se e ela sorriu misteriosamente. (STEINBECK, 1978, p. 542).

Contrapor Mocinha a Rosenhardt, quanto à condição em que começaram a aventura do êxodo e seu final, é relevante. Mocinha, no início do romance, era uma moça pobre, solteira e ingênua, deslumbrada pelas possibilidades que a vida ainda podia lhe oferecer. Contudo, devido às diversas desventuras às quais foi exposta ao longo do êxodo, ela se torna uma “presa fácil” para os homens, faz com que ela

25 “... a organização da família patriarcal, o qual apresenta [...] um núcleo central, legalizado, composto por um casal branco com seus filhos legítimos” (Tradução nossa).

estivesse, no final do romance, aos trapos com um filho pequeno. Rosenhardt, em *Vinhas da Ira*, estava casada, esperando um filho, muito mimada e egoísta, tanto que, em certo momento, ela é descrita da seguinte forma; “Era toda pudicícia, toda segredinhos, agora que se sentia grávida [...] Estava satisfeita consigo mesma e queixava-se de coisa que, na verdade, não tinha importância alguma” (STEINBECK, 1978, p. 145). Devido ao caos provindo do êxodo, Rosenhardt termina, contudo, numa condição humilhada, sem filho, sem marido e sem expectativa de um futuro melhor. Apesar disso, Rosenhardt, mesmo sofrendo uma grande decepção emocional, consegue, ao final do romance, tomar uma atitude que lhe traz esperança, pois ela passa de vítima do sofrimento a um agente ativo, que pode ajudar a transformar a sociedade. Nesse ponto, a despeito de sua origem e falta de estudo, Rosenhardt se aproxima de Conceição, no sentido de estar mais sensível aos problemas sociais e de sua responsabilidade de ser um agente que pode fazer diferença na sociedade.

Neste capítulo analisou-se, portanto, a postura das personagens femininas frente ao caos provocado pelo êxodo, levando em consideração a moral patriarcal presente tanto no contexto brasileiro quanto no norte-americano. Em *Vinhas da Ira* percebeu-se como a sra. Joad assume o papel de líder da família, devido ao êxodo, sempre buscando manter a família unida a qualquer custo. Essa união é buscada, também, por Sinhá Vitória e por Cordulina. Embora não assumam o comando da família, como a sra Joad, elas tomam decisões importantes nos momentos críticos provindos da situação de nomadismo. Cordulina, numa atitude de desespero, dá seu filho mais novo, Duquinha, para Conceição, que decide, como uma iniciativa dissonante para os padrões morais da época, ser mãe e solteira. No que concerne à análise sobre a moça pobre e solteira, constatou-se que ela é uma presa fácil para os

homens interesseiros, seja como um objeto sexual, no caso de Mocinha, seja como um instrumento para migração, como no caso de Rosenhardt. Destaca-se, ainda, que, no romance norte-americano, a história de Rosenhardt, diferentemente de Mocinha, termina com esperança, pois ela aprende o valor da solidariedade e que isso pode ser instrumento de mudança, enquanto Mocinha se torna mais uma dentre os miseráveis que tinham que fugir da seca do nordeste brasileiro e que se desnorteia ao longo da viagem.

No primeiro capítulo deste estudo foi analisado o conceito de nomadismo e que essa condição específica de desenraizamento é fundamental para a análise dos romances *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, *O Quinze*, de Raquel de Queiroz, e *Vinhas da Ira*, de John Steinbeck. O segundo capítulo teve por objetivo analisar o comportamento de algumas personagens femininas face ao caos advindo do êxodo, comparando os papéis de mãe e de mulher solteira nos romances analisados, considerando as semelhanças e as diferenças de atitude frente à condição de nomadismo.

3 – O ÊXODO, O HOMEM E O SENTIDO RELIGIOSO

3.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O terceiro capítulo se aterá à análise de como as personagens, em função da perspectiva religiosa, reagem face à crise, no contexto norte-americano (de formação protestante) e no contexto brasileiro (predominantemente católico). Em *Vinhas da Ira*, a questão religiosa é marcante no comportamento das personagens, havendo, inclusive, uma personagem – o pastor Casy – que deixou de exercer o ministério após a crise que se instalou em Oklahoma. Já no contexto dos romances brasileiros, nesse contexto a religião aparece de forma difusa e a prática religiosa passa muito mais pela cultura popular e pelo folclore que enquanto base de sustentação ou de agravamento ao longo da crise.

Neste terceiro capítulo também se objetiva analisar o comportamento de alguns personagens masculinos, observando-se, em contraposição ao capítulo anterior, como os homens reagem em consequência da crise advinda do êxodo. No romance norte-americano, o sr. Joad, devido à perda de sua fazenda, se desnorteia socialmente e entra em crise em relação à sua função de líder da família. No contexto brasileiro, Chico Bento também passa por uma crise ao deixar a terra onde vivera até então, contudo as adversidades não alteram sua posição social dentro da família. Já em relação a Fabiano, devido à sua eterna condição de migrante, ele provisoriamente se apega à terra e sonha em se estabelecer em algum lugar, mas isso nunca ocorre, pois a seca sempre existiu e existirá, perpetuando um ciclo que leva Fabiano e sua família a estarem sempre em movimento

Neste capítulo, portanto, discute-se o comportamento de Fabiano, de Chico Bento e do sr. Joad face às adversidades resultantes do êxodo. Após a análise da crise existencial dessas personagens em função de sua condição de nomadismo, será analisado o simbolismo religioso – o catolicismo brasileiro e o protestantismo puritano norte-americano – presente nos romances em análise, levando-se em consideração que a visão religiosa implica uma postura diferente frente às situações de pobreza e miséria. Enquanto, no catolicismo, predomina uma postura fatalista, no protestantismo puritano há um inconformismo frente às adversidades. Por último, será feita uma breve análise sobre o comportamento e a função social da criança dentro desses romances em função do êxodo.

3.2 A *IMAGU MUNDI* ESFACELADA E A CRISE EXISTENCIAL DE FABIANO, DE CHICO BENTO E DO SR. JOAD

O objetivo deste subitem é analisar o comportamento das personagens Fabiano, em *Vidas Secas*, Chico Bento, em *O Quinze*, e o sr. Joad, em *Vinhas da Ira*, frente às complicações advindas do êxodo, principalmente no que concerne à perda da terra – no caso de sr. Joad – e do trabalho de vaqueiro, no caso de Chico Bento. Já a situação de Fabiano é endêmica, enquanto, em relação a Chico Bento, ele estava há mais tempo instalado na fazenda da qual foi tangido pela seca. A despeito da distância no tempo, essas personagens sentem essa perda como se a mesma remetesse a uma esmaecida *imago mundi*. Já em relação a Fabiano, a sua crise resulta da condição de ele estar sempre a vagar, à semelhança do judeu errante²⁶, que, por uma maldição, vaga pelo mundo sem ter onde se fixar. A

26 O Judeu Errante, também chamado Ahsverus ou Ahsuerus, é um personagem [mítico](#), que faz parte das tradições orais [cristãs](#). O judeu errante seria um contemporâneo de [Jesus Cristo](#), habitante de [Jerusalém](#); trabalhava como [sapateiro](#) em uma rua pela qual passavam os condenados à morte por [crucificação](#) carregando suas cruzes. Na [Sexta-feira da Paixão](#), Jesus Cristo, passando por

maldição de Fabiano resulta das contingências climáticas, associadas à falta de assistência e de programas que, de fato, viabilizassem sua sobrevivência nos períodos de seca.

Dada a distância entre o homem religioso e o homem profano, e retomando que este é, apenas, herdeiro daquele, é como se, para o sr. Joad, as suas terras, que herdou do pai, que, por sua vez, as herdara do avô, que as havia tomado dos índios, elas seriam sua *imago mundi* esmaecida. Tal é o valor simbólico dessas terras que o avô, que ele, antes de começar a viagem, afirma: “[...] aqui é a minha terra. E não me importa que lá na Califórnia as uvas até caiam na cama das pessoas” (STEINBECK, 1978, p. 125), ou seja, não importa que a Califórnia seja a terra prometida onde, ao invés de leite e mel, jorrem frutas, como em um paraíso. É em função desse valor simbólico atribuído à sua terra que ele não queria deixá-la, mesmo que isso implicasse perder a família: “[...] podem levar a Avó, mas a mim ninguém me tira daqui. E acabou-se!” (STEINBECK, 1978, p. 125). No início da viagem, logo após ser “arrancado” da sua terra, o avô “murcha”, adocece e morre de tristeza, o que desvela o valor simbólico do seu lugar no mundo onde ele estava “plantado” e onde queria morrer.

Também o sr. Joad está fortemente ligado à sua terra e, ao perdê-la, ele se perde socialmente enquanto um indivíduo que já não sabe mais qual é seu lugar no mundo nem qual é o seu papel na família e no grupo social, agora, desfeito e em constante mutação. Essa crise é preanunciada quando a sra. Joad decide que o pastor fará a viagem junto com a família. O sr. Joad, ao ter, pela primeira vez, a sua autoridade contestada, “[...] encolhe-se outra vez. Tinha sido vencido” (STEINBECK,

aquele mesmo caminho carregando sua cruz, teria sido alvo das [ironias](#) e do achincalhamento do coureiro Ahsverus. Jesus, então, o teria [amaldiçoado](#), condenando-o a vagar pelo mundo, sem nunca morrer, até a sua volta, no [fim dos tempos](#). Segundo Brunel (Pierre [Org.]. *Dicionário de mitos literários*. Tradução: Carlos Sussekind et alii. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997, p. 668) Ahsverus “simboliza cada vez mais toda a existência marginal, seja ela individual ou coletiva”.

1978, p. 115).

Mircea Eliade afirma que, “[...] dado que a morada constitui uma *imago mundi*, ela se situa simbolicamente no ‘Centro do Mundo’” (ELIADE, 1992, p. 33). Isso significa que, para o sr. Joad – e para Chico Bento, como veremos –, a perda da sua terra, da sua morada, é a perda do centro do seu mundo. Perdendo-a, Joad também perde a noção da organização social e do seu papel na família. É por esse motivo que, como vimos no segundo capítulo, a sra. Joad assume o papel de liderança da família.

Assim como para o sr. Joad, também para Chico Bento – embora a terra não fosse sua – deixá-la também implica um dolorido processo, pois, mesmo sendo, apenas, um trabalhador em terra alheia, até então aquele tinha sido o seu lugar no mundo. Isso fica evidente na forma como ele reluta em deixar as terras, mas sua condição de agregado o torna, sempre, vulnerável às vontades da patroa. Tanto é assim que, quando sua patroa decide que não vai mais cuidar do gado e ordena ao empregado que abandone a fazenda, Chico Bento reluta e sofre muito ao cumprir tal ordem, conforme fica evidente na citação abaixo, marcante em *O Quinze*.

O velho touro da fazenda saiu, arrogante. Garrotes magros, de grandes barrigas, empurravam as vacas de cria atropelando-se. Até que a derradeira rês, a Flor do Pasto, fechando a marcha, também transpôs a porteira e passou junto de Chico Bento que lhe afagou com a mão a velha anca rosilha, num gesto de carinho e despedida [...] saída a última rês, Chico Bento bateu os paus na porteira e foi caminhando devagar, atrás do lento caminhar do gado, que marchava à toa, parando às vezes, e pondo no pasto seco os olhos tristes, como numa agudeza de desesperança. (QUEIROZ, 2005, p. 24).

Chico Bento percebe que, ao abrir a porteira e abandonar o gado à própria sorte, está selando o próprio destino. Ele, assim como o gado, caminhará a esmo, à mercê da seca, da fome, da sede, da miséria e da morte e esse é um momento

pungente no romance. Ele, diferentemente do sr. Joad, não perdeu seu papel de líder da família, mas sentiu que as condições de nomadismo o transformariam em outro homem, que não seria o mesmo vaqueiro que deixara Quixadá, assim como o gado, tangido pela seca.

Já Vicente, por ser dono da terra e por ter recursos, não abandona o gado à própria sorte, pois esse é a fonte de renda e o elemento da manutenção da fazenda. Ocorre que, além disso, há na atitude de Vicente uma relação telúrica com o gado e com a terra e uma identificação com os demais seres vivos, sujeitos aos rigores da seca.

Devido ao êxodo, Chico Bento toma uma atitude humilhante, matando um animal que tem dono, fato que o marcou pelo resto do romance. Esse fato incomodou tanto Chico Bento que, antes de embarcar para São Paulo, ainda pensa: “[...] aquele caso da cabra, em que – Deus me perdoe! – tinha pela primeira vez botado a mão em cima do alheio” (QUEIROZ, 2005, p. 102). Com o “caso da cabra” Chico Bento se dá conta de que ele não é mais o vaqueiro de Quixadá, e que, com essa atitude humilhante, sua dignidade e hombridade foram abaladas.

Ele, contudo, não percebe que essa cabra tinha dono que, ao ver Chico Bento com sua cabra, grita: “Cachorro! Ladrão! Matar minha cabrinha! Desgraçado!” (QUEIROZ, 2005, p. 71). Chico Bento fica desnortado. Não sabia se brigava pela presa ou se desculpava. Nesse instante ele se vê como um animal, disputando uma presa, seguindo, somente, seu instinto de sobrevivência. Esse episódio é chocante, pois lida com a dignidade de Chico Bento exatamente no que o humano se diferencia do animal, mas, em nome da sobrevivência, ele ainda implora que o dono da cabra lhe dê parte dela para comer e este, num gesto de condescendência e desprezo, esse lhe dá, por esmola, as tripas do animal, que Chico Bento, humilhado

e desesperado, aceita. Esse momento merece destaque, pois Chico Bento percebe que, além de perder seu lugar no mundo, perdeu também sua função de vaqueiro e parte da família, e perdera, também, o mínimo de dignidade e hombridade que ainda lhe restara. Assim como o gado, sua luta é pela sobrevivência.

Em *Vidas Secas*, Fabiano, dada sua constante condição de migrante à mercê do clima, nos anos de chuva se apega provisoriamente à fazenda e até sonha que nunca haverá seca. Entretanto, é evidente em sua história que ele não pode se apegar em nada fixo. Isso é tão gritante no romance que ele nem se dá o trabalho de trocar as varas da cama, pois “bem no meio do catre havia um nó, um calombo grosso na madeira. Ela se encolhia num canto, o marido no outro, não podiam estirar-se no centro” (RAMOS, 1974, p. 82). Sinhá Vitória constantemente reclama para Fabiano de sua situação, mas ele não toma nenhuma providência. Isso se dá, pois ele sabia que sua sina “[...] era correr mundo, andar para cima e para baixo, à toa, como judeu errante” (RAMOS, 1974, p. 54).

Fabiano estava numa constante busca de sua *imago mundi* imemorial. Ele, instigado por Sinhá Vitória, alimentava sonhos que o moviam para frente, mesmo sabendo que sua condição era sempre provisória. O mito do judeu errante refere-se a “[...] um personagem que encarna um valor negativo no drama da Paixão, passamos à ambigüidade, fonte ao mesmo tempo de medo e consolo, porque ela sugere o desenraizamento da humanidade dividida entre a dúvida e a sede de viver” (ROUART 1997, p. 668). Pelo fato de Fabiano estar, sempre, de mudança, de acordo com os ciclos da chuva e da seca, ele vivia numa condição dolorida, pois não podia fazer planos, já que todos os lugares onde vivia eram provisórios. Contudo, na ocasião da fuga, a família de Fabiano faz e sonha com uma vida mais estável, de clima mais ameno, no Sul. No pequeno período em que ficou na fazenda, ao longo

do qual se dá a narrativa do romance, Fabiano afirma que: “[...] aparecera como um bicho, entocara-se como um bicho, mas criara raízes” (RAMOS, 1974, p. 54). Mesmo tendo consciência de sua situação provisória, ele sentia-se vaqueiro. Na fuga, diante da perda daquilo que foi para ele, mesmo que momentaneamente, sua herança imemorial da *imago mundi*, Fabiano é consolado por Sinhá Vitória, que, contudo, o encoraja com sonhos -- sonhos esses que o animam e o ajudam a superar dificuldades.

Chico Bento, dado o estado deplorável de sua mulher, é quem tenta carregar a vara simbólica de sustentação da família, mas, assim como Fabiano, sonha com um lugar fixo, sem as instabilidades climáticas, onde possa criar raízes e fixar seu lugar no mundo. Fabiano retoma a condição de migrante, mas, instigado por Sinhá Vitória, também sonha com um lugar fixo, mas este, no final do romance, é, apenas, uma quimera semelhante à de Chico Bento, que migrará para São Paulo. Também o sr. Joad, a despeito de sua relutância em deixar sua terra, imagina que, na Califórnia, ao se estabelecer, ele retomará sua posição de liderança na família.

A terra prometida, seja por chover, nos romances brasileiros, seja pela promessa de sol, luz e fartura, no caso norte-americano, em uma dimensão mais profunda remete ao desejo humano de – quando a vida se torna muito adversa – ir, sempre, em busca da terra prometida. Entretanto, a forma como se dá essa busca passa pela relação do homem com a fé e com a transcendência.

3.3 CONFORMISMO VERSUS RELUTÂNCIA: O CASO BRASILEIRO E O CASO NORTE-AMERICANO

Objetiva-se, neste subitem, contrapor as marcas do protestantismo puritano, marcante em *Vinhas da Ira*, às do catolicismo, que aparecem de forma subliminar

em *O Quinze* e em *Vidas Secas*.

Ao se comparar as obras em análise no que se refere à questão religiosa, fica evidente que a ideologia católica e a protestante implicam posturas diversas face às adversidades ao longo do êxodo. Em *Vidas Secas* e em *O Quinze*, o catolicismo aparece de forma subliminar e não direta, isto é, ele pode ser apreendido como um pano de fundo do contexto do semiárido rural brasileiro, ao qual os autores Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos se reportam, enquanto, no norte-americano, a relação das personagens com o protestantismo é claramente expressa desde o título da obra. Há, inclusive, um pastor cuja caracterização sintetiza o pensamento religioso protestante.

Essa discussão sobre religiosidade é justificada pelo fato de que o homem atual, a despeito de ser classificado como profano, indiscutivelmente é herdeiro do homem religioso, pois, como postula Eliade, “[...] queira ou não, conserva ainda os vestígios do comportamento do homem religioso, mas esvaziados do significado. Faça o que fizer, é um herdeiro” (ELIADE, 1992, p. 98). A análise do comportamento masculino nas obras desta pesquisa parte da premissa de que o protestantismo e o catolicismo influenciam na forma fatalista das personagens nos dois romances brasileiros e na forma inconformista no romance norte-americano.

Mircea Eliade destaca, ainda, que é diante da crise que o homem se volta para Deus e procura ficar mais próximo d’Ele.

Mas, como acabamos de ver, em casos de aflição extrema, quando tudo foi tentado em vão e, sobretudo, em casos de desastres provenientes do Céu – seca, tempestade, epidemia –, os homens voltam-se para o Ser supremo e imploram-lhe. Esta atitude não é exclusiva das populações primitivas. Todas as vezes que os antigos hebreus viviam uma época de paz e prosperidade econômica relativas, afastavam-se de Jeová e tornavam a aproximar-se dos Baals e das Astartes dos seus vizinhos. Só as catástrofes históricas forçavam-nos a voltarem-se para Jeová. “Então clamaram ao Eterno e disseram: pecamos porque abandonamos o Eterno e servimos

Baal e Astartes; agora, pois, livramo-nos da mão de nossos inimigos, e servir-te-emos.” (I, Samuel, 12:10) (ELIADE, 1992, p. 63).

Em virtude da miséria e do caos, Fabiano, Chico Bento – em função do eterno ciclo da chuva e da seca que afeta a vida do sertanejo do semiárido brasileiro – e sr. Joad – em virtude da crise econômica nos Estados Unidos – ,assim como os hebreus, buscam uma resposta no âmbito religioso. No romance norte-americano essa questão está mais presente, pois o imaginário do tempo de paz e prosperidade estava bem arraigado no cenário estadunidense até a década de 1920, pois até então o país estava tendo um crescimento econômico notável. Depois, contudo, a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque em 1929, considerada, de certa forma, uma catástrofe histórica, isso faz com que muitos norte-americanos sintam a necessidade de se aproximar novamente do Deus, pois é Ele quem pode lhes dar novamente esse tempo de paz e prosperidade. Esse tipo de sentimento não está presente no contexto brasileiro, já que a situação de miséria no semiárido nordestino brasileiro, em que se encontram as personagens Fabiano e Chico Bento, é endêmica, isto é, está historicamente instaurada, contribuindo para um sentimento de conformismo.

As personagens dos romances em análise passam por uma crise existencial devido às condições adversas provocadas pelo nomadismo. Essa crise se manifesta de forma diferente para cada personagem. Para o sr. Joad, a perda da terra provoca uma crise de identidade em relação ao seu papel de liderança na família; para Chico Bento, o êxodo implicou tomar atitudes até então impensáveis e que ele considerava indignas; Fabiano, dada a instabilidade e a miséria constante, se vê como um bicho a vagar de seca em seca, de fazenda em fazenda. As adversidades advindas do nomadismo, independentemente das diferenças entre os dois contextos ficcionais,

levam, portanto, à crise existencial das personagens em análise, como analisa Eliade:

Os conteúdos e estruturas do inconsciente são o resultado das situações existenciais imemoriais, sobretudo das situações críticas, e é por essa razão que o inconsciente apresenta uma aura religiosa. Toda crise existencial põe de novo em questão, ao mesmo tempo, a realidade do Mundo e a presença do homem no Mundo: em suma, a crise existencial é “religiosa”, visto que, aos níveis arcaicos de cultura, o ser confunde-se com o sagrado. Conforme vimos, é a experiência do sagrado que funda o mundo, e mesmo a religião mais elementar é, antes de tudo, uma ontologia. Em outras palavras, na medida em que o inconsciente é o resultado de inúmeras experiências existenciais, não pode deixar de assemelhar-se aos diversos universos religiosos. Pois a religião é a solução exemplar de toda crise existencial, não apenas porque é indefinidamente repetível, mas também porque é considerada de origem transcendental e, portanto, valorizada como revelação recebida de um outro mundo, trans-humano. A solução religiosa não somente resolve a crise, mas, ao mesmo tempo, torna a existência “aberta” a valores que já não são contingentes nem particulares, permitindo assim ao homem ultrapassar as situações pessoais e, no fim das contas, alcançar o mundo do espírito. (ELIADE, 1992, p. 101).

Isso significa que a crise existencial leva o homem a questionar sobre seu mundo e sobre qual é o seu lugar nele. Isso fica muito claro quando sr. Joad perde a sua terra, que poderia ser considerada a sua *imago mundi*. Ao sair de Oklahoma, a crise se instala pelo fato de ele já não estar mais no mundo que sempre conheceu e no qual sabia qual era a sua função. É por esse motivo que a sra. Joad, nesse processo, assume a liderança da família, pois o seu mundo não havia sido deslocado, pois mais que a *imago mundi*, ela se pautaria na *axis mundi* representada por sua família, conforme análise feita no segundo capítulo. Processo semelhante ao do sr. Joad ocorre com Fabiano, isso pelo fato de ele não ter um lugar fixo. Em seus sonhos, ele se imagina numa fazenda sem o perigo da seca e nela ele seria o vaqueiro. Isto é, num lugar fixo ele saberia qual é a sua função, sua posição. Mesmo no pequeno lapso de tempo que ele passa na fazenda onde a história se transcorre, entre dois períodos de secas, ele assume a função de

vaqueiro e tenta dar um caráter permanente à vida. Entretanto, ele sabe que aquela é uma condição provisória. Chico Bento, apesar da condição de agregado, tinha apego à fazenda na qual trabalhava e de onde não queria sair. Quando ele não pode mais protelar e abandona a fazenda, já não é mais o vaqueiro, mas, apenas, mais um migrante com um futuro incerto, sem saber ao certo o que vai acontecer consigo e com a sua família.

Um elemento que se destaca no contexto brasileiro é a diferenciação que existia entre o catolicismo praticado pela elite, em contraposição à sua prática popular. Os sacerdotes católicos estiveram muito presentes na vida das famílias mais abastadas, como Gilberto Freyre postula, ao afirmar que, muitas vezes, foi através do confessorário que muitas senhoras da casa-grande encontraram o alívio para a situação opressora na qual viviam. Isso ocorria devido ao isolamento das fazendas. Aquelas cujos donos eram mais ricos e tinham maior prestígio, costumavam trazer um padre para viver na casa, celebrar e dar assistência espiritual à família e aos agregados. Por esse motivo o confessorário se tornava um lugar de alívio para as senhoras da casa-grande

Como se afirmou acima, o homem moderno não pode ser analisado como se fosse religioso, mas profano. Mircea Eliade (1992, p. 98), contudo, afirma: “[...] o homem moderno que se sente e se pretende a-religioso carrega ainda toda uma mitologia camuflada e numerosos ritualismos degradados.” Isso significa que, mesmo de forma inconsciente, ele traz consigo uma herança religiosa. No caso do contexto brasileiro, existe um catolicismo popular que foge ao ideário dos templos e dos sacerdotes. Isto é, existem personagens, na cultura popular, que exercem funções espirituais importantes, como, por exemplo, a benzedeira. Sobre isso Souza afirma:

Como acentua Brandão (1986, p. 54), “as benzedadeiras católicas fazem confissão de ortodoxia religiosa conservando-se alheias à vida paroquial”. Assim como outros representantes do catolicismo popular, elas exercem práticas que se desenvolvem à margem da Igreja e elaboram uma religiosidade que estabelece vínculos diretos com a população mais pobre. Agem aí, no cotidiano, enquanto a Igreja, geralmente, está presente de forma mais determinante em ocasiões nas quais sua chancela é indispensável, como batismos e casamentos. Os agentes do catolicismo popular não têm pretensões a exercer qualquer autoridade que se contraponha à autoridade clerical. (SOUZA, 2008, p. 130).

Essa citação mostra que, entre as populações mais pobres, existia a presença de pessoas que atuavam à margem da igreja como, por exemplo, as benzedadeiras, e que, mesmo assim, professavam a religião católica. Elas atuavam juntamente com a classe mais pobre, assumindo um papel importante em relação à fé, embora professassem um catolicismo bem pessoal e, às vezes, distante dos dogmas professados pela igreja. No romance *Vidas Secas* essa personagem é representada por Sinhá Terta, que aparece com certa autoridade e, por causa dela, todo um movimento se desencadeou para o menino mais velho, pois Sinhá Terta, quando rezou pelas costas machucadas de Fabiano, pronunciou a palavra “inferno”:

A culpada era Sinhá Terta, que na véspera, depois de curar com reza a espinhela de Fabiano, soltara uma palavra esquisita, chiado, o canudo do cachimbo preso nas gengivas banguelas. (RAMOS, 1974, p. 94).

O menino considerava a palavra “inferno” importante, “porque figurava na conversa de Sinhá Terta” (RAMOS, 1974, p. 98). Isto é, para o imaginário do menino, a benzedeira era a representante do divino entre eles, pois as idas à igreja eram raras, tanto que as crianças ainda não haviam tido nenhum contato com a igreja desde que se estabeleceram naquela fazenda e, quando foram à igreja para a festa de natal, ficam espantados. Os meninos “[...] se espantavam. No mundo,

subitamente alargado, viam Fabiano e Sinhá Vitória muito reduzidos [...] Não conheciam altares, mas presumiram que aqueles objetos deveriam ser preciosos” (RAMOS, 1974, p. 115). A visita à igreja, para os meninos foi uma descoberta de um novo mundo, pois, até o momento, a sua área de circulação se limitava à fazenda onde estavam estabelecidos e aos seus arredores. Por não terem contato com pessoas diferentes, Sinhá Terta desempenhava o papel religioso, em sintonia com o que afirma Souza:

O catolicismo popular serviu-se fartamente, em sua relação com o sobrenatural, de intermediários não reconhecidos pela Igreja, assim como incorporou a seu panteão personalidades históricas e míticas não-canonizadas e cuja veneração foi, muitas vezes, objeto de críticas e contestações por parte das autoridades eclesiásticas. (SOUZA, 2008, p. 130).

Sinhá Terta pode ser considerada como um desses intermediários não reconhecidos pela igreja. No livro *O Quinze* há, também, a presença da rezadeira, uma negra que reza pela cura de Josias, que, por fim, acaba morrendo, após comer mandioca brava crua.

O pai chegou trazendo consigo uma negra velha rezadeira [...] A negra, por via das dúvidas, começou a roda em torno do menino, benzeu-o com um ramo murcho tirado do seio chocalhante de medalhas, resmungando rezas:
- *Donde vens, Pedros e Paulo? Venho de Roma. O que há de novo em Roma, Pedros e Paulo?* (QUEIROZ, 2005, p. 60).

O ritual da rezadeira não evitou a morte de Josias, contudo sua vinda demonstra que os pais usaram de tudo que eles podiam naquela situação, o que faz com que eles, de acordo com o fatalismo católico, se conformem. Para eles não existiam médicos para cuidar da criança e, na cultura popular, a doença é curada através da reza.

Tal procedimento fatalista se aplica a todas as ações cotidianas em O

Quinze e em *Vidas Secas*, tanto ao longo do êxodo quanto nos períodos de pausa, como exemplifica a relação de Fabiano com o tratamento do gado. Quando não pôde encontrar a rês, que precisava ser tratada, ele rezou determinada oração e, feito isso, considerou que já havia cumprido plenamente seu dever. Alfredo Bosi salienta a diferença de perspectiva entre o narrador e Fabiano:

Fabiano precisava curar a bicheira da novilha, mas, não encontrando o animal no pasto, curou-o “no rasto”, rezando sobre suas pisadas na areia. O narrador descreve o ato mágico e comenta: “Cumprida à obrigação, Fabiano levantou-se com a consciência tranqüila e marchou para casa”. O corte é nítido. De um lado, a mente do vaqueiro, que se contenta com as formas de medicina vicária; de outro, a mente do escritor, que timbra em manter o seu lugar, pois sabe que a cultura pobre não é a sua. (BOSI, 2003, p. 24).

Nessa passagem entende-se que existe uma diferença clara na maneira de lidar com as adversidades dentro uma espiritualidade popular do pobre, em contrastes com aqueles pertencentes às classes sociais mais abastadas. Há, ainda, outros elementos do catolicismo popular que remetem à relação entre conformismo e pobreza. É relevante perceber como o pobre vê sua própria condição dentro da ideologia católica e como esta está introjetada aos valores em relação ao trabalho e à riqueza. A base para a construção da ideologia do pobre começa nas palavras de Jesus em relação à riqueza tais como: “não servir a Deus e às riquezas” (Mateus 6.24)²⁷; “Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra [...] mas ajuntai para vós outros tesouros no céu” (Mateus 6.19-20) ou quando Cristo diz que “é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que entrar um rico no reino de Deus” (Marcos 10.25).

Partindo desses postulados, o catolicismo passou a pregar que ser pobre é essencial para entrar no reino de Deus. Esta perspectiva contribui para o

²⁷ Para esse trabalho, adotou-se a BÍBLIA REVISTA E ATUALIZADA, traduzida por João Ferreira de Almeida, Editora SBB, São Paulo, 1969.

conformismo que faria das adversidades da vida uma preparação para a salvação e para as alegrias possíveis, apenas, na vida eterna, pois “bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o Reino dos Céus”. (Mateus 5.3). A cultura popular reitera essa perspectiva fatalista, através de máximas como: “Deus levou”, quando da morte de um filho, ou, “não cai uma folha do mato se Deus não querer” (sic), dentre outras.

Nos romances brasileiros em análise nota-se que as personagens, embora vivam na miséria, buscam um lugar fixo, no qual possam ter o mínimo necessário à sobrevivência, sem, jamais, pensarem em acumular riquezas. Por exemplo, a aspiração máxima de Sinhá Vitória é a aquisição de uma cama igual à do Tomás da Bolandeira. Fabiano, sobre esse sonho de Sinhá Vitória, ponderava:

Sinhá Vitória desejava possuir uma cama igual à de Seu Tomás da Bolandeira. Doidice. Não dizia nada para não contrariá-la, mas sabia que era doidice. Cambembes podiam ter luxo? E estavam ali de passagem. Qualquer dia o patrão os botaria fora, e eles ganhariam o mundo, sem rumo, nem teriam meio de conduzir os cacarecos. Viviam de trouxa arrumada, dormiriam bem debaixo de um pau. (RAMOS, 1974, p. 59).

Embora o sonho de Sinhá Vitória fosse dos mais modestos, Fabiano sabia que seria muito difícil de concretizá-lo, pois estava ciente de que sua estada na fazenda era provisória, e o fato de comprar um objeto tal como uma cama acarretaria problemas, pois logo se mudariam e não teriam sequer condições de levá-la junto com eles. Além do mais, dada a miséria econômica da família, a cama lhe parece um luxo impensável e distante, por isso ele considera esse desejo um capricho desmedido de Sinhá Vitória.

Fabiano gostaria de ser vaqueiro em sua terra e cuidar do seu gado e não o dos outros, mas intuía que isso é um sonho e que ele, sempre, será um cabra, trabalhando para os outros. Ele sabia que sua sina seria “[...] correr mundo, andar

para cima e para baixo, à toa, como judeu errante. Um vagabundo empurrado pela seca” (RAMOS, 1974, p. 54). O mito do judeu errante expressa muito bem a condição de Fabiano, pois este é uma “[...] figura trágica como poucas, esse eterno viajante está condenado a vagar sem repouso até o Julgamento Final” (ROUART, 1997, p. 665). É dessa forma que ele se vê, como um eterno migrante, sempre se deslocando conforme os ciclos da seca.

Fabiano, de certa forma, estava conformado com essa situação, pois não via perspectiva de alterá-la. Ele sabia que, devido à sua condição de miséria provocada pelas condições climáticas e econômicas, ele deveria tão somente viver de um lado ao outro, sempre na condição de migrante.

A ida para o Sul, tanto para Fabiano e sua família, quanto para Chico Bento, não mudaria muito as condições de miséria, pois no Sul, mesmo tendo algum emprego, continuariam sendo miseráveis. Esse tema foi abordado também por João Cabral de Melo Neto, ao escrever *Morte e Vida Severina*. Nesse texto, a exemplo do que pode acontecer com Fabiano e Chico Bento, o Severino, tanto no campo quanto na cidade, continuará a ser Severino, isto é, continuará sendo marginalizado pela sociedade e continuará sofrendo com as mazelas que estão destinadas a esse povo.²⁸

Contrapondo os romances brasileiros ao norte-americano, identifica-se, no caso brasileiro, a predominância de um pensamento católico popular fatalista, enquanto o contexto norte-americano está marcado pelo protestantismo puritano dos Estados Unidos. O catolicismo e o protestantismo têm uma diferente concepção em relação à pobreza. Para o protestantismo norte-americano, a pobreza pode ser vista

²⁸ *Morte e Vida Severina* apresenta um [poema dramático](#) que relata a dura trajetória de um [migrante nordestino](#) em busca de uma vida mais fácil e favorável no [litoral](#). Ele descobre, contudo, que, independentemente de estar no campo ou na cidade, ele será, sempre, alguém marginalizado e que seu único espaço definitivo será a cova rasa, na qual será enterrado, à semelhança do enterro ao qual ele assiste.

como um castigo de Deus ou a consequência pela não observância dos mandamentos divinos. No protestantismo, os pressupostos teológicos estão pautados na prosperidade dos filhos de Deus, aos quais Ele não deixará faltar nada.

O protestantismo dos Estados Unidos foi formado por uma maioria de “[...] puritanos procedentes da Igreja da Inglaterra, mas que nos Estados Unidos muitos se tornaram congregacionais, calvinistas e outros presbiterianos” (KLEIN, 2004, p. 86). Essas ramificações das igrejas reformadas estabeleceram um pensamento teológico segundo o qual, conforme Leland Ryken:

[...] cita algumas ênfases doutrinárias do puritanismo, a saber]: a) a doutrina da graça, “desde a salvação até a prosperidade material”; b) a conversão ou regeneração pessoal, que incluía redenção e santificação pessoal; c) o conceito de pacto, que explicava o tratamento de Deus para com a pessoa individualmente e era a base filosófica, no puritanismo, para instituições como família, igreja e Estado; d) a Bíblia como autoridade única de fé e prática; e) uma doutrina da criação bem desenvolvida que “levou logicamente ao repúdio da velha dicotomia entre sagrado e profano”; a doutrina da providência de Deus em tudo e a consequente doutrina da vocação ou chamado de Deus e f) a visão puritana tríplice da “pessoa”, : boa, porque criada por Deus, pecaminosa, “em virtude do pecado original de Adão imputado a ela... e capaz de redenção e glorificação pela renovadora graça de Deus”. (Ryken apud KELIN, 2004, p. 88).

Um conceito essencial para os puritanos era que a graça de Deus, advinda da fé, resultaria na salvação da alma e na prosperidade material. Assim, portanto, diferentemente do que ocorre com no contexto católico brasileiro, percebe-se, no contexto norte-americano, a tendência de se considerar o pobre como amaldiçoado, e isso é um fator importante para a análise do livro *Vinhas da Ira*. Em contraposição às personagens dos romances brasileiros, os Joads queriam muito mais do que o mínimo à sua sobrevivência. Eles sonhavam que, através do êxodo, poderiam ter uma casa, fartura, emprego melhor, enfim, um crescimento econômico e, conseqüentemente, material. A sra. Joad, no início da viagem para a Califórnia, diz:

[...] mas eu gosto de pensar que talvez será bom pra gente lá na Califórnia. Nunca faz frio. E tem tantas frutas, em toda a parte, e as pessoas moram em casas bonitas, em pequeninas casas brancas no meio das laranjeiras. Eu imagino que – se todos nós arranjasse trabalho e todos trabalhasse – a gente talvez podia comprar uma casinha assim. E as crianças bastava pôr o pé pra fora de casa e podia apanhar quantas laranjas quisesse. (STEINBECK, 1978, p. 101).

Nota-se que, para a sra. Joad e a sua família, a Califórnia claramente significava um novo começo, a terra prometida, com a possibilidade de uma vida próspera. A família Joad se aproxima muito mais do povo de Deus do êxodo bíblico do que das famílias de Fabiano e de Chico Bento, pois Deus claramente diz ao povo que “[...] desci a fim de livrá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e ampla, terra que emana leite e mel” (Êxodo 3:8). Da mesma forma que os judeus no êxodo, os Joads e os demais *okies* que estão migrando para a Califórnia – a terra prometida – serão libertos dos seus opressores: o banco e os credores.

No contexto nordestino brasileiro, há um ciclo de seca e, a partir disso, ocorre à migração. Não existe, portanto, uma aproximação do êxodo bíblico tal como em *Vinhas da Ira*. O êxodo de Fabiano era um constante vagar, estar à toa pelo mundo, tentando, apenas, não morrer de fome e sede durante a longa estiagem. Enquanto para os Joads existia um objetivo: a quimera da terra prometida. Na última fuga, Sinhá Vitória, assim como a sra Joad, sonha com um lugar sem seca, onde as crianças possam estudar e esse sonho funciona como a caixa de Pandora, isto é, a esperança que ainda os mantém vivos, a despeito de todas as desgraças.

Também para Chico Bento a migração não se aproxima tanto do êxodo bíblico, pois ele migra por causa da seca e, durante a viagem, não sabe ao certo qual era seu destino. Isso demonstra não existir a ideia de uma terra prometida

como ocorre com os Joads em relação à Califórnia. Entretanto, também Chico Bento e a sua família se apegam à esperança de irem para o Sul, assim como Fabiano, e o Sul, embora menos edulcorado que a Califórnia, tem uma função similar, isto é, um norte para que as personagens não se percam de vez em seu desespero.

Jim Casy, o pregador e guia espiritual em *Vinhas da Ira*, encontrou a própria vocação em virtude da crise econômica e social advinda da quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque. Ele, que era líder de uma paróquia, perde muitos fiéis – que migraram para a Califórnia – e vê a miséria se propagando, o que faz com que ele entre em conflito com sua fé, segundo a qual a graça de Deus se estenderia à salvação das almas e à prosperidade material. O pregador, que, não por acaso, tem nas iniciais de seu nome as letras JC, como Jesus Cristo, acaba se tornando essencial. É ele quem, na Califórnia, assume um papel de líder – a exemplo da figura de Jesus Cristo. Casy discursa para os migrantes, mostrando uma nova maneira de pensar e reagir nessas novas terras. Ele busca unir os migrantes numa luta organizada contra os fazendeiros da Califórnia que exploram sua força de trabalho, pagando o mínimo possível. Ele busca libertar o seu povo da exploração dos fazendeiros, da perseguição da polícia e do perigo da marginalização que ronda seu rebanho em função da miséria. Esse caráter de profeta, por parte de Jim Casy, pode ser identificado em outros personagens de Steinbeck, como McEntyre percebe:

In several of Steinbeck's novels we encounter variations on the type of the wise man – a character whose self-knowledge, compassion for human frailty and sharp intuitions come from close association with the natural world. Two of the most notable of these are Casy, the preacher in *The Grapes of Wrath*, and Doc in *Cannery Row*. Both are solitaries who take frequent "flights into the wilderness" but who live among people who rely upon them for guidance. Both understand themselves and others with an insight that at times seems prophetic, and indeed in the motley circles they frequent they are accorded special status as counselors and wise man. Both men are educated than around them [...] both are explicitly linked with images of Jesus,

though neither is conventionally religious.²⁹ (McENTYRE, 2008, p. 118).

A imagem de um líder espiritual, mesmo que estivesse desligado da instituição religiosa, é importante no romance *Vinhas da Ira*. Essa personagem passa a ser a voz de Steinbeck no texto, pois esse – da mesma forma que Graciliano Ramos em *Vidas Secas* e Rachel de Queiroz em *O Quinze* – antevê profeticamente o futuro. McEntyre (2008, p. 118) afirma que Jim Casy, como um profeta contemporâneo: “not as one who calls for specific acts of repentance and return to a covenantal tradition, but as one who sees into the heart of nature and speaks forth what lesson it teaches³⁰”. Essa necessidade de se tomar um novo rumo e não voltar à tradição convencional se respalda teologicamente, pois é essa tradição que levou ao fracasso, que apagou a luz e escondeu a cidade em cima da montanha, ou seja, somente aprendendo uma nova maneira de viver é que se chegará à recompensa e à benção.

Essa questão se assemelha à história do povo de Israel que, enquanto havia paz e prosperidade, se afastava de Deus. Mircea Eliade observa que “[...] todas as vezes que os antigos hebreus viviam uma época de paz e prosperidade econômica relativas, afastavam-se de Jeová e tornavam a aproximar-se dos Baals e das Astartes dos seus vizinhos” (ELIADE, 1992, p. 63). Da mesma forma, no contexto

29 “Em diversos romances de Steinbeck nós encontramos variações de um tipo de homem sábio – uma personagem cujo conhecimento próprio, compaixão pela fragilidade humana e intuições aguçadas vêm de uma aproximação com o mundo natural. Dois dos mais notáveis dessa característica são Casy, o pregador em *Vinhas da Ira*, e Doc em *Cannery Row*. Ambos são solitários que têm freqüentes “vôos para um mundo selvagem”, mas que vivem entre pessoas que se apoiam neles em busca de liderança. Ambos entendem a si mesmos e outros com um *insight* que algumas vezes aparenta ser profético, e de fato, nos círculos variados que frequentam, eles possuem convencionalmente um *status* de conselheiros e homens sábios. Ambos são mais educados que aqueles que os cercam [...] ambos estão explicitamente conectados com a imagem de Jesus Cristo, embora nenhum deles é religioso de maneira convencional” (Tradução nossa).

30 “[O profeta contemporâneo] não como aquele que chama para um ato de arrependimento e retorno a uma tradição convencional, mas como aquele que percebe o que há na natureza e fala qual lição ela nos ensina” (Tradução nossa).

norte-americano, há a ideia de que, nos tempos de prosperidade, os descendentes dos puritanos que iniciaram a colonização foram se distanciando dos princípios religiosos que haviam norteado todo o processo de colonização, portanto, teriam se afastado de Deus. Neste sentido, para vencer a crise, seria necessário retomar os valores religiosos originais, que fizeram deles o povo de Deus que construiria a cidade no alto da montanha, a ser vista e admirada por todos, visto serem eles os escolhidos. No caso de Israel, isso poderia significar lutar contra os povos pagãos, que adoravam os “falsos deuses”. No caso de *Vinhas da Ira*, a luta seria contra a opressão dos fazendeiros, espécie de nova versão dos idólatras antigos.

Essa tendência já não ocorre com as personagens brasileiras, mas, subjacente à miséria ficcionalizada, ecoa a voz de Graciliano Ramos e de Rachel de Queiroz a denunciar o estado de penúria ao qual está condenada uma grande parte da população brasileira em tempo de crise³¹. Fabiano, tendo a oportunidade de tomar alguma atitude contra o soldado amarelo, que o havia prendido injustamente e humilhado, só para demonstrar poder, acaba amolecendo e não faz nada, reiterando o histórico de opressão. Entretanto, o narrador desvela o absurdo de uma situação na qual aquele que é mais forte fisicamente se submete ao mais fraco e prepotente, graças, apenas, à farda enquanto instituição simbólica que deveria defendê-lo e não oprimi-lo ainda mais.

Vendo-o acanhalado e ordeiro, o soldado ganhou coragem, avançou, pisou firme, perguntou o caminho. E Fabiano tirou o chapéu de couro.

- Governo é governo.

Tirou o chapéu de couro, curvou-se e ensinou o caminho ao soldado amarelo. (RAMOS, 1974, p. 152).

31 Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos clamam, assim como Luís Gonzaga e José Santos de Souza, na música *Vozes da Seca*, sobre o mesmo tema. “Mas doutor, uma esmola, pra um homem que é são, ou lhe mata de vergonha, ou vicia o cidadão...” (*Vozes da Seca*. toada-baião. Sep. 1953. L. Gonzaga/Z. Dantas. RCA Victor 80.1193).

Fabiano agiu dessa forma porque – dadas as adversidades da vida, bem como a trágica submissão ao patrão e a um sistema governamental abstrato e ausente – internalizou, ao longo da vida, que ele não é ninguém frente à instituição que o mofino soldado amarelo representa e que o torna intocável. Fabiano pensava, inclusive, que “[...] apanhar do governo não é desfeita, e Fabiano até sentira orgulho ao recordar-se da aventura” (RAMOS, 1974, p. 149).

A voz do narrador em *O Quinze* também ecoa solidária em vários momentos, dentre os quais o do episódio da cabra supracitado, mas, diferentemente de Fabiano, Chico Bento não é tão conformado. Ao contrário do desnorteamento e do conformismo no qual se pauta a vida das famílias de Fabiano e de Chico Bento, a família Joad, em sintonia com a ideologia puritana e fazendo remissão aos primeiros colonizadores que chegaram à América do Norte, continua sonhando em construir um lugar exemplar no mundo.

Os puritanos da Nova Inglaterra, presbiterianos ou congregacionais, consideravam-se o “povo escolhido por Deus”, na construção de um Estado verdadeiramente cristão, mesmo que organizado em diferentes denominações. Peter Bulkeley. [*apud*, KLEIN]) referindo-se ao povo da Nova Inglaterra, escreveu: “são como uma cidade estabelecida sobre um monte, à vista aberta de toda a terra,... porque professamos ser um povo em aliança com Deus”. [13] John Cotton escreveu que “na Nova Inglaterra, a ordem da igreja e da comunidade foi estabelecida de tal forma... que trouxe à mente o Novo Céu e a Nova Terra, em que habita a justiça”. (KLEIN, 2004, p. 89).

Ser como uma cidade sobre um monte, que todas as nações possam ver, seria, de acordo com a ideologia puritana, uma forma de mostrar que eles seriam os escolhidos e especialmente abençoados por Deus. Essa autoconfiança, presente desde o início da colonização dos Estados Unidos da América, foi drasticamente abalada com a crise que se instaurou no país na década de 1930. Ter que repensar a sociedade implicou um violento conflito e abalou a ideia de uma relação de

equilíbrio na relação entre os homens, a natureza e Deus. Parece ser isso que Steinbeck busca ao escrever *Vinhas da Ira*. Ali se encontra, através da personagem Jim Casy e, posteriormente, de Tom Joad, o questionamento dos valores e a busca de uma relação equilibrada com a natureza. Na ocasião em que Casy foi preso, ele tem um *insight* que, posteriormente, explica ao Tom:

Bem, ali havia gente direita até, sabes? O que estragou eles foi eles precisarem das coisas. Eu não comecei a ver claro. É a miséria que provoca todos os males. Ainda não cheguei até o fim de pensar sobre o assunto. Sim, pois é, e um dia eles nos deram feijão azedo. Um camarada começou a berrar, e não acontecia nada. Berrava até rebentar a garganta. Veio um guarda, olhou pra dentro e foi-se outra vez. Então, um outro sujeito começou a berrar. E acabamos todos nós berrando e, te digo, parecia que o xadrez 'tava cheio e pronto pra explodir. E então aconteceu uma coisa. Eles vieram correndo e nos deram outra coisa pra comer. Sim, senhor. Trocaram a comida. 'Tás compreendendo'. (STEINBECK, 1978, p. 455).

Aqui Casy passa ao Tom o seu ensinamento: que, se o povo se unisse da mesma forma que os presos se uniram na cadeia, eles poderiam mudar a situação. Se um sozinho rebelasse não seria suficiente, mas se todos, organizadamente, protestassem, a situação poderia mudar. Logo após essa conversa, Jim Casy foi assassinado por dois policiais e, no instante que precede sua morte, ele repete a frase dita por Cristo na cruz: “Vocês não sabem o que estão fazendo” (STEINBECK, 1978, p. 460). A última conversa entre Tom e Casy pode remeter ao diálogo entre Cristo e Pedro, no qual Ele, antes de subir aos céus, passava a responsabilidade da igreja a Pedro, dizendo: “Pastoreie minha igreja” (João 21:16).

Nos romances brasileiros fica evidente que Fabiano e Chico Bento não participam de nenhuma forma de protesto organizado. Em *O Quinze* existem outros retirantes na mesma situação, mas todos, fatidicamente, aceitam sua sorte, sem ânimo para lutar contra aquela situação. Em *Vidas Secas*, Fabiano e sua família, sempre sozinhos, até questionavam “[...] por que motivo o governo aproveitava

gente assim” (RAMOS, 1974, p. 149). Ele falava isso por causa do seu encontro com o soldado amarelo, mas, apesar das injustiças praticadas pelas autoridades, ele não luta de forma alguma, ao contrário, servilmente ensina o caminho ao soldado.

Fonterose (2008, p. 96) argumenta que Jim Casy se aproxima de Jesus até mesmo em sua doutrina de “[...] love for all men, sympathy for the poor and oppressed, realization of the gospel in active ministry, subordination of formal observances to men’s real needs”³². Fonterose continua seu argumento afirmando que a doutrina pregada por Casy chega a um tom profético, respaldado em Mateus (23:33-41), onde, por meio de uma parábola, Jesus explica que aqueles que cuidam da videira serão destruídos e novos arrendatários a farão produzir muito mais que os anteriores. Com essa comparação, a interpretação da profecia se dá na comparação entre os fazendeiros da Califórnia e os fariseus e escribas, aqueles, como estes, não herdarão o reino de Deus, pois os herdeiros serão aqueles que, antes eram considerados impuros: no caso de *Vinhas da Ira*, os *okies*. Para os romances *Vidas Secas* e *O Quinze*, esse tipo de conflito não existe, pois as famílias de Fabiano e de Chico Bento aceitam fatalmente as adversidades da vida e da seca, como se elas resultassem, apenas, de forças para além da sua vontade, fatidicamente atribuídas à vontade de Deus.

Por fim, pode-se dizer que Casy passou de pregador a profeta no plano espiritual, mas também a um líder dos marginalizados na Califórnia. O seu discurso era direcionado à solidariedade e à união dos homens, em busca de interesses comuns. Destaca-se que Casy só pôde assumir tal identidade devido ao êxodo e à mudança. Foram as adversidades advindas do êxodo que implicaram

32 “... amor por todos os homens, simpatia pelo pobre e oprimido, cumprimento do evangelho por um ministério ativo, subordinação às observações formais das reais necessidades dos homens” (Tradução nossa).

[...] as diversas formas de solidariedade, a multiplicação das expressões da compaixão, o desenvolvimento das manifestações caritativas, tudo isso é *incompatível com um suposto individualismo* que [...] era, essencialmente, a expressão de um burguesismo um tanto mesquinho e de qualquer maneira muito utilitário. (MAFESSOLI, 2001, p. 150, grifo nosso).

Isto é, a condição de miséria em *Vinhas da Ira* é um ponto de partida para um novo pensamento e, conseqüentemente, a criação de valores para a constituição de uma nação mais solidária e próspera. Barash e Barash (2006, p. 251) afirmam que “[...] as personagens de Steinbeck distinguem-se por reconhecer e agir guiados pelo vínculo da amizade e solidariedade, a qual, ainda que comvente, também possui uma lógica coerente, nascida da necessidade”.

Nos romances brasileiros, a solidariedade também está presente. Chico Bento, ao se deparar com um grupo de retirantes comendo carne de uma vaca que morrera em consequência de uma doença, se comove e sente-se muito mal com tal estado de miséria e fome.

- De que morreu essa novilha, se não é da minha conta?
Um dos homens levantou-se, com a faca escorrendo sangue, as mãos tintas de vermelho, um fartum sangrento envolvendo-o todo:
- De mal dos chifres. Nós já achamos ela doente. E vamos aproveitar, mode não dar para os urubus.
Chico Bento cuspiu longe, enojado:
- E vosmecês têm coragem de comer isso? Me ripuna só de olhar...
O outro explicou calmamente:
- Faz dois dias que a gente não bota um de-comer de panela na boca...
Chico Bento alargou os braços, num gesto de fraternidade:
- Por isso não! Aí nas cargas eu tenho um resto de criação salgada que dá para nós. Rebolam essa porqueira pros urubus, que já é deles! Eu vou lá deixar um cristão comer bicho podre de mal, tendo um bocado no meu surrão! (QUEIROZ, 2005, p. 44).

Destaca-se o fato de que a solidariedade das personagens, tanto em *O Quinze* quanto em *Vinhas da Ira*, surgiu a partir das condições provocadas pelo êxodo, contudo pode-se dizer que ela ocorre de forma diferente. Já em *Vidas Secas*, quando ocorreu o êxodo, especificamente nos capítulos “Mudança” e “Fuga”, não

ocorre nenhum contato da família com outros retirantes, não podendo, portanto, verificar a questão da solidariedade. Enquanto no romance brasileiro *O Quinze* a solidariedade ocorre num plano de ajuda ao próximo, aparentemente sem interesse de troca, já em *Vinhas da Ira* a solidariedade parece estar na reciprocidade. Isto é, toda a solidariedade prestada voltará para quem a praticou. Aqui se aplica o ditado de que “[...] um homem com comida alimenta um homem com fome e, dessa forma, se previne contra a fome” (BARASH e BARASH, 2006, p. 250). Já no contexto brasileiro aplica-se o ditado de que “Quem dá aos pobres, empresta a Deus”, ou ainda, “O pouco com Deus é muito e o muito sem Deus é nada”.

A ideologia norte-americana pode ser percebida no episódio em que a sra Joad agradece aos vizinhos, por ocasião do nascimento do bebê morto de Rosenhardt:

- A senhora foi muito amiga – disse – Muito obrigada por tudo. A mulherzinha obesa sorriu.
- Não tem de quê. Estamos todos no mesmo embrulho. Se fosse alguém da minha família que passasse mal, a senhora ia ajudar.
- Sim – disse Mãe -, é o que eu ia fazer.
- A senhora ou outro qualquer.
- Antigamente, a família vinha em primeiro lugar. Agora não é mais assim. Agora é qualquer um. Quanto mais gente passa mal, tanto mais nós temos que fazer. (STEINBECK, 1978, p. 531).

Percebe-se, aqui, uma descrição da situação miserável pela qual passou Rosenhardt e a família Joad, mas que não apagou o altruísmo recíproco entre eles. Apesar de todo o sofrimento, a família Joad adquire uma consciência da necessidade do exercício da reciprocidade para que a situação de miséria possa ser superada. Esse quadro pode ser visto claramente no final do romance, em que amizade e a reciprocidade são sintetizadas na cena em Rosenhardt “[...] transformando-se de uma menina manhosa numa mulher de verdade, consciente, com experiência de vida e a necessidade de dar a quem precisa” (BARASH e

BARASH, 2006, p. 252). A despeito de seu filho nascido morto, a necessidade de ajudar a quem precisa falou mais alto que a tristeza e ela, em um gesto desesperado, amamenta um velho moribundo com o leite que deveria ser destinado ao filho nascido morto.

A dignidade de Rosenhardt se firmou na consciência de ter de lutar em conjunto. Aliás, os Joads, mesmo na miséria e marginalizados, cultivaram a sua dignidade frente ao caos, não admitindo serem rebaixados a um nível inferior do ser humano. Eles se levantam para lutar, em união com os outros trabalhadores, para melhorar as suas condições de vida.

Enquanto, no romance norte-americano, Rosenhardt, através da luta e do exercício do altruísmo, encontra a sua dignidade, nos romances brasileiros existe a perda dela, motivada pela miséria advinda do êxodo. Isso fica claro no episódio em que Chico Bento mata a cabra de um fazendeiro da região.. Ali, movido pelo instinto de sobrevivência, Chico Bento abandona a honra que tinha de vaqueiro e se humilha, tomando uma atitude impensável antes da fuga. E esse comportamento o atormenta profundamente, mesmo depois de ter chegado à cidade, pois isso feriu a sua identidade e foi contra os seus valores.

Esse episódio demonstra que Chico Bento tinha a noção do que era a dignidade, mas que, devido à miséria e às condições de extrema necessidade provocada pelo nomadismo, a sobrevivência se impõe aos seus valores morais. Situação semelhante enfrenta Fabiano ao exclamar que era homem. Por um momento, sendo vaqueiro na fazenda, mesmo que provisoriamente, fez com que ele se sentisse digno, se sentisse um homem, mas, ao se dar conta de que isso era provisório, ele se corrige e diz que é bicho.

Fabiano não consegue enxergar a si mesmo como homem, mas como bicho.

Tanto é assim que ele chega a afirmar que tem orgulho de ser bicho: “Isto para ele era motivo de orgulho. Sim, senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades” (RAMOS, 1974, p. 54). Entende-se, aqui, que a dignidade era capaz de se manter, mesmo que fosse como bicho, em meio às dificuldades.

Entretanto, a despeito da humilhação de Fabiano e de Chico Bento, a presença da religião se dá em sintonia com a tradição popular e com um fatalismo desesperador. As personagens alimentam sonhos, mas isso acaba se tornando mais uma estratégia desesperada de sobrevivência em curto prazo do que uma meta clara, a ser alcançada. No caso de *Vidas Secas*, na ocasião da fuga, a família sonha “[...] cultivar um pedacinho de terra. Mudar-se-iam depois para a cidade, e os meninos freqüentariam escolas, seriam diferente deles” (RAMOS, 1974, p. 172). O sonho de Fabiano e Sinhá Vitória é simples, mas o desejo principal de Sinhá Vitória é que os meninos tivessem a chance de ser diferentes, de não precisar mais enfrentar o que eles enfrentaram. Chico Bento via São Paulo como “[...] terras longínquas onde sempre há farinha e sempre há inverno” (QUEIROZ, 2005, p.120), isto é, onde ele e sua família não passariam fome e não mais teriam o problema da seca. E é isso que o anima para a viagem. É esse sonho que o motiva a superar as dificuldades.

Essa tentativa de fuga da seca pode ser vista no poema *O Sol em Pernambuco*, de João Cabral de Melo Neto (1973, p. 27):

(O sol em Pernambuco leva dois sóis,
sol de dois canos, de tiro repetido;
o primeiro dos dois, o fuzil de fogo
incendeia a terra: tiro de inimigo).
O sol ao aterrissar em Pernambuco,
acaba de voar dormindo o mar deserto; mas ao dormir
se refaz, e pode decolar mais aceso;
assim, mais do que acender incendeia,
para rasar mais desertos no caminho;
ou rasá-los mais, até um vazío de mar
por onde ele continue a voar dormindo.

O sol em Pernambuco se assemelha a um inimigo que, com fuzil, extermina os homens, ao deixar a terra deserta, e contra esse sol de fogo e de luz as únicas lentes possíveis são as da distância, isto é, da migração para longe de tal adversidade da natureza. E é dessa condição que as personagens Fabiano e Chico Bento querem fugir, isto é, buscam um lugar onde eles não mais serão atormentados pelo sol, pela luz e pela seca, que só trazem miséria e pobreza.

Diferentemente, no romance *Vinhas da Ira*, a família Joad não se conforma com a sua situação, buscando uma melhora de vida e tem objetivos específicos e palpáveis. E é por esse motivo que os *okies* lutam e se unem, descobrindo que é por meio da solidariedade para com aqueles da mesma situação que pode ser o caminho da mudança. Eles já não têm um objetivo utópico, mas realizável, como a terra prometida para os judeus no êxodo, isto é, eles têm o seu lugar. Basta conquistá-lo, nem que, para isso, demore anos de luta.

Vinhas da Ira termina num cenário triste e em aberto, mas dados históricos atuais confirmam que, na crise ficcionalizada no romance, que implicou o deslocamento em massa da população pobre para a região da Califórnia, muitos dos migrantes acabaram encontrando um emprego, firmando-se e melhorando as suas condições de vida -- conquistas que muitos dos migrantes brasileiros também alcançaram no Sul. Entretanto, dada a constância com que ocorrem os surtos de migração, muitos não encontram condições propícias, pois eles acabaram por serem marginalizados nas grandes cidades, fazendo com que, depois de anos de tentativas baldadas, seus sonhos estejam vinculados à volta para o sertão, como bem atesta a música *A Volta da Asa Branca*:

Já faz três noites
Que pro norte relampeia
A asa branca

Ouvindo o ronco do trovão
Já bateu asas
E voltou pro meu sertão
Ai, ai eu vou me embora
Vou cuidar da prantação

A seca fez eu desertar da minha terra
Mas felizmente Deus agora se alembrou
De mandar chuva
Pr'esse sertão sofredor
Sertão das muié séria
Dos homes trabaiador (A Volta da Asa Branca, Luiz Gonzaga/Zé Dantas, 1997).

Nessa música, em contraposição à *Asa Branca*, Luiz Gonzaga e Zé Dantas (1997) falam do movimento migratório provocado pela seca na vida do sertanejo nordestino. Nos períodos de seca, o nordestino é obrigado a migrar para o Sul, onde não há esse problema. Depois, contudo, quando volta a chover, muitos migrantes voltam para cuidar da plantação. Isso demonstra que, embora exista o processo de migração para o sul do Brasil, com o fim de buscar uma nova vida, também há aqueles que voltam para o Nordeste, pois lá é o seu espaço e seus laços, ou seja, a sua esmaecida *imago mundi*.

É, entretanto, relevante destacar que há, também, aqueles que, a partir da segunda geração, já se integraram à região Sudeste e deixaram de ser os eternos expatriados da seca, mas o número dos que fracassam é muito significativo.

Tendo explanado, neste subitem, a diferente simbologia protestante e católica percebidas nos romances, demonstrando assim as diferentes atitudes das personagens frente ao êxodo, no próximo subcapítulo se aborda o tema da criança frente ao caos advindo do êxodo, como era sua relação com a sociedade e com os pais.

3.4 A QUESTÃO DO INFERNO: UMA REFLEXÃO SOBRE AS CONDIÇÕES DAS CRIANÇAS

Objetiva-se, nesta última parte do terceiro capítulo, analisar brevemente as condições das crianças em função da instabilidade familiar advinda da migração nos romances *Vidas Secas*, *O Quinze* e *Vinhas da Ira*. A visão em relação às crianças, tanto no contexto rural brasileiro quanto no norte-americano, se assemelha e remete, ainda, à mentalidade medieval, segundo a qual a criança seria um ser incompleto. A esse respeito, Fortes afirma:

No meio rural brasileiro, mais isolado e reacionário em relação às novas formas de vida, a educação, até os anos quarenta, manterá fortes traços herdados da mentalidade medieval aqui aportada com os colonizadores. Expressões do tipo: *a criança é trem do capeta; criança é a última que fala e a primeira que apanha; é de pequeno que se torce o pepino*, dentre outras, são reveladoras do papel secundário ocupado pela criança no núcleo familiar. (FORTES, 2007, p. 113).

Isso significa que a análise da condição infantil nos romances não pode ser feita a partir da estrutura sociofamiliar atual, na qual “[...] os filhos devem ocupar o centro da vida em família” (FORTES, 2007, p. 112), mas em sintonia com a mentalidade daquela época, quando a criança tinha um papel secundário e, por isso, estava mais exposta às adversidades, pois, “[...] dos seis ou sete anos aos dez, ele passava a menino-diabo. Criatura estranha que não comia na mesa nem participava de modo nenhum da conversa de gente grande. Tratado como resto” (FREYRE, 1951, p. 215). Essa realidade se agravava em tempos de crise, como é o caso das obras em análise. Para Badinter (1980, p. 54), a propósito do contexto europeu – mas que teve grande influência sobre a formação da família brasileira –, a criança tinha “[...] pouca importância na família, constituindo muitas vezes para ela um

verdadeiro transtorno. Na melhor das hipóteses, ela tem uma posição insignificante. Na pior, amedronta".

A relação da criança com a família tinha tal fragilidade que o abandono dela pela família era uma prática comum ao logo do período colonial. Tanto isso é verdade que Renato Pinto Venâncio afirma que:

[...] durante o segundo ou terceiro século de colonização, surge uma modalidade *selvagem* de abandono. Meninos e meninas com dias ou meses de vida não encontravam abrigo; eram deixados em calçadas, praias e terrenos baldios, conhecendo por berço os monturos, as lixeiras, e tendo por companhia cães, porcos e ratos que perambulavam pelas ruas. (VENÂNCIO, 1997, p. 190).

Esse abandono das crianças chama a atenção das elites pelo fato de que “[...] os enjeitados faleciam sem sacramentos” (VENÂNCIO, 1997, p. 190). A morte dessas crianças sem o batismo significava, no ideário religioso católico, que elas não virariam anjinhos. Com essa preocupação, passou a existir certa pressão das elites para que fossem criadas instituições que auxiliassem essas crianças abandonadas, embora o índice de sobrevivência das crianças das rodas dos enjeitados fosse muito baixo.

A criança, para a sociedade medieval, necessitava ter uma educação rígida e fria, tanto era assim que “[...] os pedagogos, quase sempre mestres em teologia, recomendam aos pais a frieza em relação aos filhos, lembrando-lhes incessantemente sua malignidade natural” (BADINTER, 1980, p. 48), como postulava, por exemplo, Santo Agostinho, no início da Idade Média.

Mesmo com esse ideário, nos romances em análise percebe-se, contudo, que Fabiano não abandona seu filho no final da primeira migração, no capítulo que abre o romance, apesar de, no seu desespero em função da exaustão, do cansaço, da sede e da fome, ele seja tentado a fazê-lo.

O menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão.

- Anda, condenado do diabo, gritou-lhe o pai.
Não obtendo resultado, fustigou-o com a bainha da faca de ponta. Mas o pequeno esperneou acuado, depois sossegou, deitou-se, fechou os olhos. Fabiano ainda lhe deu algumas pancadas e esperou que ele se levantasse. Como isto não acontecesse, espiou os quatro cantos, zangado, praguejando [...].
- Anda, excomungado.
O pirralho não se mexeu, e Fabiano desejou matá-lo. Tinha o coração grosso [...] pelo espírito atribulado do sertanejo passou a idéia de abandonar o filho naquele descampado. [...] Aí a cólera desapareceu e Fabiano teve pena. Impossível abandonar o anjinho aos bichos do mato. [...] pôs o filho no cangote, levantou-se, agarrou os bracinhos que lhe caíam sobre o peito, moles, finos como cambitos. (RAMOS, 1974, p. 43-45).

Independentemente das adversidades, perder um filho no contexto rural brasileiro em geral não era uma questão muito traumática. Assim, dado o alto índice de mortalidade infantil, “[...] perder um filho pequeno nunca foi para a família patriarcal a mesma dor profunda que para uma família de hoje” (FREYRE, 1951 p. 366). Abandonar, porém, um filho para morrer sozinho, como um animal, seria perder os últimos traços de humanidade e o episódio acima transcrito visa desvelar para o leitor o desespero no qual se encontrava Fabiano, também ele à beira da exaustão

Episódio semelhante acontece com Chico Bento e Cordulina, quando seu filho Josias adoeceu. Primeiramente ficaram chocados com a doença do filho: “Chico! Chico! Valha-me Nossa Senhora! O Josias se envenenou!” (QUEIROZ, 2005, p. 59). Aqui se percebe que, apesar da relação da família para com os filhos não ser mais aquela que vigorou no Brasil ao longo dos primeiros séculos de colonização, não há muito que os pais possam fazer em relação à vulnerabilidade das crianças em tempos de crise. Embora Chico Bento e Cordulina se solidarizem em relação à agonia do filho, a única possibilidade que eles têm é recorrer às benzas e esperar que estas surtam o efeito mágico a elas subjacentes. O desespero de Cordulina é evidenciado pelo fato de que ela “chorava sem consolo” (QUEIROZ,

2005, p. 60), pois ela sabia que esta seria sua única possibilidade de salvar o filho. Chico Bento, de forma mais contida, também estava abalado. Ele “[...] se encostava à vara da prensa, sem chapéu, a cabeça pendida, fitando dolorosamente a agonia do filho” (QUEIROZ, 2005, p. 60). Embora Chico Bento não demonstrasse sua dor de maneira desesperada como Cordulina, ele, ao ver o filho morrer, sentiu muito. Ocorre, contudo, que, por mais que Chico Bento e Cordulina se importem com o filho, não podem fazer nada diante da situação miserável em que se encontram.

É no período de pausa, no qual se passa a narrativa de *Vidas Secas*, que mais se evidencia a postura arcaica em relação à educação das crianças, pois, mesmo nesses tempos, perdura a rigidez da educação em relação à criação dos filhos e à impossibilidade do diálogo.

Com o filho mais novo isso ocorre quando quer conversar com Sinhá Vitória e esta “[...] soltou uma exclamação de aborrecimento, e, como pirralho insistisse, deu-lhe um cascudo” (RAMOS, 1974, p. 86). Já o filho mais velho, ao questionar Sinhá Vitória sobre a palavra “inferno”, lhe pedindo explicações, a deixou irritada, tanto que sua mãe “[...] achou-o insolente e aplicou-lhe um cocorote” (RAMOS, 1974, p. 93). Se, hoje, a curiosidade infantil e juvenil é vista como sinal de inteligência e fator de aprendizado, até o começo do século XX esta, em geral, era tida como um grande defeito e falta de educação, tanto que “criança especula” era, como tal, repreendida quanto criança mimada ou preguiçosa.

Aqui vemos que Fabiano e Sinhá Vitória criavam os seus filhos recorrendo à “pedagogia” dos castigos físicos, que vigorou no Brasil – pelo menos nas regiões mais isoladas – até a metade do século XX. Embora, em relação à mentalidade atual, essa postura pareça falta de carinho dos pais em relação aos filhos, era uma prática comum nesse contexto, cujo modelo arcaico de infância predominava e um

dos princípios básicos da boa educação era a rigidez dos pais que, usualmente, recorriam aos castigos físicos e às reprimendas.

O episódio do questionamento do menino mais velho sobre a palavra inferno é discutido em todo um capítulo de *Vidas Secas*, no qual é revelada uma intrigante luta do menino, em meio à rudeza de sua criação, para entender o significado da palavra “inferno” e por que essa palavra, que soava tão bonita, poderia significar algo tão ruim. O narrador de *Vidas Secas* coloca um paradoxo muito interessante. A busca do menino mais velho pela resposta é recebida por cascudos da mãe, revelando aí a incapacidade de comunicação que existia entre as crianças e os seus pais.

Bosi afirma que os capítulos sobre os meninos “[...] narram a frustração da criança perante o universo adulto nas condições precisas da vida sertaneja” (BOSI, 2003, p. 26). O menino mais velho vivia naquilo que parecia ser um inferno para o leitor, contudo, ele não conseguia perceber sua vida como um inferno e muito menos compreendia o que essa palavra significava. Diante dos cocorotes supracitados, o menino “[...] saiu indignado com a injustiça” (RAMOS, 1974, p.93) e buscou a companhia de Baleia. Bosi continua seu argumento, dizendo:

O que interessa ao narrador é fixar o instante do curto-circuito, o processo de incomunicação, a conversa truncada na origem, o diálogo impossível; em suma, a barbárie que pulsa na assimetria de adulto e criança, de forte e fraco, e que está prestes a explodir a qualquer hora. (BOSI, 2003, p. 28).

É interessante perceber que, para o menino mais velho, a sua condição de vida, sua moradia e a miséria à sua volta não lhe parecia um inferno, pois “[...] todos os lugares conhecidos eram bons: o chiqueiro das cabras, o curral, o barreiro, o pátio, o bebedouro – mundo onde existem seres reais, a família do vaqueiro e os bichos da fazenda (RAMOS, 1974, p. 97). Para ele infernal era “[...] não poder

perguntar o que é inferno. Infernal é expor-se, de chofre e sem defesa, ao arbítrio que só o mais forte pode exercer” (BOSI, 2003, p. 28).

O grande problema, portanto, era ser criança em um tempo e em um espaço nos quais ele era incapaz de compreender o universo adulto. Ele, em certa medida, vivia no inferno sem ter consciência disso, contudo, quando magoado e ressentido em relação à mãe, por ter sido punido sem saber o motivo, ele busca o apoio da cachorra Baleia, que, paradoxalmente, o acalenta, dado que o *status* da cachorra no romance equipara-se ao humano. Por isso, ao sentir que todos o abandonavam, ele busca consolo na “[...] cadelinha [visto que ela] era o único vivente que lhe mostrava simpatia” (RAMOS, 1974, p. 94).

Coerentemente com o contexto do romance como um todo, as pessoas da família do menino são indiferentes, naquele momento de tristeza e dor, enquanto baleia o acalenta e “[...] liberta a alma da angústia que a sufoca e deixa-a voar, mais uma vez, para aquele paraíso de seres mutantes que se abrigam na montanha longínqua” (BOSI, 2003, p. 30). Ou seja, a identificação do menino mais velho com o animal deve-se ao fato de ambos estarem sujeitos às oscilações de humor dos adultos e a castigos dos quais eles não identificam a causa, o que estabelece sintonia e comunicação entre eles.

O menino mais novo também passa por um sofrimento. Vendo Fabiano subir num cavalo, ele, numa tentativa de imitar o pai, tenta montar em um bode, contudo sua tentativa falha e ele cai, sentindo-se humilhado por não ser, ainda, igual ao pai.

A humilhação atenuou-se pouco a pouco e morreu. Precisava entrar em casa, jantar, dormir. E precisava crescer, ficar tão grande como Fabiano, matar cabras a mão de pilão, trazer uma faca de ponta à cintura. Ia crescer, espichar-se numa cama de varas, fumar cigarros de palha, calçar sapatos de couro cru. (RAMOS, 1974, p. 91).

Destaca-se, nessa experiência do menino mais novo, a distância entre o seu

mundo de criança e o mundo do adulto. Embora Fabiano tenha uma vida miserável, sendo explorado por fazendeiros e tendo de migrar por causa da seca, o seu filho mais novo admira-o e vê nele um modelo de vida. É por esse motivo que ele busca imitar seu pai, pois deseja ser igual a ele, pois vê no pai um grande vaqueiro, que lhe causava admiração: “[...] metido nos couros, de perneiras, gibão e guarda peito, era a criatura mais importante do mundo” (RAMOS, 1974, p. 85). Ao tentar imitar o pai, o menino mais novo se frustra, sentindo-se humilhado, mas, a despeito do constrangimento da tentativa frustrada, ele pretende levar adiante a ideia ser igual ao pai, mesmo que isso leve à dor. Bosi é categórico ao afirmar que “[...] a socialização da criança sertaneja é dolorosa tanto na hora de imitar como na hora de perguntar” (BOSI, 2003, p. 27). Isso ocorre dentro em um modelo arcaico de educação que predomina tanto em *Vidas Secas* quanto em *O Quinze*. Tanto o é que os meninos, em *Vidas Secas*, não têm nome e estão, sempre, sendo punidos com cocorotes só por fazerem perguntas.

No caso de *O Quinze*, há um apego de Chico Bento em relação a Juquinha, quando ele entrega o filho para a Conceição. Ele sabe, contudo, que, se a criança ficar em suas mãos, ela morrerá. Por isso Chico Bento, ao refletir sobre doar o filho, afirma: “[...] se nós pegamos nesta besteira de não dar o mais que se arranja é ver morrer, como o outro” (QUEIROZ, 2005, p. 108). Assim, portanto, a despeito das adversidades da vida e do rigor educacional, nas obras brasileiras em análise, os pais não abandonam os filhos, como ocorria com frequência até o século XIX, conforme Renato Pinto Venâncio a propósito dos três primeiros séculos de colonização. Chico Bento só dá a criança por saber que Conceição poderá cuidar dela. Nota-se que, apesar do modelo arcaico de infância, Chico Bento se importa com os seus filhos, indicando o surgimento de uma nova mentalidade, a de que os

filhos não são substituíveis. O sentimento de conformidade com a morte das crianças se dá pelo fato de elas serem mais frágeis e morrerem facilmente. Se houver um apego muito grande às crianças nessas condições, a carga psicológica proveniente disso seria muito grande. A esse respeito, Fortes afirma:

Ainda na metade do século XX, ouviam-se muitos pais dizerem, quando da perda de um filho, *Deus levou*, assim como diziam, quando do nascimento de outro, *Deus mandou*. Hoje, estamos convictos de que a perda de um filho, independentemente da idade, deixa uma marca profunda e permanente nos pais. (FORTES, 2007, p. 114).

O sentimento contrário a esse pode ser visto no conto *Bucólica*, de Monteiro Lobato, em que Maria Véva, cuja índole era má, apregoava o seu desapego à filha deficiente: “Pestinha, por que não morre? Boca atoa, a comer, a comer. Estica o cambito, diabo!” (LOBATO, 1959, p. 199). Segundo Fortes (2007, p. 116), “[...] o que mais choca no conto, é a desmistificação da figura materna”. Ao contrário do que ocorre com Sinhá Vitória e Cordulina, que, embora estivessem numa condição de miséria e ainda sob a vigência de um modelo arcaico de infância, elas agiam de acordo com o sentimento amoroso, percebido pela solidariedade com os seus filhos nos momentos de aflição, a despeito da recorrência aos castigos físicos, que era a “melhor” forma de educar os filhos, pois “é de pequeno que se torce o pepino”.

Ainda a respeito da morte das crianças, Elisabeth Badinter (1980), no livro *Um Amor Conquistado: mito do amor materno*, argumenta que a ideia de um filho único, e insubstituível, é moderna. Ela afirma, com relação à morte da criança:

[...] temos hoje a convicção de que a morte de um filho deixa uma marca indelével no coração da mãe. Mesmo daquela que perde prematuramente o seu feto conserva a lembrança dessa morte quando desejava a criança [...] Era a mentalidade inversa que dominava outrora. Em tese, F. Lebrun [*apud* Badinter] escreve: “No plano humano, a morte é sentida como um acidente quase banal que um nascimento posterior virá reparar”. Isso atesta a menor

intensidade do amor que a mãe dedicava a cada um dos filhos. (BADINTER, 1980, p. 73).

No romance norte-americano também pode ser percebida essa mentalidade arcaica em relação à criança. Ruthie e Winfield estão, sempre, em uma condição secundária em *Vinhas da Ira*. Elas não têm voz, estão sendo constantemente advertidas pela sra Joad e também estão, sempre, à volta da mãe levando cascudos. Quando estão no acampamento do governo, a sra. Joad pede às crianças para lavarem as orelhas e o pescoço. Pelo fato de elas não quererem ir, o sr. Joad usa da violência para limpá-las:

Pai regressava com as crianças, agora, e os olhos das crianças ainda estavam umedecidos devido à choradeira, por causa do esfregar das orelhas e do pescoço. Pareciam muito submissos, e brilhavam de limpos. A pele do nariz de Winfield, queimada do sol, estava descascando.

- Pronto – disse Pai – Acabou-se a sujeira, e ainda tirei um pouco da pele do nariz desse moleque. Puxa! Que trabalho danado pra eles sossegar. (STEINBECK, 1978, p. 359).

Embora o sr. e a sra. Joad recorram à violência em relação às crianças, eles se importam com sua higiene. Mesmo assim, contudo, essa preocupação se converte em brutalidade, já que o sr. Joad os lava de forma agressiva. Aqui, da mesma forma que em *Vidas Secas* e em *O Quinze*, existe uma atitude dura em relação à criança conforme o modelo arcaico de infância, mas se percebe uma certa preocupação para com elas, demonstrando, assim, mesmo que timidamente, o início de um novo tipo de relacionamento.

No imaginário da sociedade europeia até o final do século XVIII e início do XIX, bem como na sociedade brasileira até o final do século XIX e, nas regiões mais isoladas, nas primeiras décadas do século XX, em geral, a morte da criança não tinha o peso emocional que tem atualmente. Isso se devia ao fato de o número de

óbitos de criança ser muito alto, o que, de certa forma, fazia com que os pais tentassem se conformar nesses casos, estando, portanto, mais preparados para aceitar as perdas. Outro fator que contribuía para essa aceitação era o fato de as famílias, em geral, terem um grande número de filhos. Confirmando esse pensamento no contexto brasileiro, Gilberto Freyre afirma que “[...] perder um filho pequeno nunca foi para a família patriarcal a mesma dor profunda que para uma família de hoje” (FREYRE, 1951, p. 366). Esse postulado de Gilberto Freyre foi escrito na metade do século XX e, portanto, levando em consideração os romances analisados, percebe-se que existe uma iniciativa de mudança do pensamento em relação às crianças. Se esse episódio for visto sob a perspectiva do início do século XXI, aparentará um modelo arcaico de infância, contudo, levando em consideração a época em que foram escritos os romances, existe uma nova mentalidade em surgimento e que já não se enquadra com a mentalidade medieval, mas também não se encaixa no modelo de infância moderno.

Tendo, portanto, em vista esse modelo arcaico de infância, segundo o qual a criança não é o centro da estrutura familiar, as crianças, nos romances *Vidas Secas*, *O Quinze* e *Vinhas da Ira*, em virtude do êxodo, são as que mais sentem as adversidades. Tanto o é que o filho mais velho de Fabiano quase morre na mudança, Josias, em *O Quinze*, morre ao comer mandioca crua, Pedro foge e, em *Vinhas da Ira*, Winfield quase morre em virtude da desnutrição. As crianças, assim como os velhos, nessa constituição familiar, são o elo mais fraco. São as primeiras a morrerem e sentirem com a fome e a seca. Os pais, vendo os filhos definharem e morrerem, conformam-se, sofrem, mas não há outra alternativa a não ser se conformar, como têm que se conformar com as demais adversidades da vida.

No que se refere ao tratamento dado às crianças nos romances em análise,

percebe-se, portanto, uma semelhança na maneira como os pais se relacionam com os filhos enquanto crianças. As crianças são tratadas de forma rude e com frieza, sendo que essa atitude é coerente com a época na qual as obras se situam e com o modelo de infância em vigor. Ocorre, contudo, que, a despeito das adversidades, já subjazem às obras em análise traços da nova mentalidade em relação à infância, algo que só se consolidará de fato a partir do segundo quartel do século XX e quanto mais afastadas as regiões, mais lentas foram essas mudanças.

Em *Vidas Secas*, Fabiano não abandona seu filho, mesmo tendo vontade de fazê-lo. Chico Bento e Cordulina, em *O Quinze*, sofrem com a doença de Josias, não se conformando em perdê-lo e, em *Vinhas da Ira*, embora a atitude do sr. e da sra. Joad seja violenta em relação aos filhos, é indiscutível que eles são tidos como muito importantes para a família.

Objetivou-se, neste capítulo, analisar como o caos advindo do êxodo influenciou as personagens masculinas dos romances *Vidas Secas*, *O Quinze* e *Vinhas da Ira*. Percebeu-se que Fabiano, Chico Bento e o sr. Joad, em suas relações com a *imago mundi* esfacelada, se sentem perdidos socialmente. No caso do sr. Joad, existe a perda da liderança familiar após a perda da terra. Chico Bento, devido ao nomadismo, tem de lidar com a sua dignidade que é perdida ao matar uma cabra que tinha dono, e Fabiano, por ter o seu relacionamento com a terra regrado pelos ciclos da chuva e da seca, se assemelha ao judeu errante que está amaldiçoado a eternamente vagar sem nunca poder se fixar.

Ainda no terceiro capítulo se observou como o imaginário religioso nos romances brasileiros e no romance norte-americano influencia na maneira como as personagens se relacionam com a situação de êxodo, miséria e pobreza. Em *Vinhas da Ira*, devido à herança protestante puritana, há uma relutância na relação das

personagens com a miséria e com a pobreza, pois isso é identificado como um castigo divino. Diferentemente, no contexto brasileiro, especificamente no sertão nordestino, há, no catolicismo popular, uma ideia conformista com relação à pobreza, tida como um desígnio de Deus.

Por fim, foram analisadas as condições das crianças e a sua relação com os pais frente às adversidades provindas do nomadismo. Percebe-se um modelo arcaico de infância, mas que existe uma iniciativa, por parte dos pais, para construir um novo tipo de relacionamento, no qual o filho ganha mais importância no ambiente familiar, em sintonia com o novo modelo de infância, iniciado a partir da Idade Moderna, mas que só se consolidou ao longo de três séculos.

CONCLUSÃO

Este trabalho teve como proposta contrapor a temática da miséria e do êxodo nos romances *Vidas Secas* -- de Graciliano Ramos, *O Quinze* -- de Rachel de Queiroz e *Vinhas da Ira* -- do escritor norte-americano John Steinbeck, buscando aproximações e/ou contraposições no que se refere ao nomadismo e à miséria nas referidas obras. Para essa pesquisa, primeiramente foi conceituado o nomadismo e o que isso implica na organização familiar, percebendo as consequências do êxodo na postura das personagens masculinas e femininas nas obras analisadas. Também foi analisada a atitude das personagens a partir das suas concepções religiosas e das suas posturas relutantes ou conformistas.

No primeiro capítulo – “Estrangeiros em sua terra: o nomadismo em *Vinhas da Ira*, *Vidas Secas* e *O Quinze*” – objetivou-se analisar as obras *O Quinze*, *Vidas Secas* e *Vinhas da Ira* sob a perspectiva do nomadismo subjacente aos romances. Em *O Quinze*, devido ao êxodo, a família de Chico Bento passa por um processo dolorido de desintegração devido à perda de alguns de seus membros ao longo da migração, seja por morte, seja fuga ou por adoção. O nomadismo, nessa obra, acarretou duas consequências: uma relacionada à solidariedade, que pode ser percebida através da personagem Conceição; outra relacionada à crise de identidade de Chico Bento, pois ele passou da condição de vaqueiro para a de migrante, tendo, por isso, que reformular seus valores morais, éticos e sociais. Esses questionamentos também se fazem presentes em *Vidas Secas*, já que Sinhá Vitória assume um papel importante no núcleo familiar, e isso ocorre devido à situação de migrante em que se encontra a família. É ela que, durante o êxodo,

incentiva Fabiano, dando-lhe esperança de que encontrarão um lugar melhor, sem seca e com menos miséria. Sinhá Vitória, também nos momentos de pausa, assume funções de destaque na família, pois é ela quem faz as contas da casa e tem uma melhor desenvoltura para se comunicar.

Essas duas consequências do nomadismo são, também, marcantes em *Vinhas da Ira*, pois tanto em *O Quinze* quanto no romance norte-americano, o processo de migração motiva uma abertura para uma atitude solidária frente ao outro, como também ao conflito de identidade. Assim como Chico Bento teve conflitos em relação aos seus valores morais ao longo da dolorosa viagem pelo agreste, o sr. Joad passa por conflitos semelhantes, como também por uma mudança de papel social, alterando a estrutura de sua família. Isso, portanto, é diferente do que ocorre em *O Quinze*, pois Cordulina continua sendo subordinada ao marido, influenciando-o apenas de maneira indireta, como, por exemplo, pelo choro. No caso do sr. Joad, ele perde a liderança da família para sua esposa. O romance norte-americano pode, ainda, ser cotejado com o próprio êxodo bíblico, pois, na sua estrutura, remete a elementos do episódio bíblico, tais como: Joad remeter aos Judeus; são doze membros da família que fazem a viagem, a exemplo das doze tribos de Israel e, por fim, Tom Joad pode ser relacionado a Moisés.

O que, contudo, nos três romances analisados, mais se destaca é o fato de que o nomadismo implica um trágico redimensionamento entre o homem e o seu espaço físico e simbólico e, ao longo da caminhada, há, sempre, grandes alterações familiares e crises de valores.

Em relação ao segundo capítulo – “A condição e a postura feminina no caos do êxodo” – analisou-se a postura das personagens femininas frente ao caos provocado pelo êxodo, identificando a existência de uma moral patriarcal tanto no

contexto brasileiro quanto no norte-americano. Em *Vinhas da Ira*, a análise mostrou como a sra. Joad assume o papel de líder da família devido ao nomadismo, sempre com um objetivo bem definido: manter a família unida a qualquer custo. Esse objetivo é compartilhado, também, por Sinhá Vitória e por Cordulina. Embora não assumam a liderança da família como a sra. Joad, elas tomam decisões importantes nos momentos críticos resultantes da situação de nomadismo. Em *O Quinze*, Cordulina, desesperadamente, dá seu filho mais novo, Duquinha, para Conceição, que decide, mesmo sendo uma iniciativa dissonante para os padrões morais da época, ser mãe e solteira.

Com relação à moça pobre e solteira, contata-se que ela é uma presa fácil para os homens interesseiros, seja como um objeto sexual, como no caso de Mocinha, seja como um instrumento para migração, no caso de Rosenhardt. Apesar dessa situação miserável, no romance norte-americano a história de Rosenhardt termina, contudo, com certa esperança, pois ela aprende o valor da solidariedade e que isso pode ser instrumento de mudança. Mocinha, ao contrário, se torna mais uma dentre os miseráveis que tinham que fugir da seca do nordeste brasileiro e que se desnorteia ao longo da viagem.

No terceiro capítulo, intitulado “O êxodo, o homem e o sentido religioso”, objetivou-se analisar como o caos advindo do êxodo influenciou as personagens masculinas dos romances *Vidas Secas*, *O Quinze* e *Vinhas da Ira*. Fabiano, Chico Bento e o sr. Joad, respectivamente, sentem-se perdidos socialmente pelo fato de terem perdido a sua referência no mundo, isto é, a sua esmaecida *imago mundi*. Fabiano assemelha-se ao amaldiçoado judeu errante, condenado a vagar eternamente, sem nunca poder se fixar, pois o seu relacionamento com a terra é determinado pelos ciclos da chuva e da seca. Entretanto, no final do romance, há a

possibilidade de ele quebrar esse ciclo, migrando para São Paulo ou, como afirma João Cabral de Melo Neto, de ele recorrer às lentes da distância para se proteger da seca e da fome. Chico Bento, devido ao nomadismo, tem de lidar com a crise da sua dignidade, que é abalada quando ele é pego roubando para matar a fome. O sr. Joad sofre a perda da liderança familiar após a perda da terra.

Neste capítulo, ainda, observou-se como o imaginário religioso no romance norte-americano e nos romances brasileiros tem certa influência na postura das personagens frente à situação de êxodo, miséria e pobreza. No contexto brasileiro, especificamente no sertão nordestino, há, no catolicismo popular, uma ideia conformista com relação à pobreza, tida como um desígnio de Deus. Já no contexto norte-americano, devido à herança protestante puritana, há uma relutância e um grande inconformismo das personagens em relação à miséria e à pobreza, pois elas são relacionadas aos castigos divinos.

Por fim, foram analisadas as condições das crianças e as suas relações com os pais frente às adversidades provindas do êxodo. Percebeu-se a existência de um modelo arcaico de infância, mas já há, também, alguns indícios de uma nova preocupação em relação aos filhos, indícios que prenunciam algumas alterações em relação aos mais arcaicos conceitos de infância. Os prenúncios dessa nova postura, embora defasados em muitos séculos, se aproximam do novo modelo de infância, que começou na Europa a partir da Revolução Industrial, mas que, no Brasil, só se consolidou ao longo dos últimos três séculos.

Esse trabalho de pesquisa, portanto, teve por objetivo analisar os romances *Vidas Secas*, *Vinhas da Ira* e *O Quinze*, a partir das condições de miséria e pobreza advindas do nomadismo, levando em consideração os papéis masculinos, femininos e a relação deles com o simbolismo religioso presente nos contextos brasileiros e

norte-americano. Também foi analisada a situação das crianças no seu relacionamento com os pais frente às situações adversas provindas do êxodo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Martha. "Meninas perdidas". In: DEL-PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.
- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A invenção do nordeste e outras artes*. São Paulo: Editora Cortez, 2001.
- ALLEGRETTI, Joseph. "Personal Morality is Compromised by Corporate Values". In: NASSO, Christine. *Industrialism in John Steinbeck's Grapes of Wrath*, Greenhaven Press, 2008.
- ARIÉS, P. *História social da criança e da família*. Tradução: Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Tradução: Waltensir Dutra. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.
- BARASH, David. P.; BARASH, Nanelle. *Os ovários de Mme. Bovary: um olhar darwiniano sobre a literatura*. Tradução: Cláudio Figueiredo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.
- BASTIDE, Roger. *Brasil, terra de contrastes*. São Paulo: Difel, 1979.
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Tradução: Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.
- BLOOM, Harold. *John Steinbeck*. New York: Infobase Publishing, 2008.
- BÍBLIA REVISTA E ATUALIZADA, traduzida por João Ferreira de Almeida, Editora SBB, São Paulo, 1969.
- BOSI, Alfredo. *Céu, inferno: ensaio de crítica literária e ideológica*. São Paulo: Duas Cidades, 2003.
- BRADBURY, Malcolm. *O romance americano moderno*. Tradução: Barbara Heliodora. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- BRAYNER, Sônia. *Graciliano Ramos* (org). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Tradução: Carlos Sussekind et alii. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- CARLEIAL, Adelita Neto. *Cultura migratória*. Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil de 4 a 8 de novembro de 2002. Disponível em: <http://www.abep.net/po.unicamp.br/docs/anais/pdf2002/GT_MIG_PO42_Carleial_texto.pdf>. Acesso em:

jul. 2008.

CANDIDO, Antonio. "The Brazilian Family". In: SMITH, L. Marchant (Org). *Brazil, portrait of half a continent*. New York: Pryden, 1951. p. 291-312.

CHAVES, Flávio Loureiro. *História e literatura*. Porto Alegre, RS: Ed. da Universidade / UFRGS; MEC/SEsu/PROED, 1988.

CHIAPPINI, Ligia. *Literatura e cultura no Brasil: identidades e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2002.

DACANAL, José Hildebrando. *O romance de 30*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

DAUPHIN, Cécile. "Mulheres sós". In: PERROT, Michelle (Org) *História das mulheres: o século XIX*. Tradução: Cláudia Gonçalves e Egito Gonçalves. São Paulo: Ebradil, 1991.

DEL-PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

DEMOTT, Robert. "Introduction". In: STEINBECK, John. *The Grapes of Wrath*, USA: Penguin Classics, 2000.

DICKSTEIN, Morris. "Steinbeck and the Great Depression". In: BLOOM, Harold. *John Steinbeck*. New York: Infobase Publishing, 2008.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Tradução: Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FONTEROSE, Joseph. Biblical parallels emphasize de spiritual aspect of the Joads family journey. In: NASSO, Christine, *Industrialism in John Steinbeck's Grapes of Wrath*, Greenhaven Press, 2008.

FORTES, Rita Felix; ZANCHET, Maria Beatriz. *Sabor e saber: o lugar do conto na escola*. Foz do Iguaçu: Editora Parque, 2007.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. 2. Ed. São Paulo: José de Olímpio, 1951.

FRENCH, Warren. *John Steinbeck*. Tradução: Elizabeth e Djalmir Mello. Rio de Janeiro: Lidador, 1966.

GONZAGA, Luiz; DANTAS, Zé. "A volta da asa branca" in: *Convidados cantam Luiz Gonzaga* (CD) v. 2. São Paulo: Estúdio Art Mix. 1997.

GORENDER, Jacob. Graciliano Ramos: lembranças tangenciais. *Estudos*

Avançados, vol.9, nº. 23: São Paulo, jan./abr. 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141995000100021&script=sci_arttext&lng=en>.

HAI DUKE, Alessandro Andrade. *Chão partido: conceitos de espaço nos romances O Quinze de Rachel de Queiroz e A Bagaceira de José Américo de Almeida*. Curitiba, PR: 2008. 125 p. Dissertação de Mestrado. UFPR, 2008. Disponível no portal de teses da Capes: <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=2008140001016035P1>>.

KETTNER, Michele Nascimento. Toada nordestina: dissonância de vozes femininas no regionalismo brasileiro. *American Studies Association*. 2009. Artigo disponível em: <<http://lasa.international.pitt.edu/members/congress-papers/lasa2009/files/NascimentoKettnerMichele.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2010.

KLEIN, Carlos Jeremias. A espiritualidade norte-americana na perspectiva de Paul Tillich. *Revista Eletrônica Correlatio* n. 6 - novembro de 2004, p. 85 a 103. Disponível em: <<http://www.metodista.br/ppc/correlatio/correlatio06/a-espiritualidade-protestante-norte-america-na-perspectiva-de-paul-tillich/>>.

LINS, Álvaro. “Valores e misérias das *Vidas Secas*”. In: RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 32. Ed. São Paulo: Martins, 1974.

LISCA, Peter. Steibeck’s personal observations informed. In: NASSO, Christine, *Industrialism in John Steinbeck’s Grapes of Wrath*, Greenhaven Press, 2008.

LOBATO, Monteiro, *Urupês*. São Paulo: Brasiliense, 1959.

MAFESSOLI, Michel. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Tradução: Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MALARD, Leticia. *Ensaio de literatura brasileira: ideologia e realidade em Graciliano Ramos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1972.

MCENTYRE, Marilyn Chandler. “Natural Wisdom: Steinbeck’s Men”. In: BLOOM, Harold. *John Steinbeck*. New York: Infobase, 2008.

MCKAY, Nellie Y. “Happy [?]- wife-and-Motherdom”. In: BLOOM, Harold. *John Steinbeck*. New York: Infobase, 2008.

MELO NETO, João Cabral de. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

NAHOUM-GRAPPE, Véronique. “A mulher bela”. In: PERROT, Michelle (Org). *História das mulheres: o século XIX*. Tradução: Cláudia Gonçalves e Egito Gonçalves. São Paulo: Ebradil, 1991.

NASSO, Christine, *Industrialism in John Steinbeck’s Grapes of Wrath*, Greenhaven Press, 2008.

OLMI, Alba. *Vinhas da Ira: entre realismo e simbologia, uma página da história*

americana. *Espéculo - Revista de Estudios Literarios*. Universidad Complutense de Madrid, 2004. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/especulo/numero26/vinhas.html>>. Acesso em: 24 set. 2007.

PARINI, Jay. *John Steinbeck: uma biografia*. São Paulo: Record, 1998.

PALERMO, Iraídes Fátima Bogni; CARBONEL, Thiago Ianez. A retórica da reificação: reflexos contextuais no romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. In: I SIMELP- I Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa, 2008, São Paulo. *Anais do I Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa*. São Paulo : USP-FFLCH, 2008.

QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*. 80 Ed. Rio de Janeiro, José Olympio.

QUEIROZ, Rachel de; QUEIROZ, Maria Luíza de. *Tantos anos*. 3. Ed. São Paulo: Siciliano, 1998.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 32. ed. São Paulo: Martins, 1974.

RODRIGUES, Helenice; KOHLER, Heliane. *Travessias e cruzamentos culturais*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2008.

ROUART, Marie-France. “O mito do judeu errante”. In: BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Tradução: Carlos Sussekind et alii. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1994.

STEINBECK, John. *Vinhas da ira*. Tradução: Herbert Caro e Ernesto Vinhaes. Rio de Janeiro: Editora Brasileira, 1978.

SOUZA, Ricardo Luiz de. O catolicismo popular e a Igreja: conflitos e interações. *Revista de História Unisinos*, maio/agosto 2008, Porto Alegre, p.127-139. Disponível em: <http://www.unisinos.org.br/publicacoes_cientificas/historia/index.php?option=com_content&task=view&id=83&Itemid=168&menu_ativo=active_menu_sub&marca_dor=168>.

THORP, Willian. *Literatura americana no século XX*. São Paulo: Lidador, 1965.

VENÂNCIO, Renato Pinto. “Maternidade Negada”. In: DEL-PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

WALKOWITZ, Judith R. et alii. *História das mulheres no Ocidente*. Vol. 4. São Paulo: Ebradil, 1991.

WEBER, João Hernesto. *Caminhos do romance brasileiro*. Porto Alegre, RS: Mercado Aberto, 1990.

WINDSHUTTLE, Keith. Steinbeck exaggerated the scale of the okies' misfortune. In:

NASSO, Christine, *Industrialism in John Steinbeck's Grapes of Wrath*. Greenhaven Press, 2008.